

SILVA CARVALHO

A DOENÇA

EDIÇÕES AQUÁRIO

For Silva Carvalho, it is in illness that one becomes most aware of one's body. Such awareness prevents ethereal flights of fancy and brings a return to the material and even animal nature of being human. But Silva Carvalho has every right to fear the implications of such exposure of illness since through the body the poet may be led astray and his poetry may never cohere, never unify, and never satisfy common sense and good taste.

Albert Blake

In Silva Carvalho's books, that is, in his singular experiments with the so-called poetic language, each gesture toward lyric closure suddenly lapses into something like prose, with its resistant wordly flatness and its utter openness to contingency. Silva Carvalho probably wants us to feel how fleeting and ineffective our capacity for aestheticizing is in relation to the world of fact. Yet at the same time he wants that concern with aestheticizing to pervade the entire text so that we find ourselves strangely empowered by this particular overall attitude toward our own contingency and impotence. We sense the sensation of impotence and fear made articulate, so that we cannot rest simply in those all too standard states, but we have to explore the inescapable complexity of feeling which the self-consciousness brings. In that unheard of sense Silva Carvalho offers to the reader the possibility of an aesthetic therapy.

Oliver Patton

SILVA CARVALHO

A DOENÇA

EDIÇÕES AQUÁRIO

Autor: *Silva Carvalho*

Título: *A DOENÇA*

Direitos reservados para a língua portuguesa:

© Edições Aquário

Editora: *Edições Aquário*

edicoes_aquario@hotmail.com

Autor: silvacarvalho@hotmail.com

Site: <http://www.silvacarvalho.com>

OBRAS PUBLICADAS

Poesia

(em português)

SUOR DO TÉDIO (1969) Edição do Autor

MEMÓRIA DO PRESENTE (1977) Brasília Editora

CANÇÕES (1978) Edição do Autor

ASSIM (1979) Brasília Editora

ESSAS VOZES (1983) Quatro Elementos Editores

ANTES O PARAÍSO (1985) Black Sun Editores

75 SONETOS (1985) Solcris Editora

AO ACASO (1986) Brasília Editora

SETEMBRO (1987) Solcris Editora

PENTALOGIA AMERICANA:

DA ESTUPIDEZ (1988) Brasília Editora

ADIVINHA: ESTILICÍDIO E ENCICLIA (1989) Brasília Editora

NEM PROSA NEM POESIA – OUTRA COISA (1990) Brasília Editora

EM QUESTÃO (1991) Brasília Editora

O PRESENTE, A PRESENÇA (1992) Brasília Editora

A EXPERIÊNCIA AMERICANA AO VIVO (2003) Edições Aquário

CAOS INDELÉVEL INEFÁVEL (2004) Edições Aquário

CYPRESS WALK (2007) Edições Aquário

SONETOS PORTUGUESES (2012 – www.silvacarvalho.com) Edições Aquário

4328 (2015 – www.silvacarvalho.com) Edições Aquário

ISLA VISTA (2015 – www.silvacarvalho.com)

A DOENÇA (2015 – www.silvacarvalho.com) Edições Aquário

(em francês)

LES TROIS AGES (1973) La Pensée Universelle

Porética

TRILOGIA PORÉTICA :

O PRINCÍPIO DO ECO (1993) Brasília Editora

TEORIA DA DISPONIBILIDADE (1994) Brasília Editora

CRÍTICA DAS REPRESENTAÇÕES (1995) Brasília Editora

MAIS OU MENOS (1998) Black Sun Editores
NEW ENGLAND (2002) Edições Aquário
MEDIOCRIDADE (2003) Edições Aquário
AS ESTAÇÕES (2004) Edições Aquário
TETRALOGIA FÁTICA (2005) Edições Aquário
DÍPTICO MUSICAL (2005) Edições Aquário
ELAÇÕES DO PEJORATIVO (2012 – www.silvacarvalho.com) Edições Aquário
LOGO (2013 – www.silvacarvalho.com) Edições Aquário
TALVEZ (2014 – www.silvacarvalho.com) Edições Aquário
MUITOS ANOS DEPOIS (2015 – www.silvacarvalho.com) Edições Aquário

Romance

PALINGENESIA (1999) Fenda Edições
O ROMANCE CONTEMPORÂNEO (2000) Tertúlia Editora
QUE ESTUPIDEZ! (2003) Edições Aquário
O RITO DIÁRIO DE UM HIPOCONDRIACO (2004) Edições Aquário

Ensaio

A LINGUAGEM PORÉTICA (1996) Brasília Editora

AO LUÍS ADRIANO CARLOS

The truth is that a man's sense of the world dictates his subjects to him and that this sense is derived from his personality, his temperament, over which he has little control and possibly none, except superficially. It is not a literary problem. It is the problem of his mind and nerves.

Wallace Stevens

LIVRO I

VARIAÇÕES SOBRE O MEDO

PRIMEIRA PARTE

A COMPOSIÇÃO

É do puro Novembro que quero falar.
E desta sensibilidade que me definha.
Ser homem não tem mais sentido
porque uma lágrima desliza sem destino.
O sol declina, rasteiro astro entre folhas
que se despedem da árvore que as alimentou.
Está frio, mas nada disto tem importância.
Importante é sentir-me demoradamente fraco,
sensível à luz como uma seráfica planta,
e desconhecer onde estou de tanto viver.
Haverá uma alma para tão sublime corpo?
Simples como um pensamento a poesia
transforma o real em imagens sem nexos
do esplendor que nos incapacita de ser.
Realmente. Ouvi uma confissão de rapariga,
senti-me mais do que pai ou do que amante,
um homem finalmente, indefeso, sem sexo.
E não soube responder. Apetecia-me
afagá-la como uma mão de mãe que sabe
onde encontrar a humanidade que se perde,
fiquei-me na intenção e no delírio.
Outubro conta-me histórias que acontecem,
e há tantos artistas que se desconhecem,
tanta virtualidade obscurecida pelo pão
que é necessário ganhar à sobrevivência.
Corrigia uma composição de uma aluna.
Neste lugar que te é conhecido, aqui mesmo,
onde um pálido sol fervilha de inacção.
Os outros são-me cada vez mais dentro
que é puro formalismo dizer que sou eu!
Disso, paradoxalmente, morro. A miséria
não pode ser vivida, mas apenas visualizada,
longínquo espaço onde a metáfora possa
prever os mecanismos da história moderna.
Se continuo assim não irei longe.
Preciso, a todo o custo, da panóplia,
da capa que me proteja do exterior vital.

Viver é sinónimo de crueldade ou de cegueira.
Quero a indiferença. Vê se me compreendes,
tu que lerás mais tarde este poema.

2/11/84

CHAMA ARDENTE

Que absurda felicidade me invade, ó Nada,
para estar aqui diluindo os raios do meu ser?
Uma paz sem nome alarga-me o silêncio
de gestos sentidos como alcance do intemporal.

Nada disto é possivelmente verdade, mas sou
quem me sinto, e se acaso minto a eternidade
é porque algo me alagou em sóbria calma,
um caminho onde o humano se cumpre e voga.

Alegria de mim saber que vivo e vou morrer.
Não é o cúmulo da esperança o que embala
esta palavra por demais absorta na denúncia.
Mas é o sentido como chama de fogo amante.

Nunca soube onde fui buscar a essência
de verbos que me alicerçavam ao desconhecido.
Ignorância palmilhei o trilho do castigo,
soube o sacrifício do corpo em hora aprazada.

Sorriso agora de quanto sofri no deserto novo.
Do antigo trouxe o tesouro que me entranhava
cada vez mais na terra da obsessão e do crime.
Escrever, se foi arte, armou-se de perigos.

Caí finalmente em mim de tanto me espalhar
pelo universo. Dos sentidos colhi a azáfama
com que o real anula a precisão do olhar.
Agora resumo-me à chama, e brilho outro sol!

2/11/84

VACUIDADE DO CARISMA

Dias descabidos, entre águas que vertem os céus
e o aconchego sempre distante da cama triste.
Apetece longinquamente viver, mas o destino
apodera-se do silêncio como se fosse possível
a perda no mecanismo avulso das emoções.
Vagamente se passa quanto cobre a consciência,
um halo antiquíssimo como a palavra erubescer
o sentido que se almeja no coração perdido.
Não há história que resista, mas a permanência
das coisas deblatera, realidade que se mastiga.
Sintaxe pobre, viver assim a sede de outrora
quando a memória falece e o futuro fustiga
em cintilantes revérberos a esperança no mundo.
Ganhar a vida, que remédio, diz o quotidiano,
e lá vai um homem lacerado até ao desterro,
reduzindo em passos de morte a distância
que o separa do cosmos, quase sempre devoluto.
Arte e ciência acabam o século vinte de frio.
A ameaça é um sol desconhecido quando fede
a política, os interesses são o homem lúrido,
a causa deixa uma irrisão no peito desgraçado.
Apocalipse, bradam alguns, os mesmos que comem
a fome nos restaurantes do período e da ágora,
o azul transmuda-se em poeiras radioactivas
no sonho que se petrifica em instantâneo da dor.
E depois a natureza não ajuda. A dicotomia
alastra, os contrários sorvem no mesmo poço
quanta leviandade escorreita tolhe a medida.
Resistir, diz a voz putativa, sobreviver ao caos,
eis o fito, o instinto, a capacidade humana.
Mas vale a pena? Inverno em toda a parte,
este solúvel sol moído pelas leis físicas,
os dias tão pequenos e as palavras truísmos
onde se recebe a bofetada que tardava há muito.
Um poema? Nada disso. Como se o espelho fosse
mais que a superfície por excelência, uma nódoa
povoando de pavor a fealdade que se adivinha.

Não estar aí. Não ser sequer a chama ou lâmina
que corta o paraíso em demência e castigo.
Um silêncio. Alguém, ainda hoje, sofre e desespera.

Milhões de mortos na realidade prazenteira
dos dias, a história ocupada com redemoinhos,
a negociata, a economia, o conforto apetecível.
Honra, honestidade: sobrevivências caducas: a casa
exige um outro olhar, dizem, e o amanhã fortuito
procura estabelecer nas consciências um fogo
capaz de esquecimento, de paz na ignomínia.
Dói abrir a luz televisiva e ver o mundo.
Sentir perde-se como fraqueza, o século arde
de poder, de desejo perverso, alimenta-o a guerra,
a contradição, a bomba, as duas faces do limite.
Que fazer? tornou-se retórica ou simples dado
na história do progresso em computadores ágeis.
Felicidade, um arroubo da mendicidade intelectual,
um escopo inventado pela desmesura anarquista.
Os dias sucedem-se frios e frágeis, faúlhas
tímidas na operosidade do ocidente miraculado,
cumprem-se os gestos, sopram-se as respirações,
lêem-se os jornais edificados pelas ideologias,
a produção diminuta, o cansaço conspícuo, o país
pátio das cantigas que se pensam hoje modernas.
Milhões de mortos, é a canção, e faz mal ouvi-la.
Um olhar dirige-se ao céu conspurcado de nuvens,
a chuva cai blandiciosamente como mão benigna,
ei-las, as estações, que nos enterram ano após ano,
indiferentes ao sofrimento, sempre diferentes
na igualdade que as identifica como necessidades
de uma lei mais indelével que todas as doutrinas.
De dentro, como quem escreve por hábito a vida,
um riso terrível, saber que é assim, para sempre.
Basta compulsar os livros de antanho, ouvir e ver
os discursos contemporâneos elevados a homens,
basta sentir que a razão apodrece de inteligência.
Revolução? Tantas quantas as idades, para que tudo
fique na mesma, lago afagado pelo vento telúrico.

Como uma chaga, esta estúpida alegria, viver, viver!
Canalha ou cego de nascimento, testemunha lorpa,
mas estar aqui como se o centro ainda existisse,
como se o corpo e o espírito fossem o universo,
o perímetro de um tudo que se esvazia no nada
onde já nem a alma pontifica por impropriedade.

14/11/84

IMITAÇÃO DA NATUREZA

Vagarosamente chove no cinzento do dia,
terrível agonia onde o planeta desertou o sol,
sobrando ao olhar uma surda melancolia.
Às vezes uma nesga de céu, perdido azul,
depois a escuridão pedindo livros ao ócio.

A casa fria, húmida, casual.
Alguma música, a memória do presente,
e vozes longínquas onde a língua arfa
por ser estrangeira e amada.

Felicidade? A impressão é de descuido,
como se algo pairasse, uma nódoa, uma dissimulação,
um sentido louco urdindo mentecaptos desvelos.
Medo, é quanto respira pelo dia o homem
preso à solidão, à doença, ao marasmo.
Em si a carne transmite-lhe sonhos despertos,
pesadelos onde a necessidade é um mito.

Amou desmedidamente as palavras.
Agora acha-as ridículos pontos de referência,
perdida a magia, o aceno gasto, a voracidade delida.
Pela casa ciranda, ritual ameno do desperdício,
gozando do tempo como da transcendência,
e por isso falho de sensações ou de ideias.
A emoção, quando surge, explode em lágrimas.

No espelho olha-se, e, paradoxal, vê-se jovem.
Apaziguado. Um halo de serenidade estúpida
borda-lhe o riso telúrico, enganam os mapas?
Vai sentindo quanto lhe abre a disponibilidade.
Mas perde peso. Como a chuva, cai em si
de tanto alheamento, e descobre-se vivo.
Um passo da natureza, um efémero testemunho.

Como colmatar o caos?
Outono não ajuda, e a ausência arde.
Talvez tudo seja nada.
Estação do homem, passagem necessária.

16/11/84

HINO À ALEGRIA

Tarde nodosa, o cinzento caído sobre as coisas,
o fim de semana desarticulado como um obsesso
melindre da natureza despersonalizada, custa
sentir que se é homem, e as imagens falham!

Não há universo nem linguagens ágeis, há a dor,
esta música imprópria para o consumo moderno,
há o sentimento, pergaminho da miséria nova
que cresce como um cancro na fria consciência!

Um desejo terrível, desvairar pela palavra.
Perder o sentido no remoinho da língua áspera,
proferindo dislates e contumélias ao tempo,
achando o profético vislumbre da intemperança!

Destruir em tudo o lodo profícuo do engano,
galvanizar a ilusão com passos temerários,
encher de vento o sopro dionisíaco que aflora
a fímbria perdurável do riso chasqueador!

Vingança? Desamor? Irresponsabilidade?
Palavras... Pedintes do foro íntimo, truísmos

onde encalha o vazio que se faz presença de todos,
até da escumalha que pondera a necessidade eterna!

Mas sobretudo, o medo... A medida maiúscula,
prever a queda como uma materialidade suja,
sentir que nada se ganha com o sofrimento, até
ao momento fatídico em que estremecer arvora!

Gorda substância, a vida, o poema desiludido,
um espasmo na noite desvirtuada, um grito lúdico,
aparas metafísicas onde o fogo larga faúlhas,
onde a água apaga o concreto da ideia maior!

Algures um suspiro, esse corpo que arfa queima
quanta memória lhe aparece nos interstícios,
a morte salva pela ausência aquele que se imola,
um terrível facho na escuridão da luz solar!

17/11/84

A SEDUÇÃO DO MAL

Sê por um momento alguém e consola-me!
Abre-te, e ouve! Não fujas! Estou aqui,
nesta página que acabas de encetar,
falo-te do limite como furto da vida,
desejo-te mulher para que compreendas.

Deixa-me um só instante, animal, sentir
em ti o animal que somos, quero o poder
de imaginar a comunicação como um traço
maior da conquista que o homem forjou!

Não estou triste. Não sou infeliz.
Seria bom demais saber-me no perímetro
da humanidade. Quem te fala existe, sou eu,
eu que vivo perdido na ausência de mim,
um corpo revoluto onde o espírito arfa.

Quero-te bem perto, escuta! Sou aquele
que sai da natureza com o ferrete terrível
da monstruosidade, o louco, não da demência
amiga a horas certas e psiquiátricas,
mas do sofrimento que mede a distância
que me separa do mundo onde habita o hábito.

Escuta! Já nem te falo da sociedade,
dos homens que governam o destempero,
dos desgraçados que se vergam à história.
Falo-te do que consentes como ser humano,
da minha perda no seio sedutor do nada,
um homem à deriva na mesquinha perseguição
onde o quotidiano lambe as labaredas,
onde a sede é tanta que se desconhece
o sentido verdadeiro da palavra água!

Repara, há na sintaxe qualquer coisa
de morte, um certo odor a incompetência,
a cega ordem, como se a herdada natureza
se soubesse agenciada no conluio da razão.
Não te quero fazer medo, mas medra o mal.
Escuta o sol, que te diz a canção solar?

Que os séculos do homem se extinguem
como mentiras em páginas apodrecidas
de livros que se intitularam a lei.
Sabes melhor do que eu, porque és mulher,
que a terra não perdoa a quem se ilude.
O grão é fundamental. O esperma liberta.
Mesmo se depois se perde a necessidade.

Quero que sintas, como eu, o torvelinho
da realidade, estar aqui tão vivo e nu,
desperto ao sentido que cresce na coisa,
e longe, como um aceno da eternidade!

As palavras instigam-me à perdição.
Ignoro o que é sê-la, e no entanto, ouve,

há um chamamento na raiz, há uma chama
que bruxuleia qual insecto carnívoro,
a ausência de futuro como um álgido
furo na complacência metódica do ser!

Estou tão inseguro como um garoto de ontem.
Viver não me valeu de nada! Parece estupidez
dizer-te assim a evidência, mas um dia,
sais de ti, descobres que só a morte te abre,
verdade incestuosa onde vociferas o degredo.

Os anos sussurram uma porosidade esdrúxula.
A coluna perde a consistência, a velhice
vagueia, veloz e máxima, como um escarro
de quem se mortifica na contemplação do nada.
Ouve-me bem: amo-te. Não interessa quem sejas,
és e eu sei que estás aí, nesse lugar outro
onde a estética se anula para surdir alma.

Sim, sim, mesmo se te parece precoce pedir
ao zelo a necessidade de um encontro.
Olha-me nos olhos, sê espelho! Que vês?
Aquele que fixa no instante o sortilégio
do tempo e o acaso do espaço, sabe.
Também tu, que me desconheces. Vale a pena
mentir? Tudo tão claro quando a dor fala!

17/11/84

ENTRELINHAS

A idade dilui-se em marasmo,
o quotidiano infiltra-se como a única história
capaz de trazer ao homem o preço do tempo.
Banida porventura a inteligência,
resta à palavra destruir a poesia contemporânea,
com apoplexias medonhas retratadas em câmaras
de sigilo e de degredo.

Nenhum homem renasce de si mesmo.
Mas passa, sibilina, a forma do delírio,
uma impressão que se teve quando o alcance
significava a juventude do verbo.

Voltar atrás não é sistema.
Perece a filosofia quando o hábito
se repercutiu pela existência, e o pensamento
deixou a ganga do método para inventar
a harmonia no desperdício eterno.

Passar, passar, é o lema.
Aparecer pela primeira vez na terra,
vagir alguns sentidos do animal primórdio,
suportar o castigo da casa ser social,
e depois, sempre assim, crescer até que o homem
lance no chão a sombra do seu declínio.

Há uma mamal metafísica do tempo.
Basta existir e ver.
Basta sentir que algo se esvai,
uma vertigem quando o corpo escorrega,
o baço do espelho que ressurgue e fulge
no descampado sitibundo onde a memória arqueja.

As dicotomias estrangulam de raiva a permanência.
Novas teorias para velhos sofrimentos,
a roda, já não símbolo nem sequer imagem,
roda pelo silêncio sideral que é a consciência.
Há quem não saiba e assim subscreva a ordem.
Mas só o caos redime, pulso febril da matéria
onde o sonho desperta na ausência.

Crise?! Congregados pela solidão de hoje os anelos
asfixiam na dor da possibilidade inexaurível,
que gramática humana resiste ao turbilhão?
E no entanto, é preciso viver.
Mesmo se a evidência trucidada os males
que nos governam, melhor talvez que o suicídio,

a estúpida dádiva do sem sentido,
sentida como a força que galvaniza o tédio.
Crise?! Antes o lugar comum da hora.

Nada aparentemente mudou. Mudou tudo,
digo-o eu. Que persisto neste vaivém telúrico,
esventrando a fome de lucidez onde definha
qualquer estética que não esteja preparada
para sofrer os ânimos da época.
Não é por acaso que quem fala consente.
É pela inversão que se atinge o mesmo.
Meu escopo não será todavia meu,
alçado ao sublime da incompreensão
será o único grito na mansidão do deserto,
uma natureza tão monstruosa que fará inveja
àquela que desfila na igualdade das estações!

Uma vontade que se faz homem e me é indiferente,
esta língua liberta de todos os cataclismos,
e tão subitamente surda que surde inopinada
ao clarão nenhum da consciência que soletra.

Entre os possíveis navega, regra sem jogo,
logro do limite, e apanágio perdulário da alma,
essa verruga onde o corpo se imiscui da visão
que se teve, que se tem quando a hora se aproxima.

Inominável, arde, o tempo.
Esgoto, a frequência tautológica dos dias,
algumas alegrias no ressaibo da carne leda,
certas tristezas tão miseráveis que o testemunho
se corrompe como livro exposto à humidade.

Não há que dizer,
mas tudo diz, suspicaz boca, até o âmago,
o sol ao contrário da sensibilidade redentora,
sofrer a sofrível mediocridade dos sentidos!
Sorte tutelar, assistir pávido ao cúmulo
da deflagração anímica, a prática etimológica

esvaída num sangue que faria vergonha
ao próprio homem, se o fosse, ou se houvesse!

Caminhos, quais?, perdidos debaixo do alcatrão,
quando o século é fim, e a vida elo.
Ei-lo que chega, o momento da nostalgia,
e uma irrisão taumatúrgica ganha a ferocidade
do destino que se dá ao paulatino estremecimento.
Êxtase, lambia a carne o espírito de ontem.
Não mais cair na ratoeira, antes invectivar
as ausências como necessidade periódica de deuses,
antes vociferar a animalidade que nos retrai
diante da imensidão cósmica do nulo absoluto.

Não há caminhos. Mas avança-se, rodeia-se
o perímetro da solvência, utilizando as palavras
como tijolos da cidade antiquíssima, e por isso,
inexistente. Foi um sonho. Passou, passou.
Agora resta-nos o aqui, e aqui nada significa.
Quer dizer, a retórica pontifica seus lucros
no comércio do pensamento poético,
e sabe que vais desaparecer, mais um
no entulho da terra sempre virgem de medo.

Resta a alegria, cantar.
Selvaticamente disperso até ao escárnio,
roldão de tudo no remoinho parafraseante
do nada que avilta a razão como o raciocínio,
só como um segredo, e embaído de mal.
Não haverá escola, muito menos escala.
Das pegadas sulfurosas onde o verbo se esgota,
sairá um hino terrível como a despersonalização
da palavra. Só queda, e, por fim, desgosto.
Estranha sabedoria, saber que a ignorância
é o melhor lugar da estesia! Dele me desfaço.

18/11/84

PARÁFRASE DO QUOTIDIANO

Sôfrego de quanto sol existe, ei-lo,
na marquise virada para o sul da consciência,
sussurrando velhas canções do declínio,
um sorriso nos lábios, o olhar perfeito
de quem viu o fim e sabe que o regresso
só persiste na palavra que o define.

Depois, há certas ilusões que esvaecem,
como pensar que se acalenta o sonho
em pleno desenvolvimento do capitalismo.
Podridão, mesmo se asséptica, é o clamor
que percorre os meandros da contemporaneidade,
nos discursos secos dos políticos desprezíveis,
nas revistas que consomem o padrão da ideia
que se quer fazer do século no seu postremo delírio.

Claro que a música não debandou. Vacuidade
plena diante do real, ela assume a carícia
perdida quando a carne desiste do amor.
Tudo, paradoxalmente, se revela impossível.
O mais breve gesto, a meditação insulada,
o carinho que ontem se prodigalizava ao nada,
paragens ou estações da demência actual.

Viver simplificou-se ao verbo no infinito.
Não é ironia, mas o pressentimento trágico
de que a vida algures noutras paragens
reflecte o ódio que se tem pelo destino.
Vencer a náusea não é tarefa fácil.
Basta haver rotina para que o melhor
do homem se perca em aluviões de esgares.
E se a imagem é corriqueira, resta-nos a arte,
esta luz demiúrgica deslizando como um líquido.

Ei-lo, o sol, finalmente, depois de semanas
encharcadas na chuva do outono sofrível...
Uma pausa, e todo o universo brilha...

Tanto azul que só pode ser um berço
para quem sofre o dia a dia da desmedida.

19/11/84

COROA DE ESPINHOS

Entre a vertigem e a cefaleia medonha
passam os dias, fogueiras perdidas
onde se consomem as pútridas esperanças.
E nasce o sol, mas o olhar não admira mais
o quente do céu quando o amarelo líquido
traduz a consciência da natureza avara.
Insensível, passo pela casa os passos
de quem desobedeceu e foi castigado,
a memória é um fosso escuro onde a luz
reduz à cegueira a vontade de compreender.
Maldição é quanto ecoa nos meandros ácidos
das horas desperdiçadas pelo medo.
Ao fundo, e tão perto, a morte seráfica,
insubstancial maneira de viver o destino
como se fosse necessário perecer agora.
Anavilhado pela dor, nenhum sentimento,
mas o terror cíclico, a perda dos sentidos
como um naufrágio onde o oceano comove.
Paulatino, esporádico, imbecil, o hábito:
juntar palavras na composição final,
duvidando da sintaxe, deplorando a semântica,
um casulo doente reflectindo o nenhum carisma
que se evola pelos dedos enclavinhados.
Se não é loucura, estou salvo! Se o é,
tropeço, galvanizo o espaço, estremeço
como palavra que nasce no redemoinho seco
onde o vento é sopro, é espírito nefasto.
Cair parece ser a tendência de hoje.
Um corpo imponderável, o sangue latejando
nos ouvidos, e o fora tão longe como paisagem
que recrudesce pelo simples facto de se olhar.
Amo tanto a vida, sussurro obstupefacto.

Viver, mesmo a dor, cada dia a atmosfera
de um universo onde não fui criado,
que a origem está no fim, disse o poeta.
Calo bem fundo a perdição da carne.
Novo, este sofrível som, da tempestade.

26/11/84

ESPERANDO, ESPERANDO

Procura, sibilino, uma significação para o sol,
uma outra palavra que lhe dê o gozo de proferir
suaves cânticos, antiquíssimos hinos de amor.
Mas desacreditado pela ciência apenas olha,
não vê nem poesia nem fantasia, mas uma estrela
explodindo luz sobre este nodoso planeta
onde o homem persiste na telúrica sobrevivência.
Na varanda, insiste, porque é inverno quase,
sobre o clarão que naufraga pelos céus azuis,
e descobre um extraordinário poema nesse olhar.
Miraculado pela hora, mas pleno do horror surdo,
sente-se um ente dividido entre a origem e o fim,
e chora, perdido na essência da língua descuidada,
chora a orfandade e o limite, o desejo sublimado.

Regressa depois ao deslumbramento do quotidiano.
A casa ora fere ora recolhe, a dualidade arvora-se
como o mimetismo da imagem desgovernada, ele sabe
que só haverá paz quando já não estiver presente,
quando se dessentir da aparência e do conteúdo,
um fantasma percorrendo a dúvida e a certeza.
Mas agora paira uma música feita no século,
alguém canta palavras inusitadas como o delírio,
fazem-se apelos despropositados ao suicídio,
ele ri, silencioso casulo da intemperança, ri.
Desconhece o que advirá, presente uma idade
onde as coisas serão finalmente vividas de dentro,
talvez tarde demais, talvez quando for uma coisa.

Faúlhas da criança explodem na pele sedosa
da consciência timorata, um pesadelo, pensa,
desfeito para a memória ou para o engano
prefere virar-se para as forças do momento,
uma realidade impenetrável como o mundo,
a sucessão de factos pedindo ser à história,
a mediocridade da vida onde ganhá-la equivale
a perder-se o puro desfibrar da existência.
Recosta-se à parede amarela do sol tutelar,
longe a loucura, perto as sombras da tarde
finalmente declinante, deixa de sentir-se ser
para navegar na superfície das sensações nuas,
a vida por aprender, a significação incompleta.

27/11/84

PELO TEMPO PERCORRIDO

Curioso da morte que perpassa
em forma de desaparego e de desmembramento,
ei-lo, atirado para as palavras,
sem saber como duvidar da essência tautológica,
perfil dorido do contemporâneo brilho
que desiste frente ao foro íntimo do sonho.

Senta-se para ser homem e ter realidade
como se fosse verdadeiramente um ser humano,
ouve canções que lhe trazem ora alegria
ora desespero,
e impossibilitado de ir mais além,
que é viver,
vive essas canções como se fossem destinos,
sentindo-se deus, apanágio e sombra

Algumas vozes dão-lhe o drama.
Outras embalam-no até à exaustão,
doce fluido onde o cosmos se reconhece,
como se o universo fosse um teatro de incógnita,
lugar sem excelência da lei ignota,

tumulto onde os tempos se digladiam em arenas
que subsumem as areias flutuantes das estrelas.

E passa a tarde, alguma dor de cabeça,
lembra-se de Van Gogh, de Nietzsche, de Artaud,
antigos companheiros da arte de viver,
uma lágrima diamante cortando a pele do rosto
até se perder na desleixada barba
de alguns meses.

Esse sangue é sol desmaiando
no infinito do nada, agora que a noite
suspira necessariamente pela suspeita
de um objecto ou mundo diferentes.

Estar assim, sempre, sussurra.
Ninguém o ouve, por condição.
Estranho verso, ver-se tão distante
quando quem pensa é do corpo o sopro,
chama talvez doente arquejando uma paz
onde as tréguas seriam apenas figuras de retórica.

Que tem feito?
Sofrido, sabe-o bem, e sorri,
há perguntas que nunca deveriam ser feitas.
Onde vive? O espaço falha,
o tempo vocifera impropérios,
a história grosseiramente atinge o fim
do vigésimo século depois.

Experiência?
Quase quarenta anos de insuportável fome,
de tudo, que do nada recebeu a visita
desde cedo, desde jovem.
Triste?
Inadjectivo estar, assim permanecer,
até à morte, na linguagem o fogo do jogo,
na memória quem nunca foi por impossibilidade.

A família ausente.
O trabalho mais logo, quando a noite
exaurir ao máximo o devaneio,
a perda do sentido,
ou a perspectiva do acerto.

Ei-lo, Leitor, o mistério.
Estes escaninhos controversos,
a figura sibilina da arte uma gargalhada
que vitupera o desânimo como o medo,
mas que fazer?
Não quero que respondas.
Medita apenas, sentindo bem fundo
que não existe nem fundo nem perspectiva,
mas representação,
essa bengala capaz de dar ao homem
quanto lhe retira de humanidade e de gozo.

Acaba-se o poema.
Sofrível mediocridade,
tanger o pleonasma como dissimetria,
para que tudo seja, pulsar do sangue,
riso doloroso nos lábios perdidos de significação.

27/11/84

ENTREMEZ

Mais perto, penso, onde o fundo seja
finalmente alma, quero.
Nenhuma luz, mas o brilho do sol,
a manhã naufragada
no sem sentido de todos os dias.
Onde estou deixou
há muito de interessar o homem.
Quem sou desespera-se
no conluio onde falta o encontro.
Vou tenebroso anelo
até ao máximo de mim mesmo asa.

Navego o quotidiano,
um silêncio semântico ao redor.
Não é a alva solidão,
é quando muito a expansão anímica.
Longe, num futuro furo,
aquele que governa ri da dádiva.
Ninguém pelos corpos,
todos além, ficções da realidade.
Sentir perde-se algór,
a sensação justifica o nulo medo.
Ambiguidade, dizer-te,
a salvação do discurso moderno.
Eles querem objectividade
onde o deserto ganha a sombra.
Nítido destino, saber
que nenhum lugar é o centro.
E dói, como uma ferida,
a fereza da vida extemporânea.
Nada a fazer senão ser,
barco onde a metáfora arde velha.
E depois, este desejo,
atingir a fímbria do outro mundo.
Não do que prometem,
mas do que ainda não somos.
Luta quotidiana, perecer
parece destruir a ideia de essência.
Mas que substância melhor
para a feitura de qualquer poema?

28/11/84

PORNOGRAFIA

Para se sentir vivo instala-se no papel,
desdobra-se em palavras e espera, com emoção,
que o mundo se lhe abra em profundidades
raras, terríveis apóstrofes da desilusão.

Sentir é como se saber o sol ou um planeta
que gravita sem sentido pelo inconsciente,
essa galáxia nodosa onde o leite, se purifica,
não ilude o que de sexual gira no universo.

Sente-se, pois, pela retórica do disparate,
um ser sedoso naufragado no quente esperma
que desliza silente entre o azul do nada
com que se inspira o futuro da humanidade.

Paira, medular e tutelar, num sono severo,
feito de quanto sofrimento existe na terra,
acorda para receber o acordo da lei misteriosa,
do enigma só colheu o drama da juventude séria.

Dirige-se para a morte, entre sorrisos e algas,
filho espiritual de quanto desaprendeu em livros
que afirmavam a negação como uma possibilidade,
pobres dos ingênuos quando as bengalas claudicam!

Ei-lo, e essa invocação, mais feérica que literal,
desmente a essência para que o pensamento
sobreviva entre a dor de um novo parto irreal
e o tûmulo que galvaniza a ideia da história.

Possesso, mesmo se a palavra diz tudo, tem tempo
para sentir em si a alegria do puro existir,
desse flutuar onde desejos surgem em formas
tão aliciantes como a da mulher, sua conterrânea.

E perde-se no fundo vasto do húmus animal,
quente como um recém-nascido que se desprende
do sonho para viver o movimento, na respiração
ofegante com que culmina a vinda de si mesmo.

30/11/84

DEPRESSÃO

Terrível outono, se terrível
ainda quisesse dizer alguma coisa
quando se fala furibundo do destino
das pessoas.

Não há mundo, é a sensação,
mas este cinzento corrupto, cratera
impossível onde a imaginação se revolta
por saber que tudo se resume
ao sofrimento.

O próprio poema desobedece.
Ignora, por princípio, a lei,
despreza a materialidade sedosa
das coisas, insurge-se, estúpido,
contra as correntes ctónicas da língua
no seu mais apurado canto.

Outono dispéptico, se assim for.
Serenos dias sem sol, e a aliteração
escorre esta humidade vivida
de quem já conheceu dias melhores.
A chuva, no seu grau mais abstracto,
cai em silêncio, um mapa ferido este coração
incapaz de soturna melancolia ou de nojo.
A tarde é isto. Este nada. Este nevoeiro.
Sinto-me não sei como, indefinido,
aquém do homem que me conheci,
um espasmo de antigas tremuras
quando a imagem do ser descia sonora
sobre mim, o adolescente.

Mas o sono demora, aurora fugidia
onde o impossível se faria realidade,
entre versos arrítmicos, entre gestos
fugazes, traumatismo feliz da decomposição.
Esta humidade, este húmus, este corpo
sem solvência, pedindo céu
quando é a terra que espera a sombra!

Nenhuma ideia, e não é o vazio!
Antigo veio, relembro os começos,
as aflições da medusa em forma estética.

4/12/84

AGONIA UNIVERSAL

Há gritos abrasadores, e eu ouço-os
pelos desvairados ares da hora contemporânea,
sem saber de onde realmente vêm,
como se milhões de homens morressem
neste instante, desprotegidos da alma,
com os corpos incendiados,
ideias afogadas no nulo clarão
do possível pensamento.

É uma música onde o horror
galvaniza, o estômago arrefece de medo,
uma dor titânica apodera-se dos nervos e das veias
até chegar como ustão à consciência.

Onde se cometem carnificinas,
para as sentir tão presentes no meu peito?
Que mundo se perde em guerras,
que diplomacias se esfregam as mãos
de contentamento, para me doer tanto a vida,
no ctônico redemoinho do pressentimento,
na lucidez de notícias que se perdem
pelos jornais do nosso descontentamento?

Quem nos guia, quem nos limita o voo?
Políticos párias putrefactos do antigo,
ei-los, que não sabem como fazer
para fazer do homem um ser maior e humano.
Que dizem? Possivelmente que tudo vai bem.
Onde escolhem as palavras,
que as ouço tão velhas e doídas?
Não é certamente na realidade da fome.

Gritos impossíveis de dor e sofrimento,
Ouço-os, não sei o que fazer,
enterrar o corpo na areia do esquecimento,
ser estúpido, ignorante, imbecil,
mas não sentir esta música de holocausto,
este desastre sem extensão nem localização,
esta catástrofe onde o humano se joga
para perder da história a memória
de quanto edificou em eras anteriores.

7/12/84

O PROBLEMA DO NÓ

Cicia comovente o silêncio da casa,
uma estadia fora do humano,
o grito abafado dos utensílios da crueldade,
porque é ódio quanto desliza no pensamento.

O desejo importuno de queimar o horizonte,
de quebrar o corpo em ânsias ásperas,
ouvindo-se a música de coros antiquíssimos,
gemidos e lamúrias de gestos podres.

O lado visceral da loucura,
apogeu teratológico da tautologia,
uma máquina feliz furando de fúria feroz
a estupidez hodierna de uma aliteração.

E súbito, como no filme do futuro,
uma carícia tão espessa que a emoção
perde o corpo, a casa, a memória,
e refugia-se no papel do absoluto desprezo.

São quadras impossíveis, e transformam a hora,
o destino severo da poesia que não se faz,
são palavras onde o fogo arde,
fímbria insonora da desmedida do acto.

E ele, o que nunca será poeta,
ei-lo, pletórico de retórica, um facho,
uma chama, a exposição moderna do logro,
o sofrimento na sua carne mais profana.

Nada existiu antes. Nada será depois.
Só persiste a raiva e o suor e o ódio,
o desejo mil vezes gratuito de saber a verdade
que escabuja na ilusão do mundo ocidental.

De que servem as concordâncias,
quando a vida desterra da gramática o sebo,
a múmia, o pó daquele que vai desaparecer?
Sôfrega palavra, querendo ser mais que verbo.

7/12/84

O PREÇO DA GENIALIDADE

Servidão, teu arco leve alivia a mudez
da palavra que ignora quanto desconhece.
Quem pensa é o mundo, e o mundo muda de voz,
atroz mecanismo da contingência quando a palavra
atinge o domínio perdido da insignificação.

Inutilidade estulta, esta vesânia,
preencher de nódoas o horizonte do homem,
como se o possível tivesse uma casa,
como se a comparação medisse o fascínio
da insuportável ausência.

Só quem viu o fogo no marasmo da carne,
só quem sofreu a presença como um absurdo,
sabe que nada merece um hino de louvor,
nem essa totalidade onde se joga a lucidez.

Servidão, meu inimigo, sabê-lo assim
dói, dizê-lo assim destrói o pulso da história
que poderia ser individual e indivisa,

mas que se perde, matéria putrefacta
da lisonja em que se tem o pensamento humano.

Nenhuma memória recobre a terra.
Nenhuma ciência sente o tempo ou ouve o espaço.
Nenhum discurso é realmente do homem.

Abrem-se perspectivas para o futuro,
diz-se morte como se fosse igual o destino
de quem descobre em si a epopeia e o seu fausto.
É na mentira que se conquista ou se perde
a batalha. Fingir que há aquém e além.
Fingir que há uma matéria onde o homem governa
os seus sentidos, as suas seduções seculares.
Fingir que a palavra foi necessária.
Nada mais resta, senão o nada.
Fingir pois que o poema traduz o amor
com que se logra a essência de um consolo.
Uma carícia é essa mão. Ama-me, diz a canção.
E ninguém espera uma obra-prima.

7/12/84

O ÚNICO AMOR

E depois, assim, como se nada fosse,
todo um carinho por essas palavras, desumano,
emotivo, como se só elas merecessem o amor,
a parte de mim que é ânsia, desvelo, cuidados,
sempre afáveis, atentas, ternas na esperança
com que se limitam a alianças, a jogos,
a rodopios de sintaxe e de semântica.

Ninguém é mais presente.
É na solidão terrível do verbo
que a história surge, que a memória ilude
com sentenças e leis desprevenidas,
é no poema que o destino eclode,
os seus fantasmas, as suas falas, os seus gemidos.

Tudo o mais existe para que não se seja.
Uma obra onde a inteligência partilha
com a sensibilidade o favor da hora,
ei-los, os maiores representantes da humanidade,
dizem os meios de comunicação,
ao preço da mentira e do logro.

Não se recusa a matéria, nem o espiritual.
Mas vive-se, aqui, de maneira diferente.
A respiração é outra, toda animal e instintiva,
cada olhar reflecte o sol, cada ouvido o som,
da natureza perdida no homem,
na interrogação elevada ao universo,
um cântico confuso como a falta de referências.

Não quero que ninguém me siga.
Não há caminho para mais de um,
e dois é já, truísmo, a multidão.

Todo o amor que acalento, esparso brilho,
espalho-o sobre papéis indefinidos, acendo-o
no verso que nunca corresponde à verdade,
aqui não há lugar para o pensamento da ilusão,
só sobrevive aqui quem se sabe chama efémera.
Nada mais há a dizer, que dizê-lo fere.

8/12/84

ORIGENS

Soturno enlevo, não saber quem ser
quando a carne se revolta no peito,
quando o homem que nos vive desespera,
quando o fim que espreita emudece.

Deixar no chão então um escarro rubro,
o mapa onde nenhuns pés naufragaram,
o universo como nódoa de um suspiro,
a profundidade banal de um desgaste.

Essência como abandono da ilusão,
o pensamento contra a sensibilidade,
o olhar fugindo ao calor do sol temível,
a sensação primeva de um inferno.

Nada de nada, teima em dizer a canção,
mas quem se importa com as palavras,
quem descobre no silêncio a outra hora,
quem deplora a vinda da imensidão?

Tudo tão concreto que se torna ideia
a abstracção do viver quotidiano,
os contrários contrariam-se, paradoxo
terrível da língua quando ninguém fala.

E a experiência? E os livros? Arde
sem sinal nem alegoria o corpo livre
de quem pretendeu do sonho o beijo,
da inteligência esquece-se o mito.

Mais profunda, canta a voz do mistério.
Mas só reina esta superfície evidente,
o brilho de planos onde o ser demente
arquitecta o volume de um zelo infantil.

Mais do que loucura, é a confusão babélica,
o castigo virado de avesso, o patético
murmurar de um cicio que não atinge a voz,
a língua no seu estado primário de fonte.

8/12/84

ESCREVER O DIA

Mais um dia prosaico gasto no incomensurável
da rotina. O fim de semana ardeu. A manhã
perdida na feira da vida, a tarde em afazeres
que rompem a semana.
Dizer não se nos afigura a real tarefa, mas ser

pelas palavras é só um arremesso de poesia.
Que destino nos distingue, pergunta o homem,
mas a resposta não existe.
Há uma serenidade toda feita de natureza hiemal,
aquele que escreve, e não sou eu, ferve
de impaciência por não saber qual o fim.

Depois, quando a luz se esvai, o silêncio nocturno
infiltra-se nos poros da consciência civil.
Chega a hora furiosa do dislate, e o rubro
riso perpetua-se como uma incandescência astral
onde a estrela seria nula.
Aquele que diz sociedade sua a demência
daquele que aborrece as leis, as regras, os mandamentos.
Tarde inolvidável, porque soterrada no esterco
da complacência cadavérica. E nasce o fogo,
e jorra o jogo, saber merecer a certeza eterna,
desaparecer como um meteorito na gordura do tempo.
Escamas viris, diz a canção, onde, onde?
Antes a lâmpada, a cadeira, a mesa, a máquina,
a materialidade sem história do nojo moderno,
viver em quanto se perece, parece mesmo mentira.
Aquele que vem nunca chega a horas para se vir.
Servir quem, diz-me, diz-me???

Dylan e Miller e tantos outros apostos na aposta
do verbo, e a música fere furibunda a fereza
horizontal da língua em que se pensa para viver
finalmente o arpejo. Um crime. Nunca ninguém o disse,
o crime que é, que foi, que será, escrever a faúlha,
a falha, a imanência onde a ideia do mundo se faz
terra, cosmos, universo.
Felicidade de hoje, facilidade de quando? Quando
se sente o coração e o ventre e as veias e o ardor
que lambem a sensualidade do ocidente apagado,
que fazer? Escrever o dia.

9/12/84

POÉTICA

É o momento, sussurra a voz,
quando a catástrofe procura a língua,
explora os sons e deturpa as palavras
para melhor reviver o apogeu
daquilo que não sendo arte, arde como fogo
na possibilidade humana dos sentidos.

Ser cúmplice é o fado.
Vir buscar o quinhão da loucura,
e depois compor, estranho obreiro,
um sinal tão assíduo como espesso,
a vigência monocórdica de uma fala essencial.

A realidade foge dos dias que passam
pela suave tautologia, é um clima,
é um poço tão fundo que a luz ao libertar-se
inunda de medo a natureza neutra.
Chamo-lhe, ao melhor de si, êxtase,
como se a fuga fosse da ordem das coisas,
uma lei equânime esquecida no seio do nada.

Resta a persistência como verbo,
a tentativa milenária de furtar ao ser
a sua sedosa sabedoria,
o mimético ritmo do coração alvoroçado,
uma página em branco,
o horror e a tempestade,
depois o suor de quem se sente visitado
pela ignomínia da mentira.

Escrever, escrever, sempre.
Alguém algures sopra as labaredas,
o espírito é ocidente,
mas é do acidente, da náusea inditosa,
que nasce a única estrutura onde o plinto
recebe a visão, o espelho reflecte o mito.
De nada vale a gramática, ou o sentido

perdido de uma ordem que goteja pelo caos.
Viver esse momento é o destino,
um raro privilégio para a privação.

Mas a cidade circula e faz-se corpo,
às vezes veia, um caminho cenoso
onde a perda redundante em queda,
e o assento se redime pela explosão.

São muitos os perigos, até a dor
que corta o espírito em pedaços ensanguentados
de um corpo que se desconhece,
e por isso desobedece às leis triviais
da sociedade dita dos homens contemporâneos.

Há o nascer e o viver e o morrer.
Para quem nasce cego isso basta.
Mas quem abre os olhos vê nos interstícios
a multidude maviosa de coisas que deflagram,
o sublime de íntimos cataclismos
que escapam às forças da opressão liberalizada.

É só gozar então com a substância
dos dias, tendo como base a consciência
animal do ser que somos,
um torvelinho de sensações,
e mais fundo, ínstase lhe chamo,
o deleite de se pertencer ao logro,
onde o universo é apenas o reverso,
e sabe esplendidamente a carne.

Nenhuma lógica, nenhuma máquina,
mas o sem sentido sentido como a ustão
onde o fogo é uma imagem da margem outra
onde tudo é nada.
Aí, só a delida sedução do desejo impera,
um martírio de meandros escorrendo lava
onde outrora fora silêncio o deserto.

Não se trata de um orgasmo.
Para isso basta haver corpo e fé.
Nem se trata, porque inexistente a célula
dá à efemeridade o brilho da origem,
da origem hipotética, sublimada pelo medo
que se atinge quando o fim adormece.

É daí que saio quando venho escrever.
Da névoa nodosa do recomeço sempre adiado,
uma figura de homem revista ao espelho,
umas vezes anódino amor, outras vezes ódio.

Não me interessa dizer o real,
a cerimónia do vaivém apêndice da rotina,
nem as vergonhas como parte da história.
Aborreço a histriónica membrana do acaso,
deploro com rigor a própria memória,
finjo que estar sendo é ponte, hiulca ferida
libertando cânticos do aparentemente nada.

Não vim da escola, nem da experiência.
Não mamei as tetas das ideologias reinantes,
não me preocupa a comunicação.
Venho de onde nunca fui por impossibilidade,
e, ao escrevê-la, sou-a, essa quimera,
esse sonho vislumbrado em dias de fogo,
como se o nada precisasse de homem,
e do seu corpo, e do seu espírito,
para se insinuar nas brechas de tudo
quanto se aparenta com a asfixiante realidade.

Não é a morte, nem um previsível além,
ou, já agora, um descuidado aquém da memória.
É, sinto-o, porque o penso, o puro ser,
na sua truculenta ausência,
a metamorfose de algo que não se limita
à disponibilidade da palavra ou da língua,
mas que lhe advém de tanto permanecer
no sem centro da angústia quando o homem

sente que ao mistério falta o mais importante:
a sua solvência, quer pelo declínio, quer pela morte.

Não admira pois o silêncio do mundo
como reacção ao silêncio ontológico da poesia
que alimento pela obsessão e pelo nojo.
Nunca serei pago, reconhecido, ou almejado.
Soube-o desde sempre, e não me importo.
Importa-me estar aqui, sempre, até poder.

11/12/84

GÉNESE

Nenhuma razão aparente exige que seja poesia,
mas as palavras circunscritas ao nó do desejo
elaboram no corpo da disponibilidade uma ânsia,
o movimento que me alaga até atingir a noção.

E quando chego, vejo, ou ouço, ou sinto o redor,
um amálgama sensual de forças perdidas no real,
apelos intangíveis, sussurros disponíveis, arfar
dorido de quanto por existir quer ser palavra.

Não sei o que fazer senão escrever o que me vem
à ideia, o truísmo é a verdade de hoje, o engano
subsume-se à escolha do estímulo que nos fere,
mas um começo é necessário para que a poesia seja.

Digo: horizonte fechado dos subúrbios sem alma,
um sol paralítico inundando de ouro abafado
a humidade do chão hiemal, algumas pessoas, passos
ensurdecidos na quimera que é para o verso a casa.

A tarde é nova e a realidade não exige dizer,
nem testemunho válido diante do tribunal
onde a imagem desenvolve o seu poder alegórico,
até que os fins justifiquem o crime dos meios.

Mas, leitor atento, quando me sentei diante de ti,
nada disto quis dizer, trazia de leituras recentes
um problema que pensava resolver da melhor forma,
deixando-o no caixote do lixo das motivações ocas.

Esqueci a ideia, sirvo-me agora das palavras certas,
não posso permanecer isolado, o deserto existe,
a solidão está provada, eis-me pois no naufrágio
dos meus sentidos, o desejo fazendo a sobrevivência.

E isto poderia continuar indefinidamente. Só que,
este poema, acaba aqui, na oitava quadra, o papel
não permite mais deambulações exotéricas, o fim
estremece como a inutilidade do cenoso começo.

13/12/84

CONHECIMENTO

A alegria, ver pela terra o sol,
esse brilho quente, essa cor íntima,
o ventre da mulher apeteçada,
o conforto histórico da imagem.

Resta o pouco saber para se saber
onde começa e onde termina o cerco
da infanda e menosprezável tautologia,
mas a língua exige um solto salto.

Assim, canto: alegria, ter-te no corpo,
o olhar desejoso, a superfície do planeta
neste local onde a memória é intrusa,
basta sentir que se é presente.

Contemplação terrível, estar assim!
A casa dentro, o mundo fora, a janela
ponto de união, ponte para o sentido
quando o pensamento vive de imaginação.

Estarei bem? E como vai o demais?
Não saio de casa, não ouço notícias,
vejo apenas a vizinha esfera do olhar,
as árvores, a terra escura, as casas.

Ruídos próprios de trabalhos céleres,
a máquina amarela, o homem que a conduz,
e a terra revolvida, e o rapaz curioso,
e a mulher que trata da roupa seca.

Não quero ser profundo, nem sabê-lo-ia.
Mas quanto vejo, desculpem lá, sou eu.
A realidade está defronte, está aqui,
na escolha, na língua, no prazer poético.

Sei que não sou o vizinho nem o húmus,
nem a máquina moderna, nem as casas.
Mas tudo isso passa por mim, faz-se verbo,
outra realidade tão real como a realidade.

13/12/84

A VOZ DA REVOLTA

Redimido pelo insucesso dos meus dias,
escrevo-te, poema, para que saibas o sofrimento.
Posso parecer cruel, mas a vida exige-o.
Não te direi as catástrofes anímicas,
o medo como sublimado apogeu do ser,
mas liberto da consciência insinuar-te-ei
como o momento propício, o lugar da eleição,
onde um homem se possa compreender humano.

A vida lança armadilhas, a doença arquitecta
fantasias, a rotina desflora a esperança.
Um desejo louco, de viver eternamente, sobe
pela palavra que deposito no chão da memória.

Tenho sentido a loucura no seu mimetismo tangível, a antevisão da fuga onde a velocidade deixa de ser pensamento para se transformar em ápice de uma irrisão onde o brilho arrefece. Chorei um cosmos, o olhar perdido nos olhos, vendo sem pressentir que à frente o real acenava a normalidade de referências culturais. Meu corpo soçobrou ao horror, a vontade cresceu, eliminar o mal, pelo corpo, pelo sangue, pela morte. Saltei de mim e rodopiei no milagre da hora, ouvi intrusos sons onde a música havia desaparecido, pensei chegar ao limite onde o seguinte sopro seria a saída do espírito num mundo de cegueira. Sustentei em minutos a eternidade do suicídio, as lágrimas tão romanceadas que a verdade não parecia mais que uma tumultuosa mentira no âmago do papel que cabe a quem desiste do fado, desobedecendo ao círculo que apaga a existência.

A morte rodeia-me, sinto-a diariamente, animal invicto seguindo paulatino os passos perdidos, os bafos que arquejo no alvor da demora, quando o sentido se esfarrapa no sem sentido da estadia.

Escrevo-te, poema, desiludido com a carne, impotente onde o ser culmina na neurose, figura de homem na janela que desperdiça quanto símbolo se refugia no lugar do mito!

Escrevo-te, poema, enquanto a gargalhada ecoa como livre arbítrio, e o corpo sente aflito que nada mais há, nada mais cresce dentro da disponibilidade que se instituiu homem.

Esquálido vazio, como outrora, quando a hora ressumava pelas paredes de corredores mentais, li a fereza da sociedade, percorri o crime, sabia-me fraco, mas da inteligência fabricava uma prisão onde pudesse sobreviver à contingência,

à arbitrariedade que consome o mundo moderno.
Vieram até mim, os poderes da terra, e libertaram-me
para melhor sofrer toda a dor de existir puro,
diante do holocausto que a história humaniza,
frente ao extermínio da sensibilidade única.
Nada restou de mim, nem este eu, mas a privação,
a fome, o desejo timorato de saber a luz do dia,
quando é a noite que pontifica na simbologia.
Disparatar foi então a salvação, não dizer coisa
com coisa, balançar o truísmo com um amor sôfrego
como se estivesse aí a pele do corpo arrependido.
Ah, sim, escrevi os mais terríveis espasmos da era,
riam-se das criações aleijadas pelo paradoxo,
batiam-me complacentes palmadas nas costas,
pensavam: já não há nada a fazer com este tipo.

Sabe, poema, que a vingança é intemporal e vem.
Não desesperes, o futuro nunca foi de ninguém,
o mesmo é dizer, ele pertence-te, é teu, deve-te
quanta desrazão insuflou as tuas veias mártires.

Pena que o milagre seja de ontem, ou uma ficção.
Há tanto ainda para gozar, não digo viver, mas ver
com o corpo e o espírito a confirmação dolorosa
da intuição quando te resumiste a animal mínimo.

Conseguirei escapar? É a pergunta que me alaga,
é a chama que te lambe, poema querido, conseguirás
vencer a estagnação do corpo pelo espírito, como
outrora, quando o riso imbecil se pensava o mundo?

13/12/84

APÓSTROFE

Vem até mim, palavra,
não me abandones neste transe,
recolhe-me e afaga-me,
preciso tanto de ti, quando és mulher!

Uma solidão de tão impossível
devora quanto alcance revigoro,
passar pelos dias já não é viver,
e ler o sofrimento não me cura.

Vem, amor, vem lembrar me
que sou o mesmo, mesmo se a carcaça
balança ao som da despedida,
vem descobrir o homem que desobedeceu.

Não me arrependo dos caminhos seguidos,
não choro o roubo e o arrojo,
só deploro cada dor como castigo
de um mal que se transformava em bem.

Não há metafísica que te eduque!
Nem estudos do humano que me saibam outro
que aquele que fui quando escarrei
nas leis dos mais fortes.

Estive ao lado da fraqueza,
vi a injustiça, assisti à morte,
ferido no âmagô quando era o corpo
uma chaga onde o passado exigia futuro.

Vem, dulcíssima, sê a palavra,
o bálsamo desta existência irrisória,
onde não há história cria-se, pela sugestão,
o lugar da possibilidade, a utopia.

Vem, que te espero.
Não desperdices o tempo de vida,
abre-te a quem te ama com desvelo,
e sê magnânima no momento eterno!

13/12/84

A NOITE

Ignoro se é a paz,
uma paz sonora, feita de música,
da vinda da mulher ao lar,
a noite aquece a estadia da palavra.

Neste canto da casa esqueço-me da dor,
busca cada palavra saber-me a prazer,
um fluxo de memória pelo presente
onde a ausência é quase obrigatória.

A mulher, a verdadeira, a real,
ciranda como efémera odisseia
pela estesia do momento, um corpo
quente onde tantas vezes procuro a foz.

Sou talvez perdido, longe de quem me fiz,
um homem doente, o coração subindo ao ritmo
de um susto, puro medo, pavor escuro,
suor deturpando a realidade.

Mas a música, a música passa,
viola o silêncio perdulário da casa,
sai de si como horizonte de esperança
até atingir o auge, o alcance do começo.

Não sei se me sinto bem. Se me sinto.
A máquina martela, uma jangada, um olvido,
querer-me tão perto, saber-me longe,
sombra da figura que nunca se desfaz.

Quem mencionou o destino?
A propósito de quê se falou da flor?
Nenhum passado, mesmo poético, mesmo cultural,
poderá substituir este medo que me dilacera!

Quero, revolido, a viva paz.
Sentir em mim a manhã que chega,

a luz sempre simbólica do ocidente,
acidente onde me insurjo contra a morte!

13/12/84

SENTIMENTO E MÁSCARA

Ser feliz, diz a ignorância,
um verso desfeito pela ingenuidade,
mas a vontade é tanta
de dar uma possibilidade à rima interior.
Este poema, como qualquer poema,
ignora onde vai, suspeita de onde vem,
existe, respira, vai respirando palavra
a palavra, animal total onde o sentido
ganha do passado o futuro,
a leitura que o transformará num objecto.

Ser feliz, o encanto.
Impossível o verdadeiro amor,
o sem fronteiras, resta, ao homem que sou,
sonhar, sentir que o mundo não é berço,
mas prisão, conflitos e preconceitos.
Sonhar ser feliz, um só momento.
Há-os que dizem ser estupidez.
Deixá-lo! Sonhar uma hora, uma eternidade,
um tempo de vida, liberto,
onde o horizonte seria a paz de espírito
numa terra livre das relações, ó truísmo,
capitalistas, egoístas, de privação e riqueza.

Ser feliz! Chamar o amigo,
conviver, uma lareira nesta sociedade ocidental,
não como sobrevivência, mas escolha, opção
do que melhor foi feito pelo homem
durante a sua história.
E haver sempre mulheres, as amadas,
livres de compromissos como da fome,
sensuais e telúricas, companheiras terríveis

onde a terra encontrou a sua voz,
o seu carnal apelo.

Ser feliz, sonho...

Este poema, estas palavras,
o passo em frente, a hora do chamamento,
a carne servindo-se do espírito,
esse canalha que tantas vezes não compreende!

14/12/84

A CIDADE

A cidade, ei-la, na multidão apressada
que sempre vai e vem, cores ambulantes,
raros rostos, os esgares são medonhos,
falam da civilização como de um sonho.

Apetece chorar quando ao pensamento
aflora o como poderia ser das vidas,
um outro mundo, outras leis, o prazer
elevado ao máximo destino do homem.

Passam, cegos e insensíveis, máquinas
onde a carne funciona como passado,
sobrevivência de outras eras, o animal
aniquilado pelo lucro, pela privação.

Dizem que fazem a história, não são
poetas, posso afirmá-lo, mas obreiras
de um fado que nunca investigaram,
o saber é tão pouco, e quando é, mata.

Tanta pena por, no fundo, ser como eles.
De que me serve a lucidez, o barco é
o mesmo, o poder abarca todos os limites,
ninguém consegue fugir às suas garras.

Só a loucura protege, mas a que preço!
Políticas e teorias económicas, a ciência
e a razão, as bases, dizem, dos sistemas
que nos mantêm sepultos em nós mesmos.

Perdemos o sexo, a simpatia, o amor.
Fingimos que tudo é igual ao ontem,
mas quem nos colhe sabe a solidão,
este vazio onde sem dúvida houve alma.

Ei-los, que passam, os homens, as mulheres,
não sinto coragem para dizer: hei, hei,
estamos mortos, cadáveres eléctricos,
obedecendo ao desígnio nenhum do poder!

14/12/84

MEDITAÇÕES OUTONAIAS

Dezembro deixa de ser mês
para viver em mim este tempo de sombra,
área do medo que se sente
sem se saber ao certo por que razão.

Obsceno meditar, penso, indiferente à janela,
dentro do sofrimento que tenho sido
nos últimos meses de doença.
Escorrego no pior de mim,
isolado no sentimento impossível
da época onde o viver deixou de significar.

E no entanto, ó ausência, a ave
inexistente voa pela vontade da consciência,
um siar vertical como quem deseja despedaçar-se
contra o chão mecânico da humana insolvência.

Chamei-te e não vieste,
o que quer que sejas!
Encontras-me abandonado,

a jangada despedida, nua.

Sair de casa faço-o por obrigação,
ganhar, parece-te, a vida.
Quando a noite ganha o dia,
e o frio diz à chuva a sua convivência.

Mas não me queixo.
Gosto até de sentir que o fim
pode ser vivido, com algum entusiasmo,
com aquela luz que nos esconde do corpo.
E depois, as trevas, se perderam o mito,
continuam a concitar poemas,
pedras preciosas do enleio.

É assim que falho este mês.
Vagas hordas atarefam-se em preparativos,
fala-se já no nascimento,
sorrio pela monotonia de tudo isto

Respira-me, não podia deixar de ser,
a angústia, ao deitar como ao amanhecer,
o medo vigilante, o animal ferido,
o espaço e o tempo figuras sem referência,
como se o espantalho fosse uma alma,
ou como se o século nunca tivesse existido.

A música desempenha um papel importante.
O mais importante: traz-me coros ilícitos,
paisagens de outros países, línguas amadas
onde não reconheço o berço, mas a só vida.

Tardes assim passadas, sem nostalgia,
o corpo em fervente ustão, dores, espasmos,
vertigens que enlouquecem a distância,
se ao menos a loucura fosse um sonho!

Parece real quanto me dói a dúvida,
ou já não sinto. A janela flutua,

a voz do cantor faz-se deslize, vogo,
logro, voo, sopro, fixo neste espelho.
O rosto pleno de brancas penugens,
espesso olhar, e no entanto, amo, devo
dizer, que mesmo assim, amo a imagem
que o mundo reflecte de mim mesmo.

Em certo sentido, nunca suportei tão bem
a raiva, o ódio que me anavalham o olhar.
Não é fácil viver nestas sociedades de hoje,
aprendi-o paulatinamente, como um animal.

Quem somos? Quem nos fazemos?
A profissão deturpa, nunca é o reflexo
do desejo que nos perdeu, a casa onde
se habita foi construída pelo lucro,
esse esgar moderno onde se cria dinheiro.
A família existe, é real, um espinho
para quem sonhou um outro mundo,
outras famílias partilhando o amor.
Que nos resta? No melhor dos casos,
morrer, se possível sem gozo, assim mesmo,
faúlha que se destrói no sem remédio.

14/12/84

LAMENTAÇÕES DO DESEJO

Um sentimento obtuso, fugir,
ganhar a distância, saborear o alcance,
o périplo do apogeu numa outra dimensão,
não do sonho, que o frequento
em plena vida da vigília errática,
mas da disponibilidade carnal e anímica.

Um sentimento lúdico, partir,
onde o século interrompe o afluxo
de prazer, subir ao longe geográfico,
descer ao vale do começo.

Perde-se a manhã como real que é no tempo,
vale a pena dizê-la, quando o efêmero fere?

Sinto que sou cada vez menos o dentro,
mas o fora não me permite nenhuma ilusão!

Um sentimento extraordinário,
como se, por segundos, deixasse de ser homem,
como se a vida fosse outra, o mundo outro,
o corpo qualquer coisa de são, a alma aberta.

E depois, sofrida, a tristeza.
Sombra tautológica, ei-la, sobre mim,
apagando-me o olhar, secando-me o desejo,
neutralizando a lágrima que quer viver.

Que destino para tão pouca existência?
Retórico, um sorriso, de pena.
Que tenho feito?
Desfeito pela sociedade,
incapaz de vencer o número da estupidez,
as regras falhas de inteligência,
que me resta senão sentir estranhos
sentimentos, indelévels, monstruosos?

Não há maior prisão que saber.
Que este lugar não é o meu, nem pertence
por direito ou graça ao meu desejo.
Não há onde para se ser!

15/12/84

O SENTIDO DO PLÁGIO

ao Fernando Guerreiro

Agora que a profundidade, à luz do sol,
palco terrível onde a consciência se cinde,
promove um estado nodoso de loucura,
ou de insensibilidade taumatúrgica,

nenhum argumento se funde em luminosidade,
mas apenas, pela gramática, pálida ingenuidade,
a palavra representa a pessoal perspectiva
de um acento, aceno terrestre, experimental.

Nenhum azul é forçosamente o céu, ou a cor,
mas do olhar estala um outro sinal, o lugar
impossível onde a página anteriormente branca
descobre, entre a sombra e o medo, a ausência
como material obscuro de um ácido pensamento.

Chega-se sempre, quer se queira, quer não, ao sol.
Há, sobretudo no espaço tutelar do ocidente,
aceso, um desejo indómito, uma fuga, um mito,
um vislumbre do que não sendo, por necessidade
filosófica, se espraia na terrosa tela do signo,
como embaraço, arrojo, revolta e desperdício.

Tal o riso, inflexível, aberto, abismo,
glosando a realidade – um espasmo semântico!– ,
na memória sedutora de um previsto mal,
esse nada, essa glória, a casa apetecida,
assim a metamorfose, do derrame, do estertor,
recolhe, das palavras ao vento lançadas,
não o sincero significado da vida, ou da morte,
mas o juízo perdido de uma razão histórica,
a causa perfunctória onde se respira o brilho.

Que fazer, ao denominado espírito, desta voz
que coagula, expõe, deturpa e precipita a gula
com que, maiores no vívido vício do sentimento,
pensamos possuir a distância, o horizonte?
Diz-se: o corpo. Repete-se, por moda, ou comodismo,
ou furibunda herança do ódio: o corpo. Mas sê-lo,
que é, que justifica, que excesso redime a voz?
Do tumulto, que frase, por mais banal, escapa
ao modelo do génio, à ruptura com o pavor?

16/12/84

FIM DE CITAÇÃO

Como um pássaro v^ígil,
orlado de esp^írito até ao ritual da matéria,
plano, não para relembrar a memória,
os suaves sustos, o desv^ão, o recesso,
mas para colher da história, do outro homem,
espaços onde o verbo reluz como um sol.

A palavra é uma função do corpo,
o sem fim de um ritmo,
como de nuvens uma camuflagem,
um cerco, ponto de fuga onde o infinito ecoa.

Agora, quando o canto se resume a este voo sem tormento,
o que nunca acaba, irreduzível, é o termo.
Que no pensamento, pela negativa,
adensa-se a mancha (da escrita),
travessia de um labor infindo, jogo.
A partir desse vislumbre, o pavor,
a agitação que me faz tremer, temer o corpo,
precipitando-o, labir^íntico, na ânsia do Ser.

Circular, concêntrico, entre a esfera e a alma,
o animal que nos habita abandona a frívola pele,
a casca oca da letra, esborratando-se sobre a página
branca: ei-lo, o esperma, o detergente, a tinta,
desfrutando de um fácil limite: escrever!

Tal como um riso, infindo e aberto,
o verso constrói-se: um tumultuoso entorpecimento.
Vertical, eis o seu sentido que emerge,
a ocupar a vacatura do tempo.
É sempre luz, que tudo transpõe,
transgride, clítoris rosa ou esfínter roto.

Existirá contudo, realmente, o horizonte?
Para cá da morte – já que da morte se trata -
escrevo: o trabalho da dispersão,

a arrumação, oca, do seu movimento: ordem e caos.
Eis a que ponto chegamos – tão alto, dentro do poema.
À sua noção, como de um mal, luminosidade
onde o utópico espírito da incerteza se talha
pelo esforço!

Chega, enfim, o falível equilíbrio,
a chama que submete os contraditórios momentos...
A paralisia do medo, o fascínio, o segredo.
Da insensibilidade das trevas, inamovivelmente,
aproximo-me: mas mesmo que o quisesse,
não a atingiria aqui, no poema.
O que rui, ou começa a cindir, é o Imenso:
o aquém do sentido, o além do pensamento!

Como concentrar a irredutível contradição
do diferente? Como interpretar, através da fórmula,
uma manifestação de sinais, da realidade salientes?
Não há suplício outro, do que este.
Sons, caracteres e letras o mistério assolam,
chamas ateiam uma única labareda,
indissociável presença do fogo.
Mas num espelho, polvilhado pelo vapor,
reconheço, entre as brumas, o meu rosto.

Como referir esta deslocação, para a palavra,
do Corpo, e assim sendo, do real?
No cérebro recolhe-se a metáfora
como modo de recuperar a disparidade do sentido.
Da sintaxe liberta-se o estilo,
toda a física resistência onde a matéria
procura iludir a necessidade de um centro.

A primeira palavra, ó ancoradouro inexpugnável
do sentimento, indiferente coloca-se entre
a pedra, a raiz, o húmus, e o voo: o pensamento.
Será que os olhos irão quebrar-se?...
Tal é a violência, unificadora,
numa atmosfera pela melancolia saturada.

Um leito assim lento, só um louco o pode odiar.
Circular, o texto resiste ao insignificante,
mesmo se desmedidamente disser o que se desconhece.

É o preço. Horizonte e abismo não se distinguem.
Nada mais há do que o olhar móvel e fixo.
A paisagem imprime a língua, o inconsciente
contradiz-se: resta o fascínio, recuperar a Utopia
pelo excesso, pelo medo, pela vida.

18/12/84

SEGUNDA PARTE

JANEIRO

Janeiro ferve pela água,
um ciclo a cumprir, uma necessidade
toda terra, estes dias suados, este cinzento
como limite ou horizonte, dos nossos desejos,
dos nossos insofismáveis sentidos.

Tempo, colhendo do eterno a roda,
para alguns gáudio, para outros castigo.
Tempo imarcescível, mágoa terrível,
dizê-lo, assim, entre palavras irreconhecíveis,
quando a apetência finge um sol solitário.

Alguém declina a tarefa da hora,
alguém vem, rítmico, sentir o sabor da demora,
sem saber por que razão utiliza a rima,
a possibilidade, o perímetro do perigo.

Tudo, até o vazio racional ou ontológico,
para ser dito. Não só, em papéis felizes,
escrito, mas também berrado, súbito grito,
expressão redundante da alegria,
do mimetismo do mistério, essa voz,
esse vaso contendo do rio os limos imagísticos.

Símbolos em toda a parte, é essa a arte
que desloca os sentidos e transpõe a semântica
até ao fúlvido lugar onde respirar é vida.
Viver assim, sem paixão, é enaltecer o tempo,
é conviver com a solidão quando o absoluto
perde o seu estatuto de medida,
e o sonho se esvai em debandada apocalíptica.

Ter medo das palavras, repete, refece, o poeta.
Nelas voa ou navega, nunca ninguém, sempre algures,
entre ecos, lagos sentimentais, memórias apetecidas,
como comparação que se desvenda, o plano hirto.

Janeiro de permeio, o rasto,
a presença, a milenar confrontação,
viver, viver sempre, apesar de tudo,
humano olhar diluído pela dizível dor.

4/1/85

DO ECO À VOZ

Eco ablutor,
essa desmedida apatia,
um real, sempre diferente,
exigindo dos sentidos
a presença, a confirmação que tarda.

O corpo, chama e chaga,
o olhar fingindo-se sopro
pelo inolvidável espírito.
Viver nada tem que ver
com isto – repete, estarecido.
Contrito, isento, medular,
o grito que se esconde arde
pela carne, não brota, não irrompe
pelo sangue temível da existência.

Esquecidos todos os livros,
porque agora é aqui, é esta hora,
um frente a frente relativo,
impagável mecanismo do verbo
quando o Ser se faz vontade,
sabedoria e ritmo.

Que há a dizer? Nada.
Pululam as palavras, não é a falta,
não é nenhuma falha intelectual
ou afectiva, mas quem cicia, fala, grita,
só pode dizer: Nada.

Tudo o mais existe e é possível.
Mas não importa, porque não resiste
ao pavor, ao horror do deserto.
Imensidades sem fim, pelo paradoxo
a língua se perde crendo recriar-se,
a doença infesta, telúrica festa
dos sentidos terebrantes.

Estar aqui, agora, não tem sentido.
Algo mudou, a relação com os objectos,
títulos de culto poético,
com os homens e mulheres que persistem.

Eco aterrador,
sentir que não há mais sentimento,
pensar mecanismos sem substância,
fruir de um gozo
onde a própria carne se ausenta,
aflita em diálogos insustentáveis
com a incógnita do tempo.

Passam as horas, é a verdade.
A casa cada vez mais casulo,
que fora para explodir em alegria,
que rua festiva de uma novidade?

Gestos gemidos, gastos grunhidos,
eis a nossa humanidade!
Risos razoáveis, choros dolentes,
subsiste alguma humanidade?

Nascer, viver, morrer.
Versos assim não exigem génio,
mas a garra da evidência.
Quanta guerra pelo meio,
quanto sofrimento e quanta raiva,
algum prazer descido pelo animal
em momentos de ilusão,
quando o corpo nos fala e conduz,

apesar de toda a imaginável inteligência.

Títeres, bonecos, joguetes,
de tudo, do destino, da maldição:
ser, ter sido.

Lembrança do Nada, só sonho,
apetência intelectual de um sentido
que sentisse em si o horror nadível,
esse espaço sem dor onde tudo seria
finalmente possível.

Não confundir a palavra com o pessimismo.
Nenhum choro brando, porque até o homem
sofreu com a mediocridade do tempo,
e tudo está velho até ao osso.

Dura só a repetição,
a tautologia. Exige-o a história,
cada época vivendo a sua transparência
em formas rituais de ilusão,
utilizando da língua o que mais se assemelha
ao corpo, do delito, da perdição.

Nenhuma palavra é igual a si mesma.
Há correspondências, mas de alma,
não do tecido com que é feita a memória,
esse amálgama inquietante de inexistência
fervendo no ardor da vida.

Fardo terrível, desmerecer!
Não aceitar, por nefasto ou impróprio,
o jogo furibundo do fogo, a teimosia
com que se alcança um limite, uma forma,
uma estesia incapaz de mérito ou de espelho.

Todos dizem a mesma coisa, diferentemente:
viver é morrer.
Há-os que inventam tramas, teatros absurdos,
tratados abstrusos, compilações de rostos,

há-os até que soçobram no meio do tumulto,
o fogo lambendo-lhes o espírito
adormecido. Todos procuram na verdade
do destino a mentira de uma possível
eternidade: o caso fora do comum, o acidente.

Em vão!
Caminhamos, insuspeitos, rebanho fétido,
para o holocausto. Não importa o nome
que se dá ao decesso, é sempre uma violência,
um crime injustificado,
mesmo se a ciência, nossa inimiga,
explica com leis e regras a fatalidade.

Resta-nos vivê-las,
tanto a vida como a morte.
Da melhor maneira.
Para que o eco redescubra a voz.

4/1/85

AFOGADO

A ironia,
não saber falar desta emoção,
não poder sugerir, poeticamente,
por impossibilidade,
quanto amor me alaga, irrompe
pela consciência como se a carne
pudesse ser vivida dentro de uma certa harmonia.

Não há tempo, mas música,
certos sons pessoalizados até ao âmago,
como se a história ganhasse aqui
um sentido, um destino, uma pausa de reflexão.

Esta deplorável emoção, sentir-me eu,
o sangue percorrendo as veias,
o coração pulsando temerosamente,

o olhar fixo na língua do mundo.

Nenhuma notícia me atinge,
nenhum fora é suficiente, tudo gira, jaz,
rodopia em amálgamas apolíticos,
imagens de mim, sombras do corpo que sou,
zonas erógenas da realidade circundante!

Emoção terrível, ser-te, ter-te
como uma onda de luz subindo pelo céu,
os contrários apaziguados, as inversões
tão infantis que qualquer poeta é um leitor!
Eis-me, suave canção,
o trágico caminho da desmedida
medido passo a passo, sopro a sopro,
ciciando promessas do futuro, ralhos
onde a mãe está ausente.

Afogado vivo em tanto de mim que me escapa,
uma emoção tão sublime e um homem tão possível,
que êxtase, que saída dentro desta hora?
Nenhuma resposta dá vida, mas o silêncio
prospera pelo sibilino som: sou.
Alegria, emoção, caber em ti
como quem recolhe o amor do Nada!

4/1/85

PÁGINA DE UM DIÁRIO

Estou sozinho.
Ouço, comovido, o som da frente.
A casa fria, pela janela a chuva cai.
Comovido, em mim, aprofundo este gozo,
seguir pela respiração o ritmo da música,
o corpo descobrindo bolsas e mistérios,
voando bem rente aos sons, suspirando.

Tem sentido viver?

Quantos anos já despontando na velhice,
perguntas juvenis desaparecidas do horizonte,
interessa saber o que fiz, o que tenho feito?

Escuto, atento, a sucessão de imagens
que golpeiam uma sensibilidade atrofiada,
quanta mediocridade na vida que nos retém?
E vivo, respiro, cada matiz, cada instrumento,
ora uma voz que raiva, ora um tom que acaricia,
figuras em filigrana do desejo de viver.

Viver a música, o que me resta!

Nada mais merece o meu empenhamento,
o meu amor, a minha disponibilidade.
Há as mulheres, mas estão tão longe!
Vegetar na família a ideia que fazem do ocidente,
exigem os políticos de todas as praças.
Mas sem paixão. Num meticuloso fenecer
de todas as forças, criativas como eróticas!

Que vida, plausível, para o sentido de tudo isto?

E passam os dias, os anos encurtam-se,
o corpo enche-se de ferrugem, uma chaga,
uma constante dor servindo os desígnios
 nenhuns do destino desautorado.
Só a música cura, elimina o tempo sendo-o
em formas terríveis da condição humana.

Comovido, eis-me, o homem que vê sem olhar,
sentindo, pelo ouvido, o mundo da contingência,
largando a metafísica ao dia que se vai,
só em pleno choro, repetindo, criança:
Se tudo fosse diferente! Se tudo fosse diferente!

4/1/85

DE UMA MANEIRA OU DE OUTRA

Custa sentir o silêncio, perde-se a chuva
pela terra dentro, e quem escuta escreve a fala
de quem não existe, mas só consente o medo.

Terrível espera, sem saber onde ir, que buscar,
cada hora que passa traça uma fronteira,
nenhum caminho, mas a imensidade do horizonte.

E depois, a abstracção: sentir como homem a vida,
possuir certas palavras, como despedida ou logro,
e depois a concretização: um sibilino poema.

Mas o real arrepela-se de tanto fátuo ardor,
que língua governa o pensamento, que emoção
dilacera o afluxo de sentimento inamissível?

Como se a loucura só soubesse o almejado lugar:
um sopro casuístico, uma combustão tenebrosa,
a imagem quotidiana onde o terror não impera.

De que fala o mundo pelos seus noticiários?
Bombas e acidentes, a tempestade, a morte, a guerra
entre povos que se ignoram, de que ferve o olhar?

Estar entre foi, como tudo, um mito passageiro.
Viver a inexistência é, como sempre, a fuga,
a ida sorrateira ao clangor das palavras vãs.

Há um certo gozo quando se afirma o contrário,
espreita a demência cada brincadeira, o homem
destrói o simulacro para receber a semelhança.

Nada mais há quando tudo parece viver de ausência,
até o beijo que se furta da mulher tempestiva,
até a elipse com que se coroa a tola apetência.

Volta-se sempre, de uma maneira ou de outra,
à natureza, ao sol ou à chuva, ao silêncio azedo
que perfaz na incompletude a ilusão dos sentidos.

4/1/85

A DOENÇA

Belas manhãs despovoadas, um sol frio
dando à terra o seu brilho metálico, fatídico.
No quarto da doença, deitado em cama febril,
lanço o olhar flébil da minha presença,
e vejo, as traseiras de casas petrificadas,
a luminosidade hiemal de janeiro frígido.

Que ser ou sombra me invade agora que a febre
faz de mim o estranho centro de uma aurora,
o magma confuso onde nenhum pensamento navega,
a apatia do sentimento único: o medo?
Há, pela repetição dos processos poéticos,
a música debitada pelo ínfimo transístor,
canções que acabam de surgir na transparência
do que será por alguns meses a moda.

A mulher não foi trabalhar. Ciranda,
afanosa, pela casa erodente, o frio em seus lábios
quando de vez em quando os junta aos meus.
Perdeu, julgo, a sua mais íntima natureza,
transformou-se em enfermeira, com horários
para cumprir, a hora do remédio, das refeições.
Vê-la assim não me desespera. Deixei de ser
corpo, sou um amontoado de órgãos, doentes,
liquefeito pelo delírio que a febre provoca.

Sofrer é a última vez que aparece num poema,
prometo. Nunca mais o direi, com complacência
ou estrénuo raiva de animal ferido na vida.
Digo-o agora: tanto sofrimento para tão pouco
lugar, apenas um corpo, enorme embora, é tarefa

que não leva ninguém a nada, muito menos à poesia!

Vivo o dia a dia. Não é uma postura filosófica,
existencial como foi em época revoluta, é o medo,
não saber que amanhã me acolherá, que tempo
suporta tanta ânsia de permanecer em plena vida!
Vou ouvindo músicas, sepulto em cobertores cálidos,
o suor algures como mão de água que não purifica,
a dor em toda a parte, que havê-la deixa-me único,
perplexo roldão de quanto é sem válido consentimento!

11/1/85

VIAJO ENTRE EXISTIR E SER

Sair de casa é uma memória.
Mas viajo entre noticiários
e abismos de nada, o tempo
figura nodosa onde a música
estabelece os mais inusitados
ritmos, sopros, respirações.

Desço ao fundo quando um blues
arfa ao compasso das doze batidas,
a medida do universo, a língua eterna,
como se viver fosse sentir no corpo
os altos e baixos, os contrários,
as manifestações da sabedoria.

Subo em amálgamas de suor quente
quando o rock atravessa as leis,
dilata o sangue, irrompe no corpo
como sacudidela onde a alegria
quer viver, expandir-se, ser nua.

Suporto, que remédio, o lugar da moda,
o bem feitinho para hoje, o ritmo
onde nenhuma palavra se alicerça,
onde o próprio som sofre o medíocre

que alcança, ó justiça!, a fortuna.

A vida é isto, agora. E o outro lado,
a luminosidade do dia, casas humanas
onde destinos servem o tempo de vida,
assim, tão naturalmente, que custa saber,
ou sentir que possa efectivamente ser
assim. Mas é. Não me ter habituado
é que é imperdoável! Assim como este
último e pestífero verso, o inverso
de qualquer poética que tenha amado!

Nenhuma vontade, confesso, de sair de casa.
Não é desânimo, ou pessimismo patriótico.
Em nenhuma parte o prazer é mesmo prazer.
Há sempre um entrave, uma lei, um facto
entre o que se deseja e o que se obtém.

Tudo o que sonhei, indesculpavelmente,
sonho-o ainda. Nada realizei. Nada fui
do que arquitectei no desejo juvenil,
quando serei mais do que este real
suceder de todas as coisas, úteis como
inúteis? Êxtases, conheci-os, fundos
e irremeáveis, tão fugidios alores
que me é impossível descrevê-los.
E depois, de que me serviria? Tornei-me
muito egoísta, talvez. Ou, então, irónico.

Só a música me conhece como ser.
Corpo, fui abalroado algumas vezes,
espírito, leram-me os amigos atónitos,
mas ser, só quando a música liberta
do mundo a respiração humana com sons
onde a história que nos é pessoal
se torna verdadeiramente possível.

Ouvi-la transforma-me, dá-me o nascimento
que me falta, propõe-me um fim que não seja

a timorata morte, esvaziada de conteúdo.
Ouvi-la coloca-me no alto de mim mesmo,
a mais pura transparência tremulina,
a energia cósmica como partilha do mundo,
um saber que de elíptico nos abrasa,
reconhecemos que é vida o que se vive!

Fora de casa é bem pior que este inferno,
quero dizer, este calor que nasce da febre,
esta paralisia que atinge o sentimento
despovoando-o da imaginação e da inventiva.
Anos e anos calcorreei as ruas de cidades,
buscava a aparição, um só minuto de silêncio,
encontrei a fadiga, a estupidez, a miséria.
Tive que saber distinguir os brilhos...
Agora, só me importo com o do sol, meu pai,
meu mais íntimo amigo, para não dizer alter ego!
Fora dele, como fora de mim, tudo existe, nada é.
Que ser releva do mistério, não do mecanismo
a que está condenada toda a presença social.

11/1/85

PARA UM SILÊNCIO QUE FALA

Similitude, cicia quem se pretende poeta.
Saber que não sou eu traz-me a alegria.
Um silencioso espírito, não do lugar,
mas possivelmente do tempo, arfa risos,
destrói precipícios só concebíveis
por uma poesia que ignora o ritmo carnal.

Não importa do que se fala, pelo menos hoje.
É que o gozo, um sórdido gozo, recapitula o mal,
escrever com o Ser a servidão ao Nada eterno,
hora após hora, no papel, no corpo, na memória.

Um riso escarminho, vindo do sofrimento,
tolhido pela raiva, transposto pelo ódio.

Intemperança, sussurra quem se sente poeta.
Felizmente que nenhuma obrigação me liga
a qualquer história, pessoal ou humanitária,
mas apenas o desejo humilde em reviver
a dispersão como clima mais propício ao saber.
Interessa o pensamento, pela fuga, pelo horror
que é permanecer na escrita, odiosa temeridade.

Um riso tentacular, fluido como uma maldição,
isento de amoralidade, brilho humano da hora.

Desgaste, mussita forâneo quem se quer poeta.
Mas a figura ou o modelo jaz, podre, no chão.
Retórica do paralelismo, sofre a vingança
que todos os ismos merecem, a sua destruição.
Porque algo mais cresce, emerge, irrompe,
sinónimo, nas entrelinhas da sábia consciência.

Importa apenas viver aqui, sem mais nada.
Sem fingir um pensamento ou uma esmola,
uma sensibilidade dita sempre contemporânea,
uma denegrada escola, quando a inteligência falha.

Que riso horrível! Senti-lo em sua baba poética,
apocalíptica degradação do sentido depascente.

11/1/85

MAGNÍFICO INCÊNDIO

Incêndio é quanta escrita se faz alma,
contra todas as poéticas, contra todas as ideias
que infestam o ocidente votado à miséria.

Há um homem solitário, não interessa onde,
nem do que vive, nem para onde plausivelmente vai.
Há uma canção que irrompe na sensoria moderna.

Escrevê-la todos os dias é mais que vivê-la,
é pressentir que a presença não basta,
é reconhecer na morte o começo de outra coisa.

Não há metafísica que descubra a alegria
de sentir pelo mal um amor tão inóspito, há o mal
como invenção anímica, como desejo, ou desespero.

Mas não vou, poeta passadista, limpar o pus
da chaga que culmina todos os raciocínios,
exploro apenas a melhor maneira da degradação.

O século sobreviverá às bombas e ao mádido medo,
com ou sem aliteraões saberá reduzir-se a tempo,
essa roda dos dias e das estações quase eternas.

Mas que natureza é homem ou que homem existe
ainda neste mundo onde o social carrega o custo
de felicidades perdidas, de gozos insuspeitáveis?

Incêndio é o processo, voltar ao começo,
não sendo origem nem fim ou finalidade, mas eco,
do regresso que cada corpo fará ao atingir o nada.

Livros, escrevi-os e li-os, perdi do tempo quem sou,
duvidei do homem onde eclodi, criei fantasmas,
edifiquei sombras onde o futuro não possuía sol.

Amores, mares moleculares onde a sexualidade
expressou a fatalidade e o determinismo, ser animal
quando a hora chega, obedecer ao desígnio nenhum.

Incêndio, esse desejo rejuvenescido, soprar o fogo
quando a carne estremece, o olhar brilha de sangue,
do que faz perpetuar a raça e os seus crimes.

Nada disse, penso, de inessencial: cada palavra
foi uma casa de abrigo, um porto onde o perigo
farejou uma queda, uma fraqueza, um delírio azedo.

Tracei a história como só deve ser vivida:
com o corpo e com o espírito. Deixei os jornais
mentirem factos, acontecimentos, políticos ou banais.

Cada dia que passa, apesar do desânimo,
que é viver num país que não nos pertence,
e apesar do ódio, cresço como uma saudável alegria.

Amo viver, pelo sofrimento, pelo gozo, pelo êxtase.
Cada objecto que toco, se não merece um pensamento,
recebe de mim uma carícia pela sua existência.

Fui bem perto dentro do mecanismo da razão,
subi ao horizonte da especulação dita filosófica,
desci a montanha purificado pelo horror do silêncio.

Não é fácil viver o erro, a estupidez, o crime.
Ganha-se dia a dia a língua, o barco, o refúgio.
No meio do tumulto o embotamento é a salvação.

Ouvi discursos, antiquíssimos como recentes,
todos se contradizem porque nenhum deles é homem.
E quando o são a contradição é viva como uma ferida.

Continuo, seráfico e maléfico, a escrever o destino.
Não o que sei e pode ser lido, mas o que ignoro,
e que terá que ser inventado pelas leis do futuro.

É esta a minha sorte: dizer o dislate como prémio.
Não fui mais além, não transpirei nenhum aquém.
Senti que era importante em palavras desejar-me.

11/1/85

SONHO FUTURO

Voo pela vertigem até sentir o medo,
uma maneira imponderável de respirar,
de estar envolto pelos sentidos tesos

como manifestações da dúvida e do zelo.

A fria tarde é hiemal, a casa dorme à luz
do candeeiro, a filha no quarto a brincar,
a mulher na cozinha preparando o bolo,
magros limites onde a rotina se faz fogo.

Meu corpo não pára de me surpreender.
Entre a dor e a suspensão ou o olvido,
ei-lo, que me afaga de preconceitos surdos,
como ter medo, sensação que me dilacera.

Morte, infelizmente, é quanto penso e acho
nas meditações insuladas, nos requebros
dos dias, quando o sol surde e desaparece,
sem um sinal maior que a sua permanência.

Alegria é quanto busco, mas o corpo diz,
fala outras línguas incapazes de amor,
de compreensão pelo destino que me queria,
se fosse eu quem organizasse o universo!

Assim passo os dias, que as noites, escuras,
vivo-as nos alçapões de histórias infantis,
ouvindo as mais loucas presenças do humano,
respondendo com a angústia ao nulo enigma.

Quanto mais tempo aguentarei ainda? Seis
meses de desastre, toda a estrutura psíquica
foi por água abaixo, entre nervos e visões,
estremecimentos onde a alma não faltou de doer.

Procuro o diálogo comigo mesmo e não encontro
quem me responda, quem me alivie da tensão.
Tentação acabar com tudo, se viver não fosse
ainda um sonho futuro, previsto pelo tempo!

13/1/85

INAUGURAL

Fluctívago desmembrar da consciência,
os dias ensimesmados no mesmo, o tempo
surgindo como uma estranha música, sol
telúrico quando o crepúsculo lambe a terra.

Todos vivem num perímetro, da água ou do fogo,
ninguém reconhece a hora, o seu vislumbre,
a necessidade ontológica de um homem
para que a história não sucumba à memória.

Homens da ignorância, eis-nos, em domingos
profanos proferindo o discurso nenhum da náusea,
este clangor afeito ao horror do destino,
esta desmesura perante o inolvidável medo.

Vamos, tenebricosos e fátuos, frágeis carcaças
da ideologia que nos cabe, pensando e suando,
sentindo o absurdo de uma morte que não redime,
presos por faúlhas de loucura à palavra incestuosa.

Somos, felizes, todos diferentes, e a miséria
é tanta que não há olhos para perceber o que vai
pela política do mundo, pela estupidez dos governos,
há apenas a única solidão, perecer enquanto se vive.

A realidade cantam-na, os optimistas do objecto.
Nada me diz o redor senão como horizonte mítico
onde de mim sai o ser que se evola no esplendor
de perguntas que nunca acharão a porta da resposta.

Sagrar o quê, quando tudo se desmorona em ruínas?
Verberar para quê a sorte que nunca nos coube?
Passar, é a música, se possível em harmonia,
cada som um pensamento, um desejo, um prazer.

E depois, a lógica que se tem que evitar!
A gramática que nos asfixia, dizer as coisas

como se houvesse um mundo e homens e palavras!
Há esta inaugural forma, o começo, o respirar.

13/1/85

O TEMPO DE VIDA QUE NOS CABE

Impossibilitado de recordar
finjo que é presente quanto se sente,
estar aqui, o dia tão essencial
como uma evidência.

Depois, buscar longes não é tarefa.
Dizer o humano releva de outro conceito.
Que resta à palavra?
Terrível silêncio, o real casual
insinua-se na consciência, viver e descobrir
que o emprego do tempo é cíclico,
quando não é um engano.

Que há a fazer? Mudar o mundo?!!!
Mas a inteligência repugna juntar-se
ao comum sentido da estupidez que baralha
as batalhas do político.
Ei-los, os pobres, novos e velhos,
procurando afanosamente o equilíbrio,
a forma da saída para uma escuridão
que entenebrece todo o país.

Ninguém percebe de disciplinas que se criam,
como a economia.
Teorias, há-as às centenas, arfam de expectativa,
no fundo o bem estar está muito mais ligado
ao inconsciente das ditas massas
que dos números que se deduzem e apresentam
em dossiers do escárnio.

E depois, que sentido para tudo isto?
Não haver sentido é a sorte, o caminho.

Que sentido para a sucessão das estações?
Para o dia e para a noite?
Para a vida e para a morte?
Nasce-se, cresce-se, espalha-se o perímetro
do ser durante alguns anos, encontra-se o mundo,
sofre-se o corpo quando não é o prazer
que nos lambe até ao mais íntimo do desejo,
vê-se, assiste-se, colhe-se imagens
que desaparecerão no cadáver,
não haver sequer um museu dos sentimentos,
uma casa das ilusões que nos banharam
para que vindouros animais do desassossego
pudessem ao menos testemunhar uma fugidia presença.

Deixam, os estafermos, monumentos do povo.
Grandes pedras que não simbolizaram mais
do que a estrutura do poder,
espaços de ódio onde o ócio revive
como uma afronta ao tempo de vida que nos cabe!

Poetas, os coitados, julgam poder com palavras
reverberar a história, e escorregam nas ilusões
como crianças que nunca foram, felizmente, à escola.
Procuram, os mais afoitos, ouvir a própria matéria,
perspectivar os segredos do universo,
não como a ciência, concupiscente olhar do medo,
mas como feiticeiros do antiquíssimo brilho,
em poemas que deixam, por isso mesmo,
e não é uma crítica, muito a desejar.
Criam, os que o podem, uma outra língua.
Ninguém os saberá ler, porque sinais aparentes
transformam-se, por alquimia, em essências
onde só aí a verdade é possível e desejável.

Vivi a confusão, longe do sentido pleno de casa,
percorri as ruas poluídas de cidades civilizadas,
senti, como mais ninguém, que a Obra era um mito,
mas em vão. O corpo possui desígnios
que o espírito, o quer que seja, desconhece

ou ignora. De nada me valeu a inteligência.
A liberdade. Quem escreve não é quem vive e sofre,
a força vem de algures, a energia é outra.
Pequeno animal à superfície da terra,
esbarro com a luz que incendeia a consciência.
E escrevo, e digo, e falo: pura ignorância,
quando não é puro engano. Mas não há nada a fazer.
Continuar é a lei, o signo, o único suporte.
Sem perguntas nem respostas. Continuar, isto é,
respirar lentamente o tempo de vida que nos cabe.

14/1/85

UM OUTRO LADO

I

O mal é não haver, sobre a terra,
um único objecto para as minhas palavras.
Deixa-me reflectir...
Quanto escrevo não acha espelho,
nem coalescência de uma temperatura de alma.
Quanto digo ignora, estrangeira, a forma
do horizonte, o desplante da natureza noutro estado.
Não há, por assim dizer, eco,
e quanto ecoa vem do sem fundo, do sem mundo,
gargalhada semântica mentindo a eternidade.
Há, patético, um lago, como outrora havia a clareira.
Lembro-me, e quem me recorda está vazio
de feitos, de factos.
Deixa-me pensar...
Escrever não pode almejar a ser!
Seria um absurdo, uma defectível monstruosidade.
Existem as palavras, apetece repetir, existe o mundo,
existe quanto bruxuleia entre mim e o fim,
mas será terra onde se possa viver?
Compreendem o problema?...
Estou mais calmo.
A tarde é um outro poema, escrito há anos,

ou uma obsessão cíclica, como um lamento
onde não se descobre uma réstia da emoção,
uma faúlha do pensamento que nada deve ao raciocínio,
mas ao enigma, paradigma da presença humana.
E depois, o próprio poema ignora.
Não é culpa de ninguém, que ninguém também existe,
mesmo se faz explodir a ordem da gramática.
Tudo é mais sério.
Basta pensar, pensemos um pouco mais...
E chega-se sempre a isto, à vida.
Sim, dizer a vida, recolher em papéis geniais
a vida, a que nos deram, a que nos falhamos,
que nenhuma outra mais possivelmente existe.
A vida, amigos.
Nada mais me interessa, nem sequer a arte,
de dizê-la, de inventá-la, de sofrê-la, de merecê-la!
A vida insinuante, via tautológica
onde se perdem palavras, a língua, a história.

II

Um largo e grande borrão ontológico, pensar
que se alcança, que se figura, pela ausência
ou pela artimanha, o brilho, a luz, a compleição
de um sonho que vive sempre em frente, além,
referência onde a costumeira e rotineira mediocridade
acha o desejo, a vontade, de dar mais um passo, de avançar.
Não me interessa viver o dia a dia.
Não brinco mais com adolescências furadas,
com jogos de palavras, com mimetismos de inteligência.
Quero saber o meu futuro, que coisa ou objecto ou ser
sulca o caminho nodoso dos meus passos,
quero pressentir o auge, a necessidade de cúmulo,
quero vislumbrar uma terra onde possa rejuvenescer.
Mas a traição é diária e quase subjectiva.
O engano ganha cada amostra do absoluto poema,
reviver a emoção não é um sufrágio, mas um suplício,
sentir em vão, sentir sem substância, sombras, ecos,
vozes destruídas pelo vento da demência.

Quero agarrar um corpo, que criá-lo me é impossível.
Não sou mulher sendo mãe, o crime é um castigo.
Esta ânsia, prever o que do passado não sobrevive,
e chorar, pleno mar, o sal que fere os olhos líquidos,
como se a culpa fosse possível, ou mesmo desejável.
Ou ainda necessária! E não há mal.
Que bom, se o houvesse, para justificar tudo,
até a displicência com que o Nada arvora o seu feitiço!
Há isto aqui e em redor, sobre a cansada terra,
e não fala, passando como acontecimento ou história,
ficando, derretido, na carne como suave memória,
uma hora onde a rima atroa, um êxtase onde o ritmo
atingiu a cumplicidade do cosmos, respirar o azul,
depois o corpo, o sangue pelas artérias e veias,
depois o espírito, esta leveza, este mecanismo
onde o Ser seduzido pela operação da eternidade
confunde a palavra com o mundo, e repete,
canino, fescenino, os dislates das ideologias,
as grosseiras metamorfoses da existência humana.
O mal é haver, fora de qualquer terra ou plinto,
a suspeita, e a necessidade quase orgânica
de ausência, de um outro lado.

14/1/85

ALGURES, AQUI

Inclinado sobre a folha de papel faço apelo
ao fogo, às labaredas de uma metafísica qualquer,
e espero, ciente do tempo que se escapa em vão,
preso, pelo silêncio, ao roldão de mil insinuações.

Desejo ambíguo, continuar esta música, este amor,
redescobrir a página virgem para nela depositar
o carinho que me alicerça ao simulacro da ternura,
lugar por excelência da ausência que nos enforma.

Versos, vasos ou barcos, a história humana súpula
de livros onde autores pecaminosos desgovernaram

o sentido sensual da demora, o rito severo da hora
que cabe ao fingido leitor quando a noite areja.

Estranhos corpos imbuídos de estrénuos arquejos,
o pensamento recoberto de quanta luz ilumina
o torrão da consciência onde a sensibilidade
devora o medo de se ir mais longe, mais perto.

Aquém e além, medidas usurpadoras do crime único,
viver pelo tempo como corpo de homem e olhar pleno,
morrer em cada susto quando o medo é uma dor,
impressão indelével onde o fim se faz começo.

Mas é preciso continuar, ó poema, ó leitor!
Pouco importa a alma, o dizível e a confissão,
a memória perde-se em pormenores de acaso,
a inteligência sente até que ponto é dislate.

Faz-me pois um favor, lê-me, retoma-me, aperta-me,
não deixes cair no chão este livro que te ofereço,
busca nas entrelinhas a profundidade do universo,
havê-lo vale a pena, quando a gramática não asfixia.

Sou um homem, para que saibas quanto está em jogo.
Escrevo estas passagens pelo material desvelo,
algures, aqui, flutua uma chama, um lume, chamamento
terrível da carne quando é o espírito quem mente!

14/1/85

AUTOBIOGRÁFICO

A doença arrasta-me pela casa.
Janeiro não é consolação, um sol frio
festeja a europa com temperaturas
que comprometem a ideia de inverno.
Não saio de casa. E a janela mostra
o desconforto, o verde comido pela geada,
as poças onde a lama não é moderna.

Passei o dia a ler, biografias, por sinal,
daqueles que amei, sofrido, pelo encanto
de passos que, por mais diversos, trazem
sempre a morte como coroação. Li Brel,
já que ouvi-lo não posso, poucos discos,
hoje, são a minha posse, e nenhum deles
é dele. Mas recordei, com emoção e raiva,
o último, alguns versos na voz anímica
que desvela o mais íntimo da luz humana.
A mulher ainda não chegou a este poema
autobiográfico, e já passa das sete.
É um prazer escrevê-lo, assim sem medo,
tão perto de uma felicidade que foge,
que debanda quando mais preciso dela.
Não vou ganhar a vida, a escola espera,
é bom ficar-se em casa, senti-la plena
de quanto nos é mais perene e alegre,
longe do cansaço, da desilusão do mundo.
O país parece que vai mal, pior para ele.
O dinheiro não chega, vive-se de miséria,
possui-se o suficiente para a alimentação
tanta frugalidade, quando não é desejada,
torna-se num vício, num crime de lesa vida.
Trabalhar, temos de convir, e diga-se
o que se disser, cansa. Este povo sabe-o,
que faz o menos, antigo como uma população
de deuses à deriva numa história absurda.
E depois, com ou sem democracia, parece
não haver remédio, mas apenas sobreviver,
aos dias que nos arrasam de absoluto,
à estupidez que desce pelas estruturas
onde o governo não sabe como governar.
Chega a mulher, um beijo frio, um abraço,
chegam as fotografias do último Natal.

14/1/85

ECOS DA NOITE DORIDA

Agora é verdadeiramente noite, digo a mim mesmo,
e um estranho sorriso, feito de quanto tenho sofrido,
irrompe como uma máscara obscena, indecente.
É necessário, pelo menos hoje, pelo menos agora,
criar a ilusão de que a poesia é possível,
de que a poesia é ou pode ser uma forma de arte.
Agora que é naturalmente noite, e faz escuro lá fora,
tudo, mesmo o silêncio e a luz da civilização,
parece obedecer a uma lei, cuja incógnita ignoro.
Palavras como destino, ausência ou perdição
perdem-se no anonimato da história passada, ecos
sem brilho do fascínio que impuseram ao olhar amante.
Mas que novos sentidos navegam a confusão da época,
que ideias solevam as inteligências dos coevos,
que sentimentos se sentem à vontade nesta atmosfera?
Inventar é preciso, penso, entre a dúvida e o medo,
um mito à altura dos acontecimentos vividos,
uma teoria que abarque a substância da matéria
com que se faz a realidade circundante. Por isso digo,
confiante e sereno, homem para todos os sentidos:
agora é visceralmente noite, não preciso de ver
o negrume onde manchas de luz salpicam a abóbada,
basta-me saber a hora, o tempo, o lugar da memória.
Não vou criar nenhuma filosofia para o que está,
vou simplesmente ciciar, como criança face ao sonho,
versos incompreensíveis, lengalengas misteriosas,
apelos onde a carne obedece ao desígnio do acaso,
como canções que nascem para suavizaram a estadia.
E digo, sussurrando: noite ancestral, noite inaugural,
não venhas, antiquíssima e banal, perturbar os homens,
deixa-te ficar no estremecimento do cosmos surdo,
imagem delirante de um mundo onde o destino sofre
por ganhar as cores frias do absurdo e da desmedida.
Nenhum homem te reconhecerá, mas o olhar do poeta
não mente quando em ti vê o perigo, a grande fuga.
Por isso sê magnânima, limita-te à felicidade
dos ciclos, não te intrometas na verdade dos homens.

Ela ouve-me, leitor amigo, e atenta permanece, escura,
horrível, imóvel como um desejo que não se concretiza.
Agora é mansamente noite, ouço quem me diga ao ouvido,
a máscara, o sorriso, o terror de me saber ainda vivo.

14/1/8

LENTAMENTE

Chove lentamente pela tarde fria,
pena isto não ser poesia, mas a angústia,
o medo de quem vive de puro sonho,
passar entre secura de lágrimas impossíveis,
o tempo amigo, o lugar do acaso, a hora.

Chove lentamente diante da janela,
eu sinto o calor industrial da casa,
e mais longe sinto que o homem que sou
desperta para o universo, como uma mentira
quando se ignora as peripécias da história.

Chove lentamente, uma canção que se repete,
a tarde escura, ensombrada pelo cinzento,
e o corpo lutando com o espírito,
indiferentes à pessoa que acalento,
entidades absolutas de um desalento letal.

Chove lentamente, a música é rebelde,
o vidro perde-se em quadros realistas,
nenhum cheiro senão o do suor animal
que banha este medo, esta dor tão física
que é quase impossível inventar a palavra.

Chove lentamente como se nunca tivesse sido,
como se a ambiguidade não tivesse livros,
mas silêncios estarecidos, afagos terríveis
onde a consciência asfixia pela descoberta
do inusitado clima, este inferno.

Chove lentamente e eu choro.
Perdidos os sentidos, resta a respiração,
arfar de sombras, estar aqui, ainda homem,
talvez um sopro do futuro intangível:
pena não ser poesia para poder aqui ficar.

16/1/85

RETROSPECTIVA

Vulgívago desejo, viver,
perder no dia a substância da sorte,
um acaso entre o declínio e a esperança,
animal feraz ferindo a medula do tempo.

Esquecida a essência como não existência,
resta rever os passos onde a história
nunca foi verdadeiramente pessoal,
o mundo reconhece a sua máscara.

Fiz a terra, amei o mar, seduzi a mulher.
Passei olhos sobre o clarão, pensei assistir
à aparição, o corpo levitando, o espírito
hirtos como uma encenação da vontade.

Odiei os senhores do putrefacto poder,
não votei pela sociedade, estúpida e ignara,
chorei diante da miséria como criança
que perde os brinquedos da inocência.

Soube a fome, o frio de cidades outonais.
Ri da maçã quando amigos me ofereciam
breves repastos, a imagem era uma solidão,
minúsculo quarto cheio de intemperança.

Fugi à guerra, regressei à terra, nada foi
na mesma nunca mais. Aprendi, subtil, a gramática,
escrevi insinuações de vida, mas o desastre
descobre a extensão do engano e do logro

Trabalho o riso, a artimanha, o desgosto.
Com o dinheiro encho a casa, perdulário
mecanismo do tempo, da moda, do inconsciente
que vê ao longe o além da necessidade.

Cada vez mais homem, se isso quer dizer
ainda alguma coisa, vivo o sortilégio, a paz
onde o mundo foi banido. Espero-me, liberto,
não já a criança, mas o velho que me saudará.

16/1/85

O PARAÍSO TERRESTRE

Começar por começar, digo, como importante,
a chuva que cai, solúvel beijo dado à terra,
neste frio hiemal onde o olhar se perde
diante do soturno horizonte, o corpo doente
ou o espírito maníaco, dia a dia desflorando
a raiz onde nenhum pensamento se atreve a vir
dolorosamente habitar. Disse-o tantas vezes,
repito-o, consciente da estultice poética,
há a música, a emoção do momento, debitando
o melhor que pervaga e adrega o humano mundo,
mesmo se para isso é preciso inventar o amor.

O medo conspícuo dilacera-me, não há dia
que uma dor não seja física e sobretudo carnal,
arrastando a experiência existencial ao poço
onde nenhuma luz pontua de essência a hora.
Sei, porque me é pertença e dúvida, o aterrador
olhar, o corpo entre a vertigem e a raiva,
num levantar de aforismos perpassados de algar,
sitibunda prepotência do desastre que encobre
o ctónico rio do absurdo, da contingência,
da impossível verdade que se ri do milagre.

Perco-me, seguro na mentalidade da casa abrigo,
pela chuva, pela música, um sonho terrível,

uma sintaxe nítida onde a elipse alastra fogo,
imponderável jogo entre palavras obscenas,
ritos que salvam o tempo da mediocridade feliz,
riscos intoleráveis para a finalidade do século.
Não é um abandono, a demissão perante o perigo,
é a revolta alegria de me saber terra ferida,
buscando, pelo enigma, pelo contraditório deslize,
o apelo da salvação contido em todas as coisas.

Vou sobreviver, quero-o, porque da vida que arfo
apenas colhi o obscuro tremor da injustiça,
os pontapés no cu pela desobediência ao marasmo
que inunda o mundo da organização dita humana,
os espinhos metafóricos que me fizeram sangrar
no mais íntimo da carne, esse oculto alor, calor
tão vivo desejando, pelo derrame, o paraíso terrestre.

21/1/85

OS DADOS DA AMBIGUIDADE

Dentro, como se sem mim,
sinto o fogo, a vida,
traduzida esfera do medo,
como se a loucura soubesse pela ausência
qual a dor, qual o problema a enfrentar.
Estou imóvel quando é o movimento
que me percorre, o sangue roda,
o coração pulsa, crepita, debita
um estranho calor que me faz homem.
Dói, não só a consciência, como o sonho,
saber que viver é isto,
simplesmente, passar pelo tempo,
uma ânsia, uma terrível dança,
sorte e fortuna, ambiguidade.

Mas não atinjo o apogeu da matéria.
Faço, pela música, um íntimo silêncio,
para poder ouvir, sentir, perscrutar os sinais,

gestos da era, não só histórica como pessoal,
e nada é quanto encobre o meu desígnio.
Não é o frio a fome que afugenta o olhar.
Cresce-se no corpo, sofre-se o destino,
mas um vazio, pleno, perdura, com ternura,
até que a carne profira a palavra espírito.

Mas quando o diz, nada disso é essencial,
ou parece ter vindo do lago, fundo anímico,
onde a língua colhe a semântica abordável.
Quanto diz é testemunho da terra, do social,
da visibilidade aparente das coisas,
banalidades do desassossego em homem.

Sobrevém uma tristeza
da ordem do infinito, da distância
que, mais que realidade, se inventa pela poesia
exigir de quem a vive uma desmedida
saudável.

Sobrevive uma lágrima,
um apelo sincero e último ao sentimento,
único domínio onde a ciência esbarra.

A tarefa é inumerável.
Reinventar o poder possível da emoção,
o sentir animal, não como uma doença,
ou uma antiguidade fóssil,
mas como um feliz riso de criança,
aragem imaculada das afinidades cósmicas,
irrupção imarcescível do finalmente
amor.

A espécie perde-se na colusão do ódio,
ganhar um poiso, sobreviver ao cataclismo
são as doutrinas que deterioram o humano.
Eis-nos em plena necessidade de guerra,
justificando os plausíveis medos
gerados em gerações sucessivas de cegueira,
a fogueira ardendo e queimando inocentes

ao som lúgubre dos inóspitos mártires.

Quem sente, o que quer que seja?
Toda a gente lê, aprende, raciocina,
ninguém mais tem dentro de si um dentro
capaz de disponibilidade ou de carinho.
Amor é a palavra por excelência,
por não ser mais sentido sentimento,
comoção do corpo, tremebundo deslize opimo
onde o espírito reconhece a verdade,
a necessidade de uma pletórica comunhão
com a alteridade que nos é implícita.

Ritmo e rima abrem-se para o mundo.
Recebe-os a doença, esse enigma,
inferno infeliz onde o desclassificado mal
vibra de impotência o seu zelo,
a sua estima pela degenerescência.
Morrer é a lei, sei, mas não assim,
da maneira mais imprópria para o homem.
Sem consentimento torna-se um flagelo,
espelho da mal vivida vida, redundância final
para o erro que algures surdiu, irremediavelmente.
Fazer de cada passo um lugar irremeável,
a tentação, e o medo súbito diante da solidão.

21/1/85

ESTRANHO DESÍGNIO

Uma inspiração fácil,
que me desse toda a medida do corpo,
e a distância que me separa do espírito!
Busco a permanência, mas não a reconheço,
algo me ignora, uma luz quando é dia,
quando é noite a escuridão mais cega!

Pontuado de dúvida esfarelo-me pelas palavras,
onde a possível história do quotidiano,

onde a reclusa eternidade de um sibilo?
Dizer de onde sou até onde fui fere-me de antemão,
os tempos estão errados, a inversão reduz
o silêncio em experiência apenas catalogável.
Não me interessa.

Subir pela ideia, seja ela qual for, mesmo se genial,
prolixa na monstruosidade que colhe a origem,
é uma notável fuga, poética desmedida,
intrusão infeliz e ignóbil no marasmo do nada.

Mas sentir, o que é sentir?
Furibundo, porque foi essa a palavra,
a primeira a introduzir-se na composição,
um riso larvar desfolha a fealdade
com que aceno ao idiotismo da época.
Ah, mas sentir... se fosse somente possível!
Sentir quem sou para viver o mundo,
a totalidade das coisas reais como irreais,
a disparidade dos seres, visíveis como invisíveis,
sentir a terra no seu científico movimento,
o céu, ora azul ora cinzento,
o redor, seus ruídos, clamores altruístas,
os outros, ilhas derivando em declínio.

Vertigens é quanto perpasso, a perda,
a filosófica propensão para a queda,
e a dor, inadjectivada, salutar, ubíqua.
Sofrível medo, medir o dia a dia pelo desgaste,
um poema interrompido, um livro inacabado!

E regressa-se, deploravelmente, ao começo.
Ao asfixiante nada, da tautologia, da imaginação.
Um sereno lago, largo percorrido pelo vento
em estremecimentos de penugem, o sol batendo,
a tremulina, a interação do acaso com a sensação,
estádio peculiar antecedendo o êxtase. A luz,
em requebros, ápices de fulgente tempo,
clarões onde o branco mussita pelo horror

a violência da voragem, a única eternidade.

Escreve-se vida no desértico papel,
falha-nos a vista, é uma tragédia vivida
como se nada fosse, um truísmo, lugar
por excelência comum, como fórmula pública,
profética no mimetismo da sua truculência.

Ouvem-se vozes, cuidado, são os outros!
A humana fauna, disponível e irremediável,
labutando entre o crime e a fulguração
do que poderá ser a honestidade,
um corrupto país apodrecido pelos políticos,
esses a quem o vício nasce legalizado,
cujos crimes, por ironia do poder, são leis.

Fugir, fugir, é o alerta,
a angústia de se ter que conviver
com a escumalha, com a ordem estúpida,
com a organização da incompetência.
E ninguém, dizem, é culpado de nada,
de alguma coisa.
Todos procuram a sitibunda solução,
dar pela presença a felicidade,
o amargo pão da mediocridade.

É aqui que a inspiração falha,
que o trabalho poético claudica,
de indignação, mas também de indigência.
A matéria, o silêncio, a meditação,
se falam, se dizem alguma coisa, não acham ouvidos,
de tal maneira o furor, a gritaria, a consciência.

Nunca a história foi tão individual,
mas são tão poucos os indivíduos.
Massas, há-as em volumes estarrecedores,
passam, entram e saem, movem-se como abelhas,
pressurosas e ávidas, sem tempo, no espaço limite
onde nenhum sonho as povoa: dizem-se

homens e mulheres e crianças,
um desafio para a própria inteligência.

Nenhum poema resiste à secreta desagregação.
A fome avilta, ei-la, pelas cidades proletárias,
no jovem que vem pedir esmola à porta,
uma tão duvidosa metafísica para quem governa!
Ter pena ainda é sentimento?!
Há quem escreva em revistas modernas
apologias ao amoralismo, como se a sobrevivência
fosse mais um capítulo da história das ciências.
– Quantos morrem?... (Estúpida elipse!)
Quem se importa?
Aqui como ali, o que importa é não ver.
Para isso se criaram as comunicações,
maravilha do século tecnológico.
Mas a fotografia da mulher negra, esfomeada
mãe onde o leite não existe, nem como essência,
agarrada ao que poderia ter sido seu filho,
impossibilita a gestação de qualquer verdadeiro
e único poema. A genialidade não é ignorante.

– Que fazer?, cicia, por impotência,
aquele que escreve, aquele que vê, aquele que sente.
Não se enganem, não é nenhum poeta.
Seria puro cinismo, um escândalo, um desaforo.
É homem e basta-lhe, que sofrer, a si e aos outros,
tem sido a desmesurável tarefa que não lhe cabe,
mas que lhe cai na sorte, terrível odisseia,
imperecível companhia, flagelo da ferida carne.

Parece não haver nada a fazer.
As palavras não mudam o mundo,
a palavra não muda o homem.
Estranho desígnio, assim viver!

25/1/85

LIVRO II

SER HOMEM

PRIMEIRA PARTE

EI-LA, QUE SEMPRE CHEGA

A primavera adianta-se ao calendário.
Nenhum sentimento abortício nesta constatação.
Nenhum vazio de ser, excepto uma alegria.
Ver de longe, timidamente, o sol descido à terra,
desta impessoal janela onde quem sou respira.
Ainda é manhã. Um acampto silêncio arrasta-se,
viver, e penso logicamente nesta frescura.
Algures, da vizinhança, chega comovida a música.
Uma canção prostituída, mas não importa.
Importa gozar lentamente o tempo de vida,
vendo, ouvindo, sentindo quanto me inebria.
Há uma realidade, eu existo, eis a filosofia.
As roupas balançam estrangeiras e actuais,
silhuetas, esquemas, desenhos breves e úteis.
Uma enorme árvore repousa absorta em si mesma.
Quanto tempo durará ainda nestes arredores?
As casas limitam a natureza, as pessoas vivem
em desterrados subúrbios, falhos de absoluto.
Uma vez mais, estou aqui. Eu. Aquele que escreve
o simulacro do poema, esse mesmo que dessente
a ideia como manipulação humana do real.
Apetece tanto nada dizer dizendo este lugar,
como se a vida fosse jogo, acatisia, acensão
do visceral fenómeno que é perpetuar o riso.
Apetece sobretudo voar, nadar, ir pelos ares,
sentir no céu trivialmente azul um acedente lar,
a casa com que tanto se sonha quando se é homem,
isto é, propenso à viagem, isto é, vagabundo.
A casa em que realmente se vive está deserta.
Seus habitantes foram-se, as lidas são muitas
neste fim de século, e triviais, e irrisórias.
Ganhar a vida ou preparar-se para a vida.
Exige-o a máquina, não o corpo nem o espírito.
A máquina, máscara económica da desorganização
nacional, do conflito mundial que alastra.
Mas há sempre uma janela, mesmo se morrem
aos milhões aqueles que se fazem inconsciente

dos que ficam sobre a terra, patéticos títeres
onde a verticalidade se corrompe com ilusões.
E há, todos os anos, a primavera que chega.

14/3/85

A AVENTURA

Numa tarde indecisa um acescente vento
verbera com rajadas acmásticas o acedioso
hábito de não fazer nada. Um sol acrato
propala este amarelo, estar mudo na terra
adrega, pervaga a disponibilidade do sentido.

Como vilipendiar o desejo acroamático de hoje,
fazer poesia esclerosa o domínio da história.
É preciso muito medo, alguma coragem simbólica
para vir, dia sim, dia não, escrevinhar o ardor,
fútil acoria onde a sensibilidade definha.

Dizer, acuchilando, o terror acromático
onde impera a rotina, escrever, sacralizando,
uma hora impossível, o acosmismo infantil,
a acribologia senil, a acrisia da inanidade
com que se brinda a arte da incompletude.

Rir, como a sarcástica tarde, do que vem tarde,
um sorriso fescenino obnubilando a razão,
uma gargalhada chasqueada ao zelo acuminoso,
a máscara onde a palavra exsuda, senão sangue,
pelo menos o mijo adióforo da tola expressão.

Sempre houve realidade, disse o adicto mestre.
Haverá peste, tortura, saimento e destruição,
diz o verbo magnífico, umbilicado ao génio,
do mal, que de moralidade se trata, agora, aqui,
quando a nula ablegação desenterra a estética.

Importa pois a tarde? É essencial dizê-la,
depois esquecê-la, depois reitera-la diferente,
um hino hábil à monstrosidade que averba
quanto disparate é sentimento abiótico,
quanta necessidade exulcera a carne poética.

Nada disto é vida, leitor patético, tudo isto
se evola no céu adnato da nossa ignorância,
uma língua ádvena, palavras aflogísticas,
frases ágamas, versos agonísticos, o poema
instilando o veneno da rebelde ageusia.

Tudo quanto se escreve destrói o tempo.
A ideia de forma, o pensamento aforístico
de que o mundo é em essência dor e solvência,
socavam os fundamentos ágrafos do homem,
ajoujam a independência álala da consciência.

Há um abuso absurdo e abstruso, sentir algo.
Alagem ou queda, quem demanda a foz sacode
a luz, elucida as trevas com faúlhas angelinas,
um torvelinho, um caos prescrevendo a algolania,
esse horror onde a metamorfose ganha o nome.

Sentir subterrâneo, isto é, dessentir a vida,
assorear o sofrimento com lampejos de alegria,
vale tudo, até mentir, até aventar que o mundo
é feito para ser vivido nesta mágoa esurina,
neste desconforto onde o corpo sanciona o bem.

Desprezo altor por tudo quanto ressuma imagem,
representação, inventiva ou mesmo imaginação.
Alolalia é o fito, mesmo se pejado de mito,
mas a voz, o segundo, o lugar é hoje e sempre.
Que poema tão certo de existir na linguagem!

Aluviamento de sensações, foi de ontem o rasto.
Esta insuportável amarugem, este sortilégio,
pressentir que há um fim para o duplo começo,

e depois ler o riso ambagioso daqueles que são
o percalço, a escória da humanidade medíocre.

Tábua rasa, o rio, o silêncio sem natureza.
Jangada consignando o remorso amíntico,
este esplendor feito de quanto se perdeu,
de quanto se esqueceu da amissível educação
onde os sentidos saem do homem algóforo.

Não mais partir, mas ficar, agir, propugnar.
Não há luta, nem luto, há viver a respiração
como amissão do mais essencial ao desejo,
a invectiva, o ódio, a raiva por ao ter nascido
o mundo não ter reconhecido a atroz presença.

O caminho não levaria longe: contradição
e ilusão são as margens do tempo, melhor ser,
reduzir o espaço, nimbar de sol a podridão,
o que resta quando o corpo deixa na terra
o sinal miraculoso da sua sobrevivência.

Ver o redor, assistir ao torpor da civilização,
um âmago sem contorno, a medida medusada, livre
anagogia para quem engendra no vazio épico
o lar, o fogo, a cintila devorante dum amanhã.
E quando se chora, fazê-lo de maneira diferente.

Porque a luz não é a mesma. A noite oblitera
o arrojo, posterga, advoga uma acção castradora.
A natureza mente verdes e cores onde a morte
campeia, liberta a perda da pestífera memória.
Sucumbir é a lei, mas quem ri obsecra e obtesta.

Acha-se então descoberta a idade da máscara.
Não é uma filosofia, uma amusia, uma anacroasia,
é um esforço do destino para recolher do acaso
o mimetismo da pulsação, o adejo ancípite,
o trivial desleixo com que se cumpre um fado.

Olhar andejo, surripiando ao sibilino cosmos,
fulguração do limite, o desenho da liberdade
em encontros macerados pela anil anodinia,
quando o desejo se desfaz em antidínico estar,
quando o prazer hebeta a própria antelação.

Vale a pena ficar? é a pergunta mais terrível.
Um silêncio; depois, imperioso, um riso, da carne
que se pensa, infeliz, imortal, soberba antifonia.
E o riso transforma-se em dor, em suja anopsia,
um grito grunhido fora da dimensão humana.

Ficar é partir, quer se queira quer não. Viajar
um verbo inútil, como paracletear ao ouvido
anuviador uma história fabulosa, uma terra
impossível. Olhar ápiro, consubstanciação
de quanto se desmembra e recorre ao fumo.

E não há vingança. Rateando o sofrimento
como a inexistência, ratificando a ausência,
eis-nos, sem homem nem corpo nem espírito,
puras almas esperando o momento da vertigem,
quando a dor for mais funda que o pensamento.

Rir, rir, diz a estúpida canção do medo.
Voltar ao princípio, às palavras da origem,
fingida, intelectual, assassina como a arte.
Soletrar, convicto e apinário sem no saber,
vocábulos como aplestia, devoção ou morte.

Uma canção soturna, apodacrítica, truísmo
onde o comum lugar é jazer de pé e sublime,
um sol difuso difundindo a esperança nula,
como numa aporética onde todos concordam
com o nada, com o tudo, com a totalidade toda.

Eis-nos, leitor, sem fim, razoando esplenéticas
estéticas, esboços de sonho em outras línguas,
o fogo apogístico, a chama aposítica, a alegria

fingindo e reboando como atmosférica vaidade,
eis-nos, leitor, ridículos parâmetros da vida.

Quis um outro lugar, em vão sofri o apostema.
Vivi quanto vi, era tão pouco ser homem, assim,
nestas sociedades humanas, que pensei loucura
onde a noite escura se fechava para o ser.
Conto para as crianças de ontem quem nunca fui.

Aprilino o vento saltarilha, a tarde escorrega,
mais um dia, e o ardume tarja de vermelho o céu,
uma visão sensual como sentir entre as pernas
a carne que diviniza o sangue em líquidos brancos,
explosão, arvoamento, o rigor áscio da queda.

Pequena morte, chamam-lhe. E não se tem medo.
Essa é a única aventura, salificar o corpo outro
com quanta dispersão se desenvolve no pénis,
um rosto convulso, a carne tremebunda, respirando,
senão a vida, o simulacro, esta augural poesia.

15/3/85

ULISSES

Ulisses navega, tartamudeando ignorâncias,
varejando os ventos da fútil arrepsia, certo
do aruspício como da memória, homem aspectável,
uma dolorosa transmutação do sangue ingente
que elicia do sofrimento a carne humana.

Navega, solitário, pela palavra sem origem,
ouvindo num atafeço de êxtase as músicas, ecos
atros de um destino que não compreende, e,
emaciado pela privação que a viagem culmina,
sente que outro ser, outra língua nasce viva.

É um momento aspiciente, uma hora trágica,
grifar no desejo a pele onde o corpo avito

desconhece a configuração, é a monstruosidade
onde o coração desfibra apelos assustadores,
essas vozes esburgadas de essência e de logro.

Mas navega, sempre em frente, sempre em redor,
o mar plástico do sentimento, tresvariando
sentidos tão inóspitos como se a luz solar
forcejasse para a conquista da ideia sublime,
um verso impossível na dimensão da realidade.

Ouve e vê, apalpa e saboreia, cheira o salso
clima, a arte de um amanhã irremeável, o avesso
terrível onde escarva uma razão plausível,
onde ressuma um silêncio incapaz de batologia,
essa necessidade de foz quando o fogo corrobora.

Falta-lhe a medida, implora ao inexistente
uma flauta contemporânea, a jangada vasqueja,
exigir da vida não faz parte do plano eterno,
pensa então um stratagema, ciranda pelo verbo,
onde descobrir na brizomancia a chave pura?

Recita outras passagens, o livro baldo exsuda
estreitos e escolhos, imagens belisárias,
um sem fim de truísmos achados na paciência
dos povos bezoantes, perdidos na cilada
da rotina, afeitos ao mericismo e à ferida.

Bacidez incongruente, o espírito da meditação.
Enleado pelo pensamento, deduz um bacorejo,
estremece de raiva, navegar assim na confusão
fá-lo escabujar, fugir é o mito, solevar a vela
a acção diária, na esperança do vento afoito.

Uma tristeza intemporal açula a sua alma.
Esqueceu a memória, cascalhou da história,
que fazer agora que de homem só lhe resta
um ponto infinito, incerto pano de fundo
onde nascer foi um farfalhar de deuses?

Ei-lo, que navega, ave e cega a despedida,
sob um sol solúvel, entre águas imaginadas,
nem pai nem filho, falho de amor ou de ódio,
um corpo à deriva, voluteando quanta raiva
não sabe se lhe nasce se lhe falece, ávida.

E quando a noite tauria em seu peito árido
a inexpressão do absoluto, o riso do atupido,
ei-lo que sente, sensual e seguro, o medo,
a penugem da ardidez, o espaço do alheamento,
um segundo de dor, atroz perímetro do fogo.

Ouve, mas não são vozes nem humanos sinais.
A solidão abre-se-lhe como uma cratera vígil,
não se reconhece, palavras como corpo, alma
ou espírito circuitam temerosas na loucura,
a referência afogada, a lembrança impossível.

Anafrodito no mais íntimo do seu olhar, vê
quanto do ser lhe chora o destino proscrito,
e humectando os lábios sedosos de mulher,
canta, canta um impropério, menos do que isso,
uma lengalenga onde a língua ignora e fere.

É um cântico segregado ao degredo da vida,
um espasmo sagrado da dimensão teratológica,
dizer, falar, soletrar no próprio insentido
o domínio futuro de uma casa, de um porto
onde possa recolher revestido de sortilégio.

17/3/85

MAIS UM DIA

Março chama o tempo, mas o calor apanágio do sol
demora, espiritualmente caviloso dos seus direitos.
Praia é quanto se vê, mas o vento do norte fustiga
o desejo nosso de irromper na lei das estações.

Tanto mar, um oceano, e a tortura inexplicável,
sentir um afogamento, não um naufrágio verdadeiro,
mas a perda dos sentidos no frio aquático e verde,
um arrepio que sacode o corpo até à dispersão.

As nuvens conscientes, brancos bancos de algodão,
passando ligeiras e diluviais, sem um carinho
para a fotografia do observador. Na areia a sombra,
passos de criança e risos tão guturais como ecos.

Não há natureza, mas as pedras da terra que chega
abrupta ao ritmo monocórdico das ondas, gaivotas
são algumas esvoaçando sobre o poema que escrevo,
sios da realidade circundante, pios da espécie.

Longe, um ribeiro não sabe o que fazer da água
que desagua no sal imponente. A tremulina ágil,
ver, ver o brilho, o estilhaço de nada explodindo
como temperatura capaz de soltar a alma presa.

Areia de inverno, paus encalhados, troncos nus
mostrando à sensibilidade de quem olha e sente
a extensão do desastre, a imagem do holocausto,
um deserto abandonado à corrupção das idades.

Este insustentável sentimento, viver. A família,
o automóvel estacionado na berma do que poderia
ser a estrada se o país não fosse tão pobre.
A maresia, odor de algas subindo ao céu ablutor.

É mais um domingo, é mais um dia, ó metafísica!
Estar presente, cedendo às coisas como ao ser,
um culto, oculto respirar da esperança, surto
terrível da desolação que galvaniza o verbo.

17/3/85

CORAGEM

Nenhum oráculo, mas o jáculo irreverente
de um desejo, saber como destruir a tristeza,
saber como descer ao vínculo da solta alegria,
pairando, ave ou voo, num espaço de temperança,
o olhar cingindo a espessura mítica do horizonte.

Porque a palavra mexe-se, explode, difunde
um mericismo positivo, uma necessária guerra
onde ser teria que corresponder ao sentimento,
como se através do apogeu verbal o silêncio,
esse vício eterno, pudesse significar a coisa.

Sons terríveis, contrários, indefiníveis ardem,
copulam, rejeitam-se em esferas de fogo, a voz
só é íntima por uma anterior necessidade de paz,
que quanto se ouve diz, patético servilismo,
a língua na sua duvidosa comunidade de nada.

É preciso uma certa coragem para não sucumbir.
Há em frente, em redor, um real, por exemplo,
a natureza, o vento nas copas das árvores, há,
dentro, o marulhar de signos, o disparate, o riso
do improvável tentando a loucura, a dor mimética.

Quem se é existe entre, não por comodidade
nem por heróica paixão ou desígnio grandioso,
mas por infável incapacidade de dominar o ser,
ou o verbo, ou a carne que estupidamente arvora
uma revolta, como se ter nascido fosse o crime.

Sai-se da experiência envelhecido. De nada vale
dizer, baixinho, para que todos ouçam: vi, assisti,
estive lá e voltei. Regresso o espelho, o rosto
animal de quem se considera homem na lei social,
a cal ancestral, uma cova civil e fedorenta.

Não se trata mesmo de perguntar: valeu a pena?
Nenhum destino dá essa liberdade, o que se vive
forja a aparência de todas as coisas, onde se morre
não depende do tempo nem tem fim: viver
é um estigma eterno, senti-lo releva do acaso.

17/3/85

E NO ENTANTO...

Ladridos de cães vizinhos, o cinzento é dia,
um corpo triste, cansado e adormecido,
eis o outro lado da realidade.
Uma chuva miudinha, escrita cuneiforme
sobre as vidraças da janela.
Não sei ler.
No quarto ao fundo
a música distorcida pela distância,
algum frio num mês que não se decide.

Não me sentir nada bem é este poema.
Tudo o mais preenche a estesia de sons,
as palavras estão baratas na língua,
os dicionários jazem como memórias estúpidas
de um fulgor que possivelmente nunca existiu.
Reconheço tudo, a casa, a varanda oclusa,
o quarto onde dormir deveria ser uma lei.
Não é. Mas o simples facto de reconhecer
diz tudo.

Não é uma dor localizada, um estigma carnal.
O olhar vê, não sabe que dentro ou que fora,
vagueia barco tumular do possível enleio,
o olhar esconde o sentido deste momento.

Tempo detestável, penso.
Ainda há pouco, deitado no sofá,
sonhava uma juventude que não pude ter,
era verão e havia tanto sol na praia

que meu adolescente corpo ardia de prazer.
Fui possivelmente belo, algures.
Agora, envelhecido pelos reveses do destino,
não quero sentir o passado nem inventar
uma possibilidade de ser feliz.

Perdi tudo com a doença, o que quer que seja!
Olho pela janela miraculada, vejo.
Fecho os olhos, ei-la, a vertigem.
O medo.
Assim, tão irreal que me julgo outra pessoa.

Visitei, com a angústia na alma,
médicos e especialistas. Nervos, dizem-me, nervos.
Deram-me alguns comprimidos, tomo-os,
mas não recupero a saúde.
Deblatero com raiva o que me desespera,
por vezes, no silêncio da casa,
surge o verdadeiro silêncio.
De dentro, como um presságio,
o corpo aterrorizado com a afasia, a mudez
súbita onde lentamente quem sou penetra.

Não é nada, grito.
Nervos, são nervos e medo.
De morrer. Agora, tão novo.
Os deuses chamam, não chamam?
A mediocridade, a estupidez, agora, sempre!
Quero sobreviver a este cataclismo.
Digo-me, cura-te, cura-te!
Falo com o meu corpo: salva-te!
Noites onde o que é inferno é real.

Lá fora também há mundo,
mas isso interessa? Essas mortes famintas,
essas guerras de promessas não cumpridas,
a desertificação do planeta, o esgotamento
sensual e anímico da velha civilização.
Interessa? Só eu, aqui, sou.

Mundo ou terra ou planeta ou cosmos.
Viver é quanta cegueira apaga os outros,
as suas misérias, os seus sofrimentos.

Desumano?... Talvez.
Partir, desculpem lá o eufemismo,
nesta idade, só como castigo dos crimes
tantas vezes cometidos: querer mudar,
a vida, o homem, a sociedade.
Peguei em armas terríveis, as palavras.
Escrevi na língua outras línguas, deturpando-a.
Baralhei o sinal, disse luz em plenas trevas,
imaginei o inefável, e, pior do que isso,
disse-o, escrevi-o em livros indeléveis.

A culpa nunca me foi noção.
Sorri das ideologias e das religiões,
possivelmente ofendi a realidade das coisas
com facécias juvenis, com esgares transparentes.
Nunca pensei que o corpo me traiçoasse!
Nunca o dividira, mas ele divide-me agora.
Alma, sussurro-lhe, porquê? Porquê?

Sempre soube que teria de morrer.
Até achava natural, para não dizer necessário.
Mas quando eu quisesse, não assim,
como mais uma arbitrariedade a sofrer.
Um dia, cansado do nascer como do pôr-do-sol,
frente ao mar, que me alimentou de sonho,
chamaria a mim o poder do nada, diria:
vem, tu que sempre vens, vem levar-me ao âmago,
carrega-me nos teus braços eternos,
a vida, que amei e odiei, nada mais me diz.

Porque a vida, agora, canta-me.
Não só estes poemas falhos de ardor,
mas as histórias e os mitos do universo,
a memória antiquíssima de um segredo
que, se revelo, ignoro, e se o sei, calo.

Tanta força ainda, tanta insuspeitada esperança!

Ouçó, plausível, a música amada.
Este calor no sexo, será possível?
Olho em redor, a chuva continua miudinha,
fervo de pensar um outro dia, de sentir já o sol,
e digo: hás-de vencer esta quebra, esta queda.
Sobreviverás, como tantas vezes já.
Um consolo?...
Luta, diz-me a alma, vence a carne!
Quem quis criar um homem é sempre novo.
Quem quis descobrir o paraíso merece a alegria.
Quem se quis sentir harmonia não pode morrer.

Nenhuma bandeira flutuando ao vento, amigo.
Este absurdo, saber que a solidão é mentira.
E no entanto, e no entanto...

18/3/85

O MITO DA SIMPLICIDADE

Sábado de manhã, o mercado, as gentes, pobres
pedindo e rabujando, inclementes com a crise.
Sai-se de casa, compra-se um frango, um pão,
vai-se à procura de uma peça para o carro.

Em frente do apartamento o velho automóvel
oferecido pelos pais, apagado vislumbre
de uma riqueza que nem o é, antes a sensação
de que tudo quanto é mundo parece usado.

Homens e mulheres na azáfama semanal,
produtos expostos, vozes contendo preços,
esgares desiludidos e incrédulos, risos
de jovens para quem a economia é um mito.

Vive-se aqui, apetece dizer, mas o universo
não é esta freguesia, nem é este o padrão.

Eu é que vivo aqui, professor de profissão,
longe do tumulto, se o há, da cidade fecunda.

Da cidade fecunda... É preciso ter muita lata!
A serra fica a dois passos, a minha natureza.
Passo silencioso quando posso pelo verde
e a frescura é tanta que ser homem reverdece.

Nenhuma pergunta, apenas o sol, quando o há.
E a dor. Um silêncio carnal, um espasmo ilícito,
vive-se entre o que nunca foi nem nunca será,
nesta realidade onde a língua definha, azeda.

Não há lugar para a metafísica. Falar da morte,
dizem, não leva a nada. Dizer a vida nunca é
assim, com palavras, com versos, com poemas.
Dizê-la exigiria uma simplicidade desumana.

Finjamos uma história para deturpar a memória.
Esta é a realidade, estes carros e as gentes,
o sábado suburbano, o poeta doente, a família
cirandando, tanto para fazer e fazer fere!

23/3/85

SEM PODER

A cabeça ourada, vislumbre furioso do que é,
uma parede branca e um silêncio ainda matutino.
Nenhum anjo, ó disparte, mas o mesmo indefinido.

Vira-se a cansada cabeça, lá fora não é um homem,
mas coisas, casas de todas as cores, plantas verdes,
um misto de natureza arroteada pela civilização.

Não falemos de cultura, ao preço a que estão
os produtos agrícolas! Mas ver, que possível olhar,
que destemido encanto ensombra o desejo ínvio?

Dizer: sou quem sou, não alivia. Dizer não salva.
Escrever uma consciência nunca será arte,
ou então é-o como um engulho da gramática.

Poder procurar o acordo eterno, neste aqui?
Neste agora? E eterno porquê? Que significa
dizê-lo, que significa utilizar tanto vazio?

Metade do que se pensa não tem realidade.
E não é a pobreza. Pelo contrário, sobrevive-se
porque se inventa, se rouba ao nada tudo.

Eternidade, essência, origem, regresso, arte!
Deixa-me rir! Fidelidades inorgânicas,
a imaginação, o instinto, o pensamento.

Olha-se e vê-se: não é poesia, não é o real.
Sinais e signos, símbolos, eis a tragédia.
Compreender sem possibilidade de retorno.

Escreve-se: sinto-me triste. Sinto-me triste?!!!
Todos compreendem, ninguém me sente. A tristeza
passou a código, de sentimento virou a dado.

A mais bela obra de arte, sem narcisismo: eu.
Nem sequer a figura humana, o corpo,
ou a inteligência. Eu, de onde se fala, sem poder.

23/3/85

QUANDO A LÍNGUA IGNORA

Nunca mais sugerir um dentro para o fora.
Nunca mais buscar essência para o efêmero.
Passa o que passa, é corpo e tempo, é morte
quando se dorme, um passo tão terrível, eco
doentio onde a realidade se cumpre isenta.

A manhã empalidece quando o sol desaparece.
É uma pobre rima, uma toada magnífica do verbo,
poder dizer até o impossível: sou feliz!
Interessa? Depende do ponto de vista. Leitor
algum lerá este poema, o destino assim o quer.

Refúgio triste, a ambiguidade, o sem sentido.
Toda uma geração de homens, não no tempo,
mas no espírito, por lá deambulou, perdeu
a alma, a razão quando o século era das luzes,
o instinto quando se acenderam os fogos.

Viver é, em certo sentido, deplorável. Viver,
repete obsessivo aquele que escreve, perdida
a identidade só nos resta dizer: eu, eu, eu.
Um marco, e a fereza, a crueldade, o desvelo
com que se mentiu um acesso ao génio do mal.

É-o sempre do mal, o génio dito humano. Viver
traduz-se pelo enigma, pela colheita tardia
de imagens que se imiscuíram na memória
onde o real teve uma importância mitigada.
Fazer é o preço, saber a inutilidade a loucura.

Gestos e gestos e gestos, vivemos, diz o corpo,
como se o engano fosse universal e mítico.
Talvez o seja. Mas há sempre quem sabe, quem vê,
de nada vale mentir, enganar, fingir um destino.
Ser-se esse que sabe é o maior castigo.

Se é problema não tem solução. Mas sê-lo-á?
Se não é, o que é que tanto nos inebria e fere,
nos impele para a fogueira dos sentidos acesos?
De que fala a palavra quando a língua ignora?
Certamente da hora, e do demais, vÍgil incÓgnita.

23/3/85

DE ESSENCIAL OU DE POÉTICO

A manhã ainda nada me disse. O dia prospera,
ganha pacificamente a tarde, tudo isto é tempo,
estar acordado e ver como passam os dias.
Um sol medular envergonha-se de irromper
entre aquilo que poderá ser apelidado de nuvens.

A paisagem é a mesma. Não é sobretudo paisagem.
Traseiras de casas agora inundadas de luz,
roupas secando, vogando à brisa quase nenhuma,
março oferece-nos destes espectáculos,
um certo realismo onde a história é antiquada.

Em casa, a mulher na cozinha preparando o almoço,
a filha diante da televisão, eu aqui, e certos sons
vindos quer de dentro como de fora. Dizem-se
outras línguas na sala de estar, estar aqui
ou noutra ponto do globo é a mesma coisa.

Fiz, escuteiro comprometido, o balanço do dia.
A realidade foi filtrada, ou certos aspectos
prosaicos do que se intenta chamar realidade.
Há pessoas nesta visão, os outros que labutam,
mesmo ao domingo, o outro que me crio laboriosamente.

A ironia acerta o passo com esta insatisfação:
dizer. Ou só dizer. Em mim um vagido pessimista,
como se o adulto que não posso deixar de ser
se revoltasse com a ideia que se faz da criança.
Só mais um verso para que se mantenha a estrutura.

Estou calmo, a noite trouxe-me mais aborrecimentos,
mais angústias para se somarem ao apogeu risível
da minha humana dor. A realidade não sofre, penso.
Está, é mundo, é terra, é o que se quiser, não é.
Dentro dela sobrevive-se, mesmo sem uma língua.

Mas a manhã que passou, a luz que esporadicamente
brilhou, o vento que brandamente ciciou carinhos,
nada me disseram de essencial ou de poético.
Terá de sair sempre de mim a revelação, o êxtase?
Haver um olhar, e depois inventar de novo tudo.

24/3/85

POEMA SEM CERNE

Êxtase celular, sentir no corpo o calor
onde o sol sussurra um enleio meridional,
na alma a inesgotável alegria, sentimento
tão íntimo que é pura nostalgia viver
pelo pensamento a brevidade do sevo tempo.

Nuvens ameaçadoras perpassam insidiosas
como manchas de negro sobre um branco papel,
a poesia muda com os séculos, mudo frémito
quando a língua que parece de todos escolhe
um arremesso, transforma-se em linguagem.

Não é só a teoria ou a consciência estética
que salva uma vida, um espírito, uma alma.
O acaso dilui-se em destino, o efémero zelo
governa, pela dispersão e pela distância,
a ausência como fundamento funcional do caos.

Escrever condena a imaginação ao silêncio.
Sugerir prospera, há sempre uma casa de luxo,
haverá sempre um homem que leia o submerso,
universo incorruptível onde falha a palavra,
invertidos os ritmos e seduzidos os versos.

Ganha-se pela sedução a própria necessidade
de história. O tempo, a época, é isso. Um vício
tão medonho como pensar a comunicação séria
quando as vozes do poder, sejam elas mínimas,
decalcam a ideia fútil de herói ou de vitória.

Perder é quanto se retira desta excitação:
dizer o indizível, seja ele sol ou a morte,
dizer com as mesmas palavras a impossibilidade
da palavra atingir a realidade como confronto,
depois merecer do dito a restauração humana.

Quantos gritos, quantos clamores e clangores
não sulcaram o espaço da esperança nefasta?
Resta-nos sempre o que falha, o que nos resta:
um poema, algumas células, certas palavras, sons
terrestres e sociais eivados de desmedida sacra.

25/3/85

PARA UMA LEITURA UNIVERSAL

O papel diáfano distila fuga,
senti-lo, eis o problema poético.
Algumas palavras inscrevem-se sedutoras
na plenitude do nada, vozes terríveis
se traduzidas em línguas ditas humanas.
Custa dizer sol, sul, sal ou mesmo salário.
Nenhuma sociedade se purifica na expressão,
nenhum sentido transcende o esplendor
da miséria, ou mesmo da queda.

Há quem diga e saiba: há um homem.
Seio ocidental da memória extemporânea,
sei-o? Que significa saber? E ignorar?
Desconhecer é como parir num outro lugar
as leis defectíveis da ordem que se almeja.
Os objectos nos seus lugares, as coisas
elevadas a ideias, o raciocínio razoável.
Nenhum homem consegue ser insustentável.

Por isso, isto, aqui, um ancestral poema,
uma leitura risível e ao mesmo tempo cega,
um livro definitivo onde tudo revelaria
de tudo o silêncio carismático do nada.

Há quem suspeite do universo e se ria do homem.
Há-os que se vangloriam de desprezar a metafísica,
ou mesmo a física de todo um coração cansado.
Mas quantos sabem ler? É preciso mudar de pele
quando se pretende atingir o apogeu do inefável,
é preciso sentir a emoção gratuita de um vácuo
e depois, seráfico, é necessário saber soletrar
a imagem louca de uma visão despedida da norma,
dizendo e rindo: agta, sepma, dorcja, birmalo...

Não vejo outra saída para se entrar finalmente
no palco da vida como homens perdidos,
achados na confluência do riso e do ritmo,
despertos para o subtil estremeamento da aurora:
vejo e cinjo-me à natureza da monstruosidade,
estar de fora, ser um outro dentro, viver isento
a hora, o grito, o sulco, a alegria devastadora.

25/3/85

À DESCOBERTA DO SER

Gizo quanto jazo: a nodosa brincadeira
itera as essenciais perguntas, quem somos,
de onde viemos, para onde iremos.
Coo com a imaginação o soberano, sibilino
desperdício da memória: matizo de pesadelos
as respostas histriónicas da inexpugnável
história, ilusões e teorias e esgares.

Emboitado de ideais, corvejo em reais poemas
a perigosa pestilência do mesmo, aufiro
do sofrimento um zelo, uma canção nunca entoada.
Excogito o dislate, há um certo halo, o calor
onde a luz não escarifica o olhar distraído.
Escarvo a sensibilidade da época, leio jornais,
perco a política pela boca de bandoleiros,
encho-me de futuro, como se a nostalgia
fosse parte da loucura que nunca nos cabe.

Delimito a embriaguez do suposto mito,
escrevo, soturno de tanto aturado labor,
uma língua que seja capaz de transformar
a fome e o medo em delícias paradisíacas.
É a minha vida que está em jogo! Nada mais
conta, e quando canta, é imagem, é paisagem,
é o contínuo da natureza expelida universo.

Estar ou não estar, aí, deixou de ser questão.
Hoje, agora, só conta pletorizar no silêncio,
não como humilde carência ou filosofia parva,
mas como ambição de fogo, de fuga que afaga.
Não basta sonegar para se merecer a paz.
Serve ver até que ponto o infinito é mais,
não com a inteligência, estéril ou criadora,
nem com a sensibilidade que se organiza à toa,
nem com formas deturpadas de ideias geniais
onde o pensamento pondera e propõe um compromisso.

O que é devasta, purifica, assassina, martiriza.
Sem no dizer, escolha após escolha, escreve
apenas os poemas que nunca serão lidos ou ditos,
os poemas faúlhas, falidos de essência redentora.

25/3/85

ESTRANHO HOMEM

Estranho homem, percorreu todas as poesias
do mundo, desconhecendo qualquer língua...
Sentiu no choro a desgraça do universo,
lavrou pela alegria os momentos mais úteis
da vida. Viveu a escuridão em tempos ágeis,
soletrou o fogo quando o sol se descobria,
reduziu a poeira todos os imagináveis caminhos.
Nunca disse uma só palavra que fosse difícil.
Não possuía do mundo ou da sociedade a ideia
da civilização ocidental nas suas fases
históricas. Sabia, pela rama, ser erecto

quando o vento soprava saindo da paisagem,
sorriso das perguntas formuladas em boletins
burocráticos, existia porque respirava, assim,
assim, lentamente, o corpo mexendo-se pênis
de uma nova era. Nunca o vi para o contar.
Invento-o para o sentir e ser, preciso mais
do que nunca de eternidade para sobreviver
ao mecanismo infantil do efêmero. Não o sofro,
não o gozo, alheio-me de mim para poder
compreender o que há por detrás do cenário.
A vida murmura e não ouço. As coisas ardem,
filosofias desfalecem, teorias regressam ao nó,
ignorância e saber desculpam-se mutuamente:
o que é, uns dizem que existe, outros que há.
Outros, como esse homem, riem-se das aporias,
marcham ao som solúvel dos ritmos invisíveis,
sem tarefa nem destino. Ei-lo que passa,
nem sequer um halo, nem sequer um aforismo,
mas a necessidade vinculada ao possível,
um terrível desprezo pela inversão, pela ordem,
pela retórica que enobrece o sentido. Ele
que é homem e vive fala pela ausência, diz
e prediz, passa como um vento, como a água surda
quando a primavera permite o comum degelo.

26/3/85

A CIÊNCIA DO SONHO

Quando grazina em apogeu de loucura
o inconsciente, revija o verbo, este escarro
doloroso como dizer que se sente a rotina,
ou o dia no seu inviolável revérbero.

Anojado pelo real resta-me dessorar vivamente
quanto sentimento urde em mim fogueiras,
rastos de estrelas sedimentadas na memória
de quem nunca foi criança por impossibilidade.

Circunsona febril um precipício de voz:
que diz, que demonstra àquele que se imola?
A chaga fere, a cegueira transluz em cinza
quanta escuridão fez parte do medo medíocre.

Alguém doesta ao mesmo tempo que exora,
a complexidade é tanta que o fio desconhece
a existência do novelo, ou a presença nodosa
do que outrora foi um labirinto do princípio.

Adunadas as leis, acrisolados os povos, mão
pervígil afuroa as fezes felizes da degradação,
um solto riso, chasqueando dúvidas e tropeços,
entrega ao homem o preço de quanta vida se perde.

E o mar?, replica o marinheiro. E o amor?, cicia
o corpo amante. Terra alabarando, um consumido
beijo como trejeito da maldade ínsita no ser.
Deturbado cântico significando apenas caos.

Nada, nada, revoluteia o pássaro da miséria.
Um siar terrível, a queda, o fogo estatelado
pelo chão da palavra. Exfoliado desvelo,
a luz introduz no mundo um aceno obsceno.

A sombra oblitera, o corpo alicia, a alma dói,
um compasso remanchando a natureza do tempo,
uma visão enxurdando-se no acmástico espaço
da insolvência, como se o sonho já soubesse.

26/3/85

O CONFRONTO

Palavra impossível e ao mesmo tempo
insubstituível, ei-la que zangarilha, acoima
a língua de insulsos insultos, entroniza
o vazio como se este fosse coisa ou ser.

O branco do papel blasona, conhece de sempre
os recursos da esterilidade, brita a razão
como o mais íntimo desejo, escrever a vida
para merecer, para sentir o bafo da morte.

Mas a meditação subsulta quando bispa
um além, terra de ninguém onde o universo
esquece que o caos deflagra no mais nítido
dos corações, no mais sublime dos órgãos.

Titila a louca voz, dizer o inefável.
O próprio nada, não como noção, mas como coisa,
trescala um odor inexprimível. Tremelica a voz
sons ignóbeis onde a ignorância se faz língua.

Entretanto, diante, há o real. E o confronto
entre a ladainha ctónica e a visão do fora
explora uma desrazão, como se a contradição
estivesse na origem da loucura, do novo fado.

Há a voz, há o real, há o homem entre muros
de silêncio, há este poema perdido na memória,
uma dor de corpo, fortíssimo abalo do medo,
há um conluio onde o gratuito se reduz a zero.

Mas a palavra, a tal, tal como é não se ofende.
Assediada de conforto ou de alçapões, tauxia
no texto um horror onde a hora iliba o poder
de quem, por não saber, se sente proscrito.

Ei-la, leitor, algures nestes sítios verbais,
possivelmente apolejada, truncada, indecente
como um vício que se pretende a verdade,
suspeitar do que se diz quando se escreve.

26/3/85

A HISTÓRIA DA IGNORÂNCIA

Sitibunda manhã, eis-te começo de mais um poema,
o céu trespassado de nuvens alvinitentes,
bafos e ritmos, florescências onde o sonho
enclausura o desejo definitivo de permanecer.
Escalavrada pela consciência do homem, ferida,
a realidade deixa de ser real, nasce, violácea
e violenta, a abstracção, um sigilo na língua.
Volitam invisíveis pássaros, entanguece de medo
quem suspeita da escrita como uma patética cena
do desperdício e da demência. Dizer exautora
o testemunho da tessitura que reboca o oco
onde tudo se passa, imaginação como pensamento.
Silêncios siderais abismam-se em risos nefandos,
as referências deslocam-se, condensam-se os fios
capazes de trazer ao labirinto uma modernidade.
Jaz, petrificada, a história da ignorância,
uma ilusória membrana da humanidade putrescente,
como se coubesse ao poeta refazer a palavra.
Seria pior a emenda. Mexer no lodo ou no sangue
suja apenas as mãos adivinhas de quem se sabe
o arauto medíocre de uma época tresloucada.
Não há quefazer nem tarefa, há o imenso brilho
do sol, privilégio e castigo, um símbolo mesquinho
para o pulsar indolente do vazio que se ama.
Gaivotando o sentido do verso ressentido, ele,
o que se perdeu no emaranhado fúlgido do grito,
escolhe um discurso, o mesmo é dizer, uma memória
capaz de desdizer a experiência dos dias balofos,
com palavras ardidadas e coevas do abstruso hino
onde culmina o absurdo como categoria da vida.
Escreve: sitibunda manhã, sem compreender o tempo,
sem sequer desejar conhecer o horror do nada,
como se tudo fosse possível, e por isso tão real
como a visão de um fora onde gente e coisas estão,
materiais, palpáveis, histriónicas de tanta presença.
Ganha quem perde pela poesia o encanto e a graça.
Ser modela um sentimento, impinge uma filosofia,

exige ao homem o engano mítico para que tudo
continue na mesma, o mesmo espanto, o mesmo olhar.
Ai de quem se rebela! Só a confusão lhe será natural!

27/3/85

PARA UMA ESTÉTICA IMPOSSÍVEL

Quer-se poema, e no entanto deblatera, grita
obscenidades capazes de perderem qualquer
eternidade ou reconhecimento, como se o real
que circunda adobasse o sentido da palavra.

Nega-se como possível discurso, e então arde,
desliza, debuxa certos acentos que enlouquecem
a medida, o medo daqueles que se pretendem
leitores do mistério, do outro lado do ser.

Adligado ao putrefacto saber da época vígil
procura desmerecer a ideologia e os truísmos,
acha-se num lugar onde a presença é crime,
sublime despojo de uma guerra nunca imaginada.

Mas, talvez como corolário da contradição,
quer ser lido, pela ignorância que transmite,
pelos ignaros olhos que se afligem com o mito
de um tempo tão sábio como um cogumelo adusto.

Baralha os sentidos, desfaz os olhares, diz
um aquém quando indica e indicia um além,
assim, como se o nada fosse, e fosse possível
jogar com o fogo, as mãos libertas de asco.

Lê-lo seduz pelo trabalho que a escrita armou.
Certos são os apelos, mas a rajada de terror
que banha os versos denuncia a demência sóbria
onde as palavras executam danças caligantes.

Súbito, a vertigem, a queda, e cair torna-se elo,
eco de um estar sendo irremediável, como sangue
que se abre na pele do pensamento ainda virgem
quando a emoção destrói o sentimento árbitro.

É o deserto, mas ciciza e sussurra e mussita:
paraíso, oásis, como se o encanto malsinasse
o sentido que resiste a todos os naufrágios,
apoteose em esgar do medo quando a crise dói.

27/3/85

A VIDA DA MORTE

Ulula, vapula, obtura quem inspira a pira
poética onde se perde pela chama adusta
o chamamento da luz que falha e quebranta.

O momento é encanto. A paisagem nula emula
com o vazio anímico, essa inspiração coeva onde
se se é homem é-se confusão e fogueira.

A casa um silêncio, abstracto deslize o eco
onde a hora emunda um espaço terrível, viver
pelo êxtase quanto dentro augura um fora.

Ele ouve, apesar de tudo, o nada que respira.
Sensível ao mundo é na dor que aborrece
que sente a dimensão do cosmos insustentável.

A vida estigmatiza o revérbero do sonho.
Contristado pelo estado das coisas, olha e vê
que nunca a morte será possível no poema.

Porquê a morte? Saqueado pelos sentidos,
violado pelo horror de um corpo doente, ele
sente que dizer não basta nem lhe cabe.

A janela congraça os ânimos perdidos, ei-lo,
escrevendo na alma um sopro, paulatino calor
subindo até à consciência do homem sábio.

Além, esse além metafísico, essa dosagem
de realidade, um esboço da perda que roda
cada verso proferido no âmago da carne.

Em si aboleta a alegria, decanta o medo,
exuma um espelho onde a imagem imagina-se
o abismo em espiral do consciente afogado.

Tempo, calcorreia a ausência, acossa o espaço
com palavras que lhe nascem nos nervos,
quer a todo o custo coabitar com a essência.

27/3/85

ESTAR VIVO

Ei ei dia, estamos vivos, que mais importa?!
Sol em toda a parte, e música demudando a casa,
o seu enigma quando o sentimento é de lar.
Ei ei, vivo, e isso chega, oh, como me chega
estar aqui, ser aqui, respirar o corpo amargo.

Pegar no automóvel e fazer de conta, ó sonho,
que se é jovem e se vive num outro continente,
e que se foge pela primeira vez da casa dos pais,
como nesses filmes que nos chegam na língua
que se ama de maneira tão visceral e sagrada.

Ei ei amor, que bela abstracção para a beleza
desta emoção, sentir que tudo é possível,
até a vida, até um dia de sol, até o amor,
hoje, aqui, nesta sociedade, neste século,
nesta mediocridade onde o génio se esconde.

Num antigo gesto de ninguém, e muito menos
da história, turibulo e incenso e adulo a hora,
esta perfeição do momento solevado ao caos,
não do sofrimento ou da depressão, mas da alegria,
um corpo sibilino cantando a necessidade de tudo.

Ei ei mundo, não me esqueço de ti, deploro-te
apenas, mas hoje não posso sentir tristeza,
estás aí, espreitando pela vítima, e a vítima
diz-te merda, polidamente, é claro, neste poema
que desafia a própria ideia de inulta estética.

Ei ei gentes que passais, passai depressa e bem,
viver não se coaduna com o tipo de desgaste
em que colaborais, mas que se há-de fazer, mudar
não é vosso intento nem necessidade, passai,
entre o riso e o choro perde-se a vossa idade.

Estar vivo, que ardor e que crime, leitor amigo!
Ver com olhos fantásticos o espanto de se ser,
sentir a realidade como um abraço emblemático,
sorver num gozo todo expressivo a respiração,
ei ei palavras de sempre, sempre vos mereço!

28/3/85

SUBITAMENTE SOLITÁRIO

Franqueio-me ao nada, ó vida, como homem
subitamente solitário de tudo quanto almejou
sem saber que amava, abro-me à dispersão
tanto intelectual como visceral, e rio, e choro,
com tanta memória onde deploro ter mal vivido
o sentido do tempo, o esplendor do espaço.

Enceto um discurso diverso, apocalíptico,
onde o medo se transforma em raiva, delinco
o hábito da escrita como a outra margem do cio,
onde a perversão perde o peso da moralidade.

Postulo a vida como susto inefável, isenta
de essência ou de linguagem, mordaz mecanismo
dos sentidos frente ao real que se realiza
através de leis ignaras onde o homem se redime.

Execro e abomino a ideia de qualquer coisa.
Sinto a matéria como formidáveis formas
formulando o espírito de cada época, tudo
o mais é possivelmente a verdade do dogma.

Arroteado pela dor, a selvagem, a antiquíssima
chama que relembra o animal que subsiste em nós,
cotejo delírios, afervoro falas, sevandijo áreas
onde a contingência do homem vem sendo deturpada.

Nada mais há nesse mais, seja filosófico ou poético,
tudo colabora e corrobora, um amálgama de sentidos
onde o movimento se faz sentimento e intuição
para que a língua suporte o desejo como o prazer.

Quando posso, ó vida, vesso com carinho a carne
e peço-lhe, entre risos de juventude verdadeira,
que me diga pelo cicio amoroso a distância
que me separa do auge e do êxtase, quero perder
a cegueira, quero perlavar os cânticos do ser,
quero tauxiar na existência o sopro intemporal.

28/3/85

INACABADO

Sólito e vetusto o gesto, amor, da carícia
que se perde quando se escreve com ardor
a viagem, a vida, os percalços quotidianos.

Ábdito olhar da efemeridade convulsa, volve
ao começo o estremecimento ontológico, sol
erubescido pelo fogo que lhe lambe os lábios.

Predizer não é tarefa, colaborar com o futuro
é o crime dos políticos, ou dos dementes
onde o poder acendeu o sexo antes evencido.

Mas dizer, diariamente se possível, o dia,
as mutações da tragédia e das estações, o eco
furibundo do ctónico teatro onde as coisas são.

Esvaecido pelo desastre, a doença no corpo,
procuro um verbo afeito ao deserto e à peste,
nele saberei encontrar a alegria da mudança.

Atenho-me ao inessencial que é tudo o mais
que da vida se desprende, turgescido pelo amor
canto e danço a familiaridade com a morte.

Tento no corpo da mulher absterger a inocência,
há sempre uma humidade quente e securizante,
um vaivém que nos transporta à porta eterna.

Recrudescer o zumbido da consciência parva,
há, como se espera, outros climas e outras gentes,
mas o planeta é tão pequeno quando se sonha.

Ir tão longe como a aurora, circunscrever ao nó
a totalidade das sensações sérias, estigmas
ferindo com ousadia o mistério da carne anónima.

É preciso sentir. Não ceder ao desejo de posse.
Possuir o quê, diz o miserável padrão da memória,
quando não há na coisa nem no outro uma esmola.

28/3/85

EM TORNO DE NADA

Tempo subitamente lividescido, compacta cinza
sobrevoando a manhã estarecida, ninguém sabe
o que se passa e todos vivem a louca rotina.

Resta-nos este lazer encandecido pelo nada.
Tudo permanece pelo mesmo, mesmo a sintaxe
onde o fulgor da completude devora o mito.

Nenhum sentido, ésipo, o vocábulo imaginário,
como se o sentimento dormisse, ou o real
se perdesse na plenitude de uma linguagem.

Ninguém a profere, não por medo, mas por fulva
ignorância. Não será nunca uma chave, a porta
entregar-nos-á ao sigilo das coisas inúteis.

Como uma manhã, esta, vive-se a essência lorpa
do leite, da espessura, da brancura líquida
que desliza, pensa-se, entre dedos plangentes.

Alguém procura o verbo, indubitavelmente.
Não sou eu, eu escrevo apenas a voz anelante
sem me preocupar com a identidade ou o aceno.

Alguém se substitui ao algo, a experiência
só é possível para quem desmente o silêncio,
a profundidade da língua ou a elevação sensual.

Não se trata de inventar, por medíocres e feras,
as palavras, o novo mundo, a poderosa forma:
trata-se de pressentir um movimento efêmero.

Destino, revelação? Nenhum sonho esquizofrênico
poderá colocar o futuro no corpo do presente,
apenas a imaginação, e um outro tipo de dor, o faz.

Nada e tudo desconhecem-se sem se contradizer.
A convivência é o fundamento próprio da língua,
vivê-la reduz o homem ao estremecimento da luz.

29/3/85

A IMPOSSÍVEL LÍNGUA

Exinanido pelo doloroso acme do pensamento
eis-me sentindo todo o bem da conspurcação:
poluo e exauro concutido pela feliz forma
do acaso que advém quando o sofrimento dói.

Uma dor diferente, difidente, zona terrível
daquilo que ontem ainda era a imanência
e hoje já não possui espelho nem máscara:
uma dor onde a palavra significa mudança.

Porque, se a língua aparentemente é a mesma,
subterrâneos deslizes surdem como se nada
fosse, e é-o, eis como exemplo este poema,
basta lê-lo isento de escrúpulos semânticos.

A revolução não arma materiais armadilhas,
evolui lentamente, confunde-se com o tempo,
não do mundo ou do calendário, mas das vidas
que trazem ao lume a outra face do possível.

De tal maneira que a mesma palavra deixa
de ser a só palavra, e perde, porque ganha,
uma dimensão de logro, de sonho, de história.
De tal maneira a língua é veículo anímico.

Por vezes a tentação: soletrar, a medo e raiva,
com uma alegria que nunca poderia ser fingida,
sons tão recentes como grunhidos pré-históricos:
ctroc, frozz, gracca, clímax da inanidade nova.

Diante do mundo, das coisas, suspiros e receitas
onde a filosofia como o sarcasmo escolheram a casa,
individualmente, desdenhosamente, porque o ódio
reduz a possibilidade ao mimetismo da diferença.

Negação absoluta do pensamento o discurso jaz,
periférico e pudibundo, como riso, gargalhada,
impropério à ausência como à presença, anulados
os contrários no magma magnífico da loucura.

29/3/85

UMA OUTRA ESPÉCIE

Há sempre um regresso, mesmo quando não se sente.
Não é uma lei, mas o pressentimento vivido auge,
uma necessidade ontológica onde o ser se dilui,
como se fosse natural existir no momento passado
algo do futuro, um sono que seja, um estremecimento.

Há arrepios incompreensíveis que só a morte dirá.
Vivê-los hoje não é hipocondria ou morbidez, é
prever um momento inexistente, é sentir como vida
o que foge à acuidade da carne, ao sublime zelo
de um pensamento que se desvinculou do mundo acro.

Viver é como comparar o destino do nada ao tudo
que se faz natureza, homem, ciência e perplexidade.
Descobre-se o quê? Que a comparação é impossível,
que nenhum mecanismo humano está preparado e certo
para medir a mudança exigida com a transformação.

Daí o regresso e a necessidade perene de um lar.
Casas há onde viver, mesmo o homem ou a sua sombra
dílucida, não o sentido universal da presença neutra,
mas o caminho que nunca se percorreu na senda onde
a luz foi pátria, matriz, língua e finalmente eco.

Não são sons nem palavras nem grunhidos nem cicios:
ao ser revela-se, pelo véu e pela ignorância, o medo,
depois, e concomitante, a alegria, a efusão terrível
de uma conquista onde não há guerra nem vitórias,
apenas o suspiro de uma sugestão, uma visão aleatória.

Alguns são os escolhidos: momentos, coisas, homens.
Rescindido o contrato com o eterno, resta o apelo,
um halo, um calor visceral que se desdramatiza
em contacto com a ternura finalmente jovem, um corpo
teórico e prático onde sentir coincide com viver.

Atingir esse ponto, o alvo. Nem toda a poesia o é.
Alguma consegue-o, com transfusões de alma, do sangue
onde o horror assistiu ao nascimento como à morte,
do verso como da palavra, da sílaba tão frágil
onde se alicerça uma outra espécie de universo.

29/3/85

SEGUNDA PARTE

O FULGOR DA EXISTÊNCIA

Com o sol a praia, com a praia a maresia,
a brisa salsa acariciando o rosto hirsuto
de um inverno que se prolonga sem infinito.

Poalha fulgente, a areia fina e fresca reluz,
apetece sentir o frio aquático do mar torvo,
apetece redescobrir o corpo para gozá-lo.

Abril trouxe um peixe mitológico, a praia
despovoada de gentes abriga alguns jovens
para quem as estações não condicionam a lei.

Corpos de mulheres, tão sólidas, aparições
súbitas, um calor no sexo, senti-las quentes
na ponta do ser, húmidas como um nascimento.

As ondas reconhecendo a maré nuamente baixa,
ao longo a viagem, os sapatos marcando a areia,
sulcos, pegadas, sendas novas como a primavera.

Nos óculos a água, poalha marítima, o real
perdendo contornos de arestas e de medo,
mas pulsando na materialidade das presenças.

A falésia protege do vento. Milhões de anos
assim despertos ao olhar científico, camadas,
cores, tantos vestígios da terra em mutação.

As chuvas fizeram desabar calhaus e blocos,
cada inverno lima a costa em caprichos toscos,
resta depois reconhecer o mapa das lembranças.

No horizonte fantástico o sol, sorridente,
astro terrível das nossas simbologias mais
íntimas, a mão onde o acaso escreve o destino.

A mulher e a filha, berros, criancices, o mundo
não se esconde, vem ouvir a voz do oráculo,
o homem sente, não sabe o quê, mas o quê existe.

2/4/85

ESTADOS DE ALMA

Nada subsume, nem sequer a ideia de homem.
É-o, isto é, um homem, mas desconhece de onde
a onde. Finge que compreende as leis sociais,
sai de casa imbuído de penosas tarefas,
regressa como se nunca houvesse nenhuma missão.

Diflui pelo pensamento, um vago desejo, partir,
deixar este chão, mas a terra, dizem, é redonda.
Pretende suspirar-se à angústia, à depressão,
ei-la, bem em frente, ao lado, horrível olho
gargalhando o inefável de uma larga miséria.

Deitado num sofá magnânimo escolhe a escuridão
de uns olhos fechados. Não pensa nem sente.
A vida procumbe, infrene imaginação de ontem,
quando a feria os acasos e os eventos, a vida
nada lhe cicia, nem um ai de plena desolação.

As paredes brancas, é isto o destino? pergunta.
Aluído o sonho, que resta? Passar, passar,
eis a evidência. Nenhuma quiddidade, nenhuma
essência, apenas o respirar animal de quem é,
impossível homem em conluio com a natureza.

Prescinde da inspiração. As palavras aborrecem.
Aufere um breve segundo de revelação, a luz,
e depois tudo na mesma, a história recente,
a memória de sempre, a realidade inexpugnável,
roldão e rodopio e vórtice culminando um ser.

Não sabe estatuir prioridades: tudo é tudo,
e tudo se vale. Perquirindo a consciência vê
um esgar de medo, o horror da presença humana,
e sente, ao contrário, tremeluzir a imensidade,
figura visceral dos sentidos frente à morte.

Desfere sussurros, dislates, vagos sons celulares.
Não se compreende. Está só. Colide com o tempo,
levantar-se para quê? O dia passa, faz-se noite,
um silêncio sereno, apaziguante, invade-lhe o corpo,
sentir, pelo fora, que a alma desce em socorro.

4/4/85

SER UM HOMEM

Pensa: nunca mais escrever simulacros
de tempo. A manhã, a tarde, a noite.
Nunca mais pensar um verbo, nem senti-lo
como possível brilho na mediocridade contemporânea.
Pensa, sentindo vagamente: estou aqui, um homem,
respirando um animal que não deserta nunca.
Sente: a dor, estar, viver, perceber as coisas.
Ver os objectos do dia a dia, ouvir
as vozes, os ruídos, a música.
Sente, pensando lentamente: vivo a hora,
este desgaste, a periodicidade das coisas
que vão acontecendo, sempre.

Um infundável vazio, a alegria. Pensa:
não posso estar tão dependente do sol,
preciso de me conhecer como a passagem,
de mim próprio, de mim no mundo, de mim na terra.
Sente: é tudo a mesma coisa.
Milhares de palavras significando o mesmo.
Repete-se: a vida, a morte. Essências, contingências.
Anula-se soletrando sílaba a sílaba o corpo
verbal da demência, estar sem ser, ou simplesmente
ser o que, por definição, nunca é simples.

Vê: o quarto, a máquina de escrever, a janela
por onde tudo quanto luz surde realidade.
Pessoas, homens e mulheres, algumas crianças.
Ouve: primeiro o silêncio, depois a música,
esse outro silêncio. Vozes humanas,
ralhos de mãe, choros de filhos tristes,
sentenças de pai, apaziguamentos de avós.

Está vivo. Vivo?! Está.
Um homem no fim do século vinte.
Na europa, continente ainda sem conteúdo.
Um homem. Algures falha este poema.
Pensa e sente e sussurra: estou aqui.
E repete: sou um homem, sou um homem.

4/4/85

TALVEZ

Impossível um sibilino diálogo com o destino.
Tudo acontece, mesmo a vida, como se a lei,
que tanto se estima na ordem social,
perdesse a sua razão de ser. Viver é acaso.

Possui-se ou é-se um corpo, grande é a confusão,
cresce-se para fora como para dentro, a alma
um mistério, o espírito uma invenção.
Sabe-se através da ciência o que esta ignora.

Os afazeres esperam-nos. Sair de casa, o trabalho,
ganhar mais ou menos decentemente esse lapso
de tempo que também é vida, exposta ou vendida
à sobrevivência, à rotina, ao hábito de se estar.

Dizem alguns: ser. Outros: estar sendo. Um riso
estranho, viver entre parâmetros históricos,
pensando e sentindo o que nos é alheio,
a menos que a revolta deturpe a língua falha.

Mas talvez o mundo seja a nossa imagem.
Reflectida num tosco espelho da muda necessidade,
talvez que a totalidade, como conceito, seja a carne
perdurável de uma sabedoria que nos arrasa e fere.

Justiça e injustiça ganham verdade a certos níveis,
noutros, como o da essência, própria ou inventada,
são meras palavras designando o nada laborioso
onde o homem tempera a sua solidão quase cósmica.

O que será melhor? Esquecer ou perpetuar?
Aqui não há resposta, nem sequer aposta. Aqui
o problema expõe-se, a angústia desfila, o medo
como paradoxo eterno fulge na sua reminiscência.

Por isso, se é poesia, é-o como vingança da acção
perpetrada pela natural contradição da palavra.
Antes um desabafo, visceral ou filosófico, um nada
onde a meditação prende as raízes à permanência.

4/4/85

ESCREVER POESIA

Exornado o sentido perpétuo da efémera presença,
cabe ao poema sentir, como sua essência,
a falha, o vácuo, o oco onde o mistério da vida
dissolve os percalços, a imaginação policresta.

Estultificado pela rotina quotidiana, cabe
ao leitor negar cada palavra que se lhe propõe,
não porque a verdade esteja em causa, ou a estética,
mas porque a negação traz como suporte a liberdade.

Tábido alvoroço, sentir como pleno êxtase a memória
de uma trucidante civilização. As cidades adustas,
os fumos ferindo o azul de um céu que subsiste
independente de conceitos como o de tempo.

Despojado de profecias e de miméticos terrores
cabe ao que se julga poeta desmentir a sina,
destruindo a língua, a gramática de todos os dias,
com o nascimento secular de uma voz capaz de ódio.

Diserto, o olhar sublima a miséria do destino,
a voz esquelética do mundo deplora o prazer
quando um corpo sai, irrompe, lava quente,
líquida, branca como a nebulosa purulenta.

Críticos discursos são fundamentais: o riso
necessita de palhaços intelectuais que proferem
anedóticas preferências com o mesmo à-vontade
com que elevam a cegueira ao tempo de vida.

Mas quando se chega, nu, diante do papel imoto,
a angústia ou a irresponsabilidade age, a palavra
comezinha surde, quer por força fazer parte
do movimento que elege em nada a fulgurância.

Escapa-se este momento do negócio linguístico:
o que nos resta: viver estes momentos, avaros
e ávidos, seguros de que nada mais é importante,
nem o futuro nem a inteligência do mundo torpe.

4/4/85

LIVROS

Aguaceiros, passada a Páscoa, findas as férias.
A saúde cada vez mais surpreendente,
esta gordura, e o coração que dói sem sentimento.
Não apetece nada, muito menos escrever.
Mas o sol invade a intimidade desta casa,
a janela preocupa-me como uma premissa duvidosa
de uma metafísica que nunca foi ainda testada.

Li alguns livros durante as férias.
Em línguas aparentemente estrangeiras.

(Todas as línguas são essencialmente estrangeiras!)
Li como quem se descobre uma personalidade,
um sentido último da amizade possível
que infelizmente não interessa à humanidade.
Convivi. A palavra nada mais é: apenas convívio.
Não alcança nem dilui nem inventa a realidade,
o facto, o acontecimento, o fora, o quer que seja.
Convida apenas ao degelo, abre o leitor
ao melhor de si: à sua fraqueza, à sua humanidade.

Amigos vieram visitar-me. Conversámos.
Não vou tentar extrair nenhuma diferença,
mas não é a mesma coisa. E sinto-me infeliz,
porque na realidade eu gozo a presença real
das pessoas, mais até do que a dos livros.
Estranho é compreender, difusamente, que a vida
traz em si, paralelamente ao sonho ou à imaginação,
uma carga de impossibilidade que paralisa.
Não sei até que ponto sofro de paralisia.
Algumas vezes julgo muito sinceramente
que não existo, que um homem assim não pode ser
nem existir nem gozar ou sofrer as dores e alegrias
comuns a todos os homens deste mundo.
Acho-me uma ficção, independentemente
do espaço psicológico que entra neste estado
de alma, ou de coisas.
Ninguém que não seja eu me vive, não é isso.
Não sou nem me sinto o arauto de nenhuma profecia.
Lembro-me suficientemente do passado
para saber que, enfim, nasci, vivi, no seio da família,
no clarão da sociedade, no percalço do mundo.

Não é uma questão de diferença.
Nem religiosa, nem ontológica, nem material.
Não é o vazio tão comum ao pensamento
dito e querido ocidental e acidental,
o que sinto perde-se no informulável de uma língua
que não foi inventada por nenhum povo,
nem pertence ainda a ninguém.

O que por vezes sinto, como essência do que sou,
é a imagem desfocada e servil de um futuro,
sem premonições mais ou menos fantásticas,
sem previsões de qualquer tipo.

Nos livros há um espaço, e seguramente um tempo,
em que conviver com o autor é como viver sozinho,
onde a leitura se transforma numa inefável escrita,
de quem poderia ser, ter sido, como se o passado,
morto factualmente, revivesse numa certa forma
de sopro, de espírito, de voz que me subsumem.
A ficção eu torna-se então o amigo autor.
A história reconhece-se como verdadeira,
não é mais o que se fez ou se disse ou se pensou,
mas o que nesse momento se sente e pensa,
a realidade do presente, presente abstruso do nada,
ou do tudo, tanto faz quando se respira a este nível.

Fui sempre um leitor. Sou-o, mesmo quando escrevo.
O absoluto da escrita é o pulsar do sangue,
é a carne inóspita ou sedutora onde evolui,
não o significado estrito da mensagem,
mas o calor do convívio, a certeza de que se é
porque alguém nos foi, outrora, muito longe
deste momento, e no entanto, e noutra dimensão,
tão perto que fulge como aparição a nossa presença.
Vir a si, não do sono nem da nodosa anestesia,
mas dos confins do verbo, do outro, do mesmo,
passagem tumultuosa do amor que nunca se exprime,
ou só se exprime quando acontece a palavra,
o desejo total de sentir pela ausência feliz
a perfeição onde até o mundo se redime do crime,
e o homem, finalmente liberto de si, se encontra,
um poema antiquíssimo, um canto tecido de aurora.

8/4/85

A NATUREZA DO HOMEM COMO REALIDADE

Sol e chuva compõem este momento da realidade.
Não é nenhum absurdo, acontece, é mesmo assim.
E há uma terrível beleza neste tempo indeciso,
onde nuvens brancas como barcos perdidos
sulcam, sem ferir, o azul puríssimo do céu.
Obcecado pela realidade, o quer que seja,
tento deslizar como uma nuvem neste começo
de poema, se falhar não importa, há sempre
um caixote do lixo algures no universo.

Disseram: a beleza está em nós!
Incapaz de meditar, soletro apenas, infantil,
a palavra azul: azul, azul, azul.
Não regresso à infância, nem é tolice
da minha parte agir assim, descomprometido
com as regras adultas da educação ou da idade.
Não me atraí, contudo, a criança que fui.
Aborrece-me o passado, distante como recente.
Porquê então esta necessidade visceral
de me conduzir como quem nunca fui, num outrora
que nunca existiu, num mundo desfeito
em confrangedoras manipulações do êxtase
como da dor? Digo: a beleza está.
Ser não possui espelho nem caderno de notas.
Há um terrível som, como grito, ou abafado estertor,
que se assemelha à vida como esta é pensada
actualmente, mas isso nada significa,
ou significa apenas nada.

Tenho plena consciência do inacabado deste poema.
Sei, como sempre, que não o terminarei, por falta,
não disto ou daquilo, mas pela falta como essência,
ou disposição, ou condição geral do verbo humano.
E no entanto continuo todos os dias juntando
ao livro mais alguns versos, na esperança
de assim poder atingir o universo, a sua voz,
a sua permanente e desoladora falha.

Há uma fuga, mas não se sabe se para o interior,
coração do homem, se para o exterior,
deserto imaginado. Todos os poemas apontam,
mas apontam sem direcção nem perspectiva.

A ideia de caos ou de cosmos brilha,
mas é uma ideia, uma necessidade mitológica.
Pela palavra, foi sempre minha intenção alcançar
uma gramática que me desse a viva voz
de um outro lugar, de um outro espaço em tempo
diferente. Nunca consegui sequer sugerir
quanto me dói viajar sem caminho nem sendas,
chamei-lhe muitas vezes loucura para pactuar
com a visão, com a ordem social que hoje impera,
uma piedosa mentira num acesso quase de raiva.

Não é centro nem periferia, é como o fogo,
inexiste quando respira as modalidades do humano,
insulta o pensamento, dilui o sentimento
como se a sensibilidade ou a razão estivesse
de fora ou a mais. Amei esse mais.
Depois, com a experiência, ou, se se quiser,
com o sofrimento, aprendi a sentir no menos
um halo de esperança, uma saída solúvel, solúvel,
como se a terra falasse de outras histórias,
como se a história dissesse outros acontecimentos.

Na maldição proferi os contágios da contradição,
era fogo era água, alto e baixo, como se viver
se resumisse a dizer disparates cada vez mais
insinuantes, cada vez mais sibilinos, nefastos.
Ri e chorei: amalgamei num só ser a sedução
do inexpressivo, do doloroso desfibrar do nada.
Buscava. Busco ainda. E não sei o quê.
Digo para comigo, é uma insensatez! E é.
Mas isso importa? Não sei quanto da vida, a minha,
entra nisto tudo, ignoro por completo se vale a pena
teimar, não em reflectir sobre o sentido da vida,
que é nulo ou nenhum, mas na prossecução terrível

de uma linguagem que queimará a língua existente
para, das suas cinzas eternas, crescer um olhar
tão puro que se dissolva na própria realidade,
fazendo do homem, que é distância e metafísica,
o filho da terra, como nos indicia o actual saber.

8/4/85

PAREDE BRANCA

Como uma nuvem que não sabe ser chuva,
a velha inquietação, o sentido perdido do homem
que me habita, a angústia sulfurosa
da plena solidão.

Paíra leve e sussurra,
não diz coisa com coisa, diz carne ferida
como se fosse natural uma cicatriz,
ou o sangue demiúrgico de um sonho desperto.

Não é essência nem é nada.
Existe. Fala. Perpetua pela dor a presença,
de quem sou, de quem me afasto ou me aproximo,
um fogo, um fogo, um diamante apodrecido.

Digo-lhe: vai-te embora!
Não me ouve, ou gasta em juramentos inócuos
a afirmação da sua inexistência.
Eu sorrio porque eu sei.

Em frente a nua parede branca. Tanta cal
calcina o pensamento de um possível
onde o futuro seria já presente, dádiva
eterna de uma necessária identificação.

Respiro suavemente, mesmo se minto.
Serenidade, esse estado pacífico e ordeiro
onde nenhuma nuvem seria céu nem ameaça,
serenidade, para quando?

Já sou tão velho, vi a juventude passar,
a idade adulta soltar os mecanismos da opressão,
vi, como quem não viaja, mas arde sem ser fogo,
uma ustão terrível alagar a humanidade.

A minha. Mas a paz tarda.
Momentos houve, de êxtase ou de logro,
de puro nada emancipando a transcendência.
Mas permanente, só esta dor, agora inquietação.

9/4/85

NADA MAIS CONTA

Apesar de todos os aborrecimentos ofertados
cinicamente pela máscara social, pelas acções
instituídas de interesses inconfessáveis
que governam a vida como hoje a sofremos,
quando bate o sol só a alegria canta a alma.

As injustiças que me fizeram e fazem delidas
diante deste clamor, deste aleatório ardor,
sem filosofias nem meditações especiosas,
assim, o coração espontaneamente correspondendo
ao apelo de todas as coisas que se amam.

Viver por minutos, se possível por horas,
uma paz tão grande que o próprio espírito
não se reconheça, sentir que o fluir do tempo
coincide com a matéria transcendente do acaso,
uma impressão, um sentimento, a intuição voraz.

Ter medo de quê? Da morte? Não vale a pena.
Morrer é fundamental. Da miséria que assalta
as sociedades atidas ao pragmatismo do rico
como ao choro do pobre? Escusado. A mudança
não ressalta de teorias, mas do desejo armado.

E depois, que interessa?! Viver é que interessa,
estar vivo, no sofrimento próprio como alheio,
sentir que não é mentira o homem que nos chama
para a realização do limite, do espúrio crime
que é respirar lentamente, um pênis florescendo.

Viver!!! Sentir cada pedra como uma pedra,
o corpo como um amálgama de prazer e de dor,
a alma um vazio onde o melhor se prefigura
diante da loucura que é sentir e querer existir
pelo mundo onde a pedra significa violência.

Nada mais conta; conta-se pelos dedos as horas
em que, de um modo sibilino e inaugural, o êxtase
transforma a existência em essência, um puro ser
cedido em momento de plenitude pelo universo
que teima em dividir-se em cosmos e caos.

10/4/85

MÁ SORTE

Extraordinária manhã, sentir-me tão bem
que o universo parece querer falar-me:
de fluctíferas margens, algures no planeta,
de sóis figulinos como a ideia própria
de delicadeza, um sopro, uma blandícia, queda
sibilina num espaço de ninguém onde se é homem,
assim, entre a meditação insulada e o ócio,
esse brilho característico da consciência
quando o espírito se faz finalmente paz.

Um silêncio magnânimo dentro de casa.
Basta-me ver a parede em frente, sempre branca,
para sentir a aventura profunda onde navego
entre quem sou e estou, uma página,
lisa tábua onde os sinais do mundo eclodem,
onde os cicios da carne irrompem tenebrosos
como um carinho que nunca pode ser humano.

Tanta vida, tanta viagem, tanto sonho em frente!
Olhá-la, o granuloso, as figuras negando a figura,
a distância tão subitamente pura que apetece
desfalecer de alegria e de exaustão estética.

E no entanto, poema, rói-me como me dói algo
em mim, que não nasceu do meu pensamento livre,
mas que veio, como sempre vem, do mundo dos homens.
Tenho-lhe chamado má sorte, para não acusar
abertamente o país, as instituições, a sociedade
em geral, de todo o mundo, de toda a terra.
Prepara-me talvez uma cilada quem se afirma
a honestidade e a justiça. Nada a fazer:
odiar seria regressar ao começo, ao tenebricoso
augúrio por onde padeci anos de vida morta.
Indefeso, eis-me aqui, à espera das decisões,
não dos deuses, que parecem deserdados,
mas de quem aufere viciosamente do poder.

Há esta manhã, este sol tão jovem, é nisso
que devo pensar, se conseguir ao menos pensar!
Sentir, mesmo a perdição, com a leveza de um naufrago.
O mar, a terra longe, os olhos quimeras de sal.
Terrível ser-se homem, e sempre contemporâneo!

11/4/85

FELIZMENTE

Não há razão, à primeira vista, para ser feliz,
e no entanto... Por que não sê-lo?
Mesmo neste subúrbio, mesmo aqui, lugar
por excelência do logro e da transcendência,
repito, por que não sê-lo? Anseio por paz: ei-la.
Caminho ao longo das ruas desta vila
inexistente nos mapas do país, um pouco de vento,
muito sol, tanto sol que sinto rejuvenescer.
Sou feliz, sou feliz, sorrio entre dentes.
Dirão: este gajo está maluco!

Este gajo não sabe o que diz!
Este gajo não sabe o que sente!
Sou feliz, o que quer que seja, e pronto!

As árvores doridas de tanto verde,
as copas, folhagem sexual de um sonho
onde a mulher é origem, água e calor de verão.
Vou pelas ruas, sinto o corpo subitamente
ágil, jovem, vejo as pessoas que passam,
algumas crianças que brincam,
alguns velhos sentados dignamente à porta de tascos,
sou feliz, sou imensamente feliz, extraordinariamente
feliz, como uma estação do ano que se cumpre,
como a luz que desce em jorros de nada
sobre o planeta. E penso, mnemonicamente
soletrando: sou desta terra, sou deste planeta.
Sou desta terra, sou deste planeta.
Sou desta terra, sou deste planeta.

Um homem, sou.
Não há orgulho nem sofrimento,
e muito menos raiva, pelo menos agora.
Sou um homem.
Sorrio de tanta docilidade íntima e interior,
rio uma gargalhada desfeita num lapso de tempo
tão ínfimo que a convenção perdoar-me-á o gesto.
Um homem, canto maliciosamente. Um homem.
Nasci algures no planeta, vivo e vou morrer.
Que bom, possuir um destino!
Sou estupidamente feliz, mas sou-o com gosto e amor.

12/4/85

RESISTIR

Resistir!
Eis-me sujeito a um pensamento natátil,
resistir.
É, para já, um verbo abstracto,

sem limites, sem preciso conteúdo.
Resistir!
Será um pouco como sobreviver ao látero medo,
ao poder político onde a lei é social.
Um pensamento tardívago, hígido, raucíssono:
resistir.

Nenhuma nuvem pervagando o azul do céu.
Este súbito gosto, dizer: céu.
A carne afligindo como de costume,
certas dores são eternas ou contemporâneas
como um estigma, talvez mesmo um castigo.
Balbo olhar dirigido ao hipotético horizonte:
tudo isto é gozo, mas não essencialmente
poético ou linguístico.
A única verdade, pelo menos hoje, é: resistir!
Sem saber a quem ou a quê, nem como,
mas confiante de que o instinto conhece
melhor do que eu quem sou, quem me habita.
E ele diz-me: resistir!

A manhã é um brilho dedáleo neste poema.
Descrevê-la seria fastidioso. Há a luz.
Está tudo dito. A luz, e o sentido estúpido,
mas visceral, de que o momento é eterno,
sem nada que ver com a história.
O que sinto sente-me homem disponível,
a abertura é tão grande: quem, a emoção perdida,
reconhecerá em mim quanto fui ou sou ou serei?
Resistir, é o verbo. O mais importante sentimento,
resistir a tudo e a todos, salvaguardados
os irresponsáveis truísmos.

Tenho sofrido. Denegado a memória,
para esquecer-lo. Só a alegria me é possível,
este calor, esta ustão no imo imperdoável
de uma língua desconhecida, a luz, que brilha.

14/4/85

O JÚBILO

O júbilo da terra, a alegria favónia do sol,
a brisa tão suave que é forçoso sentir o bem
como uma entidade material do mundo humano!
E depois esta indissolúvel luz, a luminosidade
feita bastião do que poderia ser alma, um calor
tão feliz que é puro deleite viver este poema!

Então, amar é tão simples como respirar. Nada
apresenta-se como uma hipotética forma de tudo,
um sibilo, talvez um eco longínquo do mar primevo
onde o corpo navegou o oco telúrico da mãe.
Sentir, tudo bem, e repetir criança o dia solar,
volitando o pensamento enquanto o riso dança.

Talvez não seja a tão famosa coincidência,
mas é um sortilégio, um privilégio, possuir corpo
onde os sentidos se esgueiram para o fora.
Não há nenhuma simbologia, mas um estranho alor
assemelha-se ao carinho que nos falta, dizer:
amo, sem saber porquê nem como, como a natureza.

Alegria outrora impérvia, ei-la, no âmagô afável
onde o verbo adquire a noção do humano, a palavra
nunca definitiva que enriquece o vazio social
onde perpassam destinos, vidas, possíveis mortes.
Sol, sol, sol, canta, não o coração nem o espírito,
mas o sentido perdido de uma aparição icástica.

Demasiada pureza inebria-me até à dor, confesso.
Mas é tão bom poder viver a luz da manhã eterna,
tão bom saber que o fim será um começo, tremulina
acariciando a água, revérbero diluindo a terra!
Nenhum flagício corrompe alguma consciência,
resta a gramática, improfícua, inútil, arbitrária.

O sentido certo de uma nebulosa que arde ventos
pelo universo do sentimento quando a sensibilidade

reconhece a ausência como a única lei governável.
Estou no dia, sou um homem. Soletro sons antigos,
palpita-me o desejo, viver, viver, o sangue quente
articulando o caos pelo júbilo terrível da hora.

15/4/85

VIAGEM PATÉTICA

Este poético uredo sem substância grifa
ainda mais quanta ânsia sem resposta abafa
meu pensamento em epígrafe.

Não é desejo louco
nem babélico prazer, é um sadio vazio, manelo
de quanto vivi, é um eco insubstituível,
arfando e dizendo: escreve, escreve sempre,
seja dor ou alegria.

Exige a língua a prática
sem consolo ou prémio, quer a alma sentir paz
em cada verso que debita. Castigo, dizem alguns
para quem o génio não é revelação. Fado, ciciam
aqueles que conhecem o poder da voz.

Voo ou foz,
tanto faz, é sempre a mesma ânsia, escrever.
Ora o dia, ora a noite, ora a vida, ora a morte,
sem descanso, o fôlego isento de culpa.
Inventa-se um ritmo, depois é partir... Perder
nas águas o remoinho e o turbilhão, lambendo
pelo mistério o fogo, a raiz, a razão desmedida.
Basta ler as entrelinhas...

Basta sentir o poema,
não como a manifestação intelectual do homem,
seria demasiadamente ridículo, mas como um olhar,
um sinal perdido na contingência, uma mão macia
maravilhada com o alcance do medo.

Dizer há-de
ser sempre um crime, quer se queira quer não.
A natureza não suporta o raciocínio. O mundo,
como profusão da incógnita que governa o espírito,

jaz, sereno, na convulsão do limite.

É necessário
saber sentir, possuir um corpo, a carne branda,
o pénis ou a vagina disponíveis como flores
onde o remorso não colhe do passado a dádiva
de uma filosofia.

Multívago sentido, a margem,
a passagem, e sobretudo, desmerecida sempre,
a viagem, ao selo, ao solo onde o sol transluz
porque a palavra destrói o que o mito alicerça.

15/4/85

COMO NA GRÉCIA ANTIGA

Acordei. A realidade do sentido
nem sempre coincide com o sentido da realidade.
Luz em toda a parte. E o grito,
desvairando o som e o espaço circundante,
desvelo empobrecido: estou vivo!
Estou vivo!
Estou irremediavelmente vivo!

Avernal sensação, ser o meio, o centro, o lugar
pervigil onde o olhar dá do mundo a presença!
Estranho sentimento, respirar...
O quarto destruído pela noite pacífica,
a janela súbita, e a luz, a luz que flutua
como imersão sensual do corpo no calor profético!!!

Ainda vivo, apesar de tudo!
Vejo com um acúmen doloroso quanto me rodeia,
serei eu quem está em mim?
Em mim floresce uma floresta de degredos,
segredos banalizados pelo social desaire,
em mim renasce quem de mim fugiu há muito.

Quem nunca foi jovem jamais será velho.
É a lição do dia. Da manhã, velilho impressionante

neste solitário poema.
Paulatino desejo,
o corpo desagua no pénis, erecto halo profano,
estou vivo!

A casa silente como uma criança dormindo.
A sanita, o mijo, o ruído.
O corredor que leva à cozinha,
tanta luz, o calor subindo pelas paredes,
as paredes desertando a cozinha, fulgurantes telas
prefigurando o mecanismo da consciência.
A emoção simples: viver, respirar, cirandar...
Lá fora tudo quanto arvora um sinal vulpino.
Aqui dentro um oco, troco do universo
na troca com a esfinge da própria língua.
Jogos e mistérios. Como na Grécia antiga.

15/4/85

LÍNGUA POÉTICA

Hílare desvelo, passar pelo vulgívago e minaz
como se fosse possível vencer o poder do mundo.
A atracção, sentir o mal na sua deplorável essência,
para depois poder dizer: por aí passei, e fui feliz!

Feliz como a inconsciência cinérea, feliz
como a ignorância escarnecível. Dói profundamente
compreender a ciência como uma mentira honesta,
dói ainda mais perceber que a razão se pulveriza.

Resta o pó, resta-nos a língua e os livros.
O corpo da mulher como o único enigma, desaguando
em pleno desafio no martírio da sua ausência.
Possuí-la nunca será um prémio, mas um aviso.

De que vida e morte são faces tenebrosas
da moeda simbólica, um arrepio de estertor
ou de prazer, um esvair da consciência humana

pelo ignoto esgoto da incógnita além: mistério!

Nada mais importa, tudo é! Passar, passar, iterar
o ridículo canto da nossa permanência, um silvo
destituído de terra, de mar ou de sol, uma fala
ferina fedendo a arte ou a cobardia do génio.

Um certo carinho, contudo. Acreditar no inútil
é a suprema esperança. Não que haja espera,
mas sempre, sempre, viagem, em frente, imparável,
até ao final segundo do estigma, do destino.

Ubíquo sentido, viver pela falta a falha,
perder pelo tempo a eternidade de uma cinza,
gozar quanto espaço rodeia como se fosse assim
que a humanidade se desdobra em história e limite.

Língua poética, um contra-senso: nela se destrói
o animal sem âmago que eleva a voz ao hino.
Parece que é, usufrui de aparência, e no entanto
jaz sepulta no novelo onde é noite a própria luz!

15/4/85

A CARÍCIA

Nunca mais dizer vida. Esquecer a música,
ignorar que sentimentos ou emoções bordam
a estesia. Não se trata de nenhuma vingança.
Ou desejo de autodestruição. Mas dizer,
ou escrever, é sempre insuficiente, deixa
o travo da incompletude como a nódoa fatal
onde a vida, se não se perde, não se encontra.

Só a estupidez, não a inteligência, me faz
vir, canino e disponível, escrever a falta,
a exicial ignorância da sensibilidade tosca.
Viver, dói pensá-lo, nada tem que ver com a poesia.
As palavras, as elaborações artísticas, ardem

diante do mistério ou põem-se a inventar razões
plausíveis para a íntima vaidade da língua.

Sinto-a, vejo-a quase a passar, sibilina,
e no entanto, exposta benesse da imaginação,
não significa, nem vivifica quanto se sente,
se vê, se pressente ou se sofre no cerne do corpo.

Daí o dislate. O desejo sincero e autêntico
de disparatar, de dizer os contrários, desmaio
essencial onde o escrito reveste a dinâmica
do proscrito, o fundamento duvidoso da arte.
Daí o grito, o ódio quando a visão se rasga
em fragmentos de nada, um brilho sem luz,
daí a insatisfação, o desgosto e o desprezo.

Não há solução. Mas abandonar esta ficção
seria, pessoalmente, deplorável. Nenhum ser,
como eu, ou como o meu, aguentaria o sofrimento
de um vazio sem eco nem espelho. A palavra
reduz, traduz, luz uma possível ilusão, viver
em plena vida o que não se sabe, a carícia
letífera de uma mão deslizando pelo cosmos.

16/4/85

A DOR, O PRAZER

Frente ao real, se houver frente,
e tudo quanto sinto e vejo e ouço e ardo.
Terrível postura, desvendar a ignorância.
O riso alastra, votivo destemor diante da paz
que não alcança nem o espírito nem sequer a alma.
Estranhíssimas, as palavras! Uma espécie de loucura
fá-las explodir, ou sucumbir, como vozes perdidas
no sem eco da transcendência possivelmente humana.

Apetece destruir a mente com nirvanas adormecidos,
fluir na inconsistência dos verbos, apetece ficar

absorto e vazio e nulo diante da parede branca,
um mito ocidental, a razão supérstite da vacância,
uma ferida tão essencial que nenhuma chaga do lado
poderá absorver o limite dessa nodosa discrepância.

Frente a frente, e que disparete! Não há imagem,
mas o silêncio obscuro, um selo eterno possível,
um saldo maculado pela pretensão em desobedecer.
Que felicidade? Que amargura? Que disponibilidade?
Ir mais longe é ir em frente? Regressar desfalece?
Tantas perguntas, e o espírito interdito, inseguro
perante o corpo que não conhece a intimidade suxa
do problema, do aporismo, da desmedida necessidade!

Apetece inventar um outro real outro, para que tudo
fique na mesma. Isto é, para que se possa escrever
poesia ainda hoje, apesar do nada que se infiltra,
sedoso, na arrogância do devoluto pensamento. Rir
é um acto de fé, não a solução para a modernidade.

Dir-me-ão: de que se trata? Justamente, não se trata,
existe e aparece, escolhe e desfigura, mistura oclusa
de um sentimento que não atinge a emoção geradora,
como se a morte, perpétua descompostura da história,
falasse em termos de ambiguidade na voz despossuída
daqueles que se querem poetas pela desgraça lídima.
Há um lugar, ninguém lhe pertence, abre-o a ilusão
quando o poema finge, através dos ritmos verbais,
que tudo se resolve num ilapso revelador: a dor
da aparição enigmática, o prazer da desarticulação.

16/4/85

NENHUMA LIÇÃO A TIRAR

Enteléquia, enteléquia... A palavra repete-me.
Sensual som seduzindo e encantando o momento,
fez-se tarde e agora o sol redobra o canto.

O carro junto à porta, a pedir praia e evasão.
Dentro, eu, que penso na falta de dinheiro
para comprar gasolina. Tudo caro, até o sonho.

E essa doida palavra, enteléquia, enteléquia,
fustigando o espírito do lazer que me acolhe,
propiciando um poema sem pés nem cabeça: este.

Pessoas que passam como truísmos que se dizem
quando o quotidiano é rotina e pando ramerrão.
Mem Martins é o lugar, a praceta diz os olhos.

Um ritmo temeroso, uma ânsia horrível, o ócio
de quem trabalha a noite pelo marasmo eterno:
enteléquia, enteléquia... prossegue a canção.

A casa vidente, vazia, vasa tenebricosa da alma
que me habita, do corpo que debita uma suspeição,
viver pelo fio, a alegria solar, o nocturno elo.

Onde estou está a música do universo disperso:
certos sons, certos ruídos, pássaros despedidos
sobrevoando a apatia flente: enteléquia, enteléquia.

Tudo bem... Lá fora nem sequer a brisa marítima,
uma profunda estagnação, dos sentidos, da matéria,
como se a terra fosse um planeta sem história.

Sou quem canta fingidos extremos da ignorância,
digo entre dentes, enteléquia, enteléquia, sabendo
que o mundo nunca dará conta da metamorfose...

Nenhuma lição a tirar da tarde perversa. Cinge-se
a palavra ao espelho, o reflexo mente um tempo
onde ninguém sobrevive, exceptuando a morte.

16/4/85

NA NOITE INSONE...

Na noite insone sonhos humildes,
cenas pensadas mortas do passado que odeio,
tão vibrantes e visuais que só o suor as banha.
Meu passado foi a realidade. Daí o ódio.
Sonho acordado nenhum viveu o paroxismo
da verdade, da tumultuosa necessidade de mundo,
foi sempre sonhado entre a dor e a esperança.

Nunca vivi o que quis ou intimamente desejei.
Noites passo celebrando a fantasia do possível,
no entanto a realidade está sempre aquém.
Mesmo do possível.
Execro como banalidade e desperdício
quanta acção necessitou dos meus gestos,
era eu, não fui eu quem perpetrou o lugar comum
da vida que sempre, mas sempre, quis diferente.

Guarda o inconsciente a memória que bani.
De vez em quando, como hoje, uma amostra deturpada
do destino que me foi, é tão triste pensar
ou sentir que nunca realmente se viveu,
que apenas com pena se vegeta no reino do homem!
Tão ridículo e triste passarmos uma vida
a desejar em ânsias de amor qualquer coisa,
em vão!

Viver é como estar de fora do nosso sonho!
É não compreender o que se passa à volta,
isto, este terrível isto, esta coisa, este cansaço,
tudo, infelizmente, que não nos respeita nem concerne.
E depois, as ilusões!... Apareceu-me, inaudita,
aquela mulher que não sei se me amou,
senti-a finalmente tão perto, seu corpo sedativo,
seu rosto nostálgico onde um olhar despedia
toda a inútil saudade que não posso sentir.

Nunca foi minha, essa mulher. Se possuir
significa conhecer em termos declaradamente
bíblicos... Possuir e ser, loucos verbos.
Hoje, esta noite, foi-me de tal maneira essencial
que ainda agora choro de emoção infrene.

17/4/85

ARÉU

Tudo quanto me define, hoje: um olhar aréu.
Sinto-me bem, o calor finalmente chega à terra,
a luz arica uma sensualidade animal
que me enriquece. Sou deste mundo, apetece-me
escrever. Mas a falácia é evidente.
Meio-dia. Sentado diante do papel branco
confundo a minha presença. Ouço o fora.
Não sinto nenhuma especial atracção.
Eu estou aqui, onde quer que seja,
não me referia ao poema, às palavras, à vida.
Mas aqui é sempre um lugar, quer se queira quer não.

Um súbito singulto, sem saber porquê.
Se ser feliz não é isto, não é ser assim,
o que é ser feliz?
Tanta tautologia!
Soez pensamento varrido imediatamente.
Que sinto? Sei que fisicamente me sinto bem,
mas que sinto, quer dizer, que emoção ou sentimento
dilui a minha consciência, o meu corpo?
Me constrói? Da destruição disse quase tudo.
Não vale a pena regressar atrás. Valerá a pena?
Hoje, particularmente agora, não interessa, ao poema,
saber quem sou. Águas passadas... Interessa-me
saber o que sinto dentro de mim, quem sinto
como homem ou humilde ser...

Nenhuma presença é essencial.
Daí que a ausência, por vezes tão festejada,

esteja a um passo da resolução do enigma.
Mas não há enigma. Eu sou eu. Já está!
Para quê mais duvidosas filosofias, arestos
infantis como arestas que ferem o cerne do espírito?
Há o mundo, não é?, e há eu.
Há a vida e depois a morte, não é?
E mesmo se eu, que sou infalivelmente um homem,
reconheço que há mais em mim qualquer coisa,
que importa? Cada um sente o que quiser.
E mesmo que seja involuntário, esse sentir,
que importa? Sente-se isso, pronto.
Para quê tirar conclusões?

17/4/85

PELO CONÚBIO

Viver como se um sentimento universal
irrompesse na parte do corpo que se confunde
com a consciência, viver o seu sortilégio
e o suor do seu horror, o rosto divinizado
pelo apogeu do susto, o coração palpitando
como se fosse a primeira vez do único prazer.

Quando o Nada exige das horas a absorção,
o desmaio ou a malignidade da preguiça isenta,
sentir essa emoção, os olhos húmidos,
as mãos tebaicas compungindo um visual hino.

Viver e sentir pela inteligência da forma
a complexidade de tudo, o controverso contorno
como o silente imo.

Há amor na dispersão apocalíptica
que sopra pelo verbo, uma tal carícia
que se torna impossível improvisar a alegria
ou mesmo o tresloucado medo.

Indivíduo, respiro.
A constatação é inútil.

Mas como compreender a hora, o seu mimetismo,
a fauna e a flora que desorganizam o sentido,
visceral caminho para o ensilvado silêncio?
Acontece tudo ser, tudo mudar minuto a minuto
dentro como fora do olhar que testemunha,
presente, observa as ondulações ontológicas
de algo que, pela sua totalidade, se apresenta
como nada.

Só um sentimento universal nos redime.
A periferia tem que ser vivida, o bolor do nó
exige um carinho, a perspectiva metafísica
como a ardência material possuem caminhos
que poderão levar ao homem a sinestésica sabedoria.
Nada mais importa, quando tudo é rotina e ruína.
Mas como transformar o lugar comum do destino?
Como trazer até nós um sentimento puro?
Só pelo conúbio, penso, entre a acção destemida
e o perigoso papel da meditação que elucida.

18/4/85

UM AQUÉM OU UM ALÉM

Salso sol salaz, ocrácea luz percutindo
universo como se a carne do homem conhecesse
o mistério da visita ou a epifania do verbo!

Escrever esta leveza, a ancestral pureza
da imaginação que não se contenta com a história
nem com o que dela propalam as ciências.

Deixar emergir a ambiguidade do olhar pervigil,
não como um desvelo da confusão ou do opróbrio,
mas como sinal de oportunidade para o possível.

Célere pensamento, hílare emoção, sentir o bem
da terra, o sussurro do húmus perdido na voz
de quem ousa um cântico para a perplexidade.

Tempo protervo, espaço egresso, viver-vos dom
de um estremecimento primevo, como se fosse
natural sentir a eternidade da plenitude.

A língua procumbindo de tanta dor, a língua
gemendo de tanto prazer, ei-la, sensual ipseidade
diluindo os contrários, construindo a forma.

Como se a luz fosse um homem empobrecido
que procura na distância resolver o destino,
como se o homem fosse uma luz que desconhece.

Assim vai a emoção, sem momento nem sítio,
no grande vazio da contemplação, sentindo o arco
do riso, o plangente delírio de um choro sentido.

Não há propriamente realidade. Estar assim
é ser um aquém ou um além, nunca a fronteira
terrível onde esbarram os limites assumidos.

Fluidez solar, esquecido na memória o cordão
umbilical, reaparecendo nítido o sexo, anfígamo
desmaio onde a consciência se apercebe de tudo.

18/4/85

CHEGARÁ?

Cinzento bochornal este tempo onde o baixo céu
inaugura a depressão, o nervoso desafio
ao corpo que se desconhece depois de tantos anos!
Azáfama celular, correr de líquidos, suspenso
coração em segundos de espasmo, viver assim
a carne é uma aventura da visceral braquilogia.

Ironia, toda a modernidade do pensamento
dito ocidental. Vive-se o homem da caverna,
com outras roupas, outros utensílios, outras grutas.
Pensa-se o limite da sobrevivência, nenhuma arte

é importante quando limita a imitação ao sortilégio da realidade. Sente-se o informulável, o sangue, os humores, as causas como os efeitos, não se sabe como dizê-lo depois de tantos séculos de afirmação e de natural negação.

Sente-se e pensa-se, chegará?
Não há desafio no universo. As querelas nascem do espaço, do animal que incita ao mal, como se o poder fosse algo de transcendente.

Há-os, sou um deles, que tentam compreender a língua. Não os seus mecanismos. Bastaria para isso a mais ou menos ciência que já existe. Mas o que dela sobressai, não de puramente verbal, mas de essencial para a mitologia do homem. Certas organizações, certas formas, certas vozes que se fazem eco de matérias como a vida ou a morte.

Daí a não possuir pensamento é um passo. Daí a não poder ser receptáculo da identidade, uma monstruosidade. Tudo me diz, nada me perfaz! Há a sensibilidade, condoída, periférica, solúvel no desejo de se construir a partir do nada um campo de valores capazes de ordenarem o caos das sensações, dos sentidos despertos.

Batalha difícil, guerra perdida, talvez.
Jazem, em forma de poemas, os engulhos e as alegrias, sinais milenários do momento que se propõe eterno!

19/4/85

A INOCUIDADE DO FITO

Vou tripetrape pela língua como um selvagem, descobrindo o horror e a náusea, gozando a alegria e a eternidade, animal futuro onde o presente da vida

consiste em perseverar, em sentir o domínio
como um lugar impossível onde a tentação apela.
Chama torva, o fogo extraído do símbolo
e da história, a ignorância como uma ausência
que significasse o necessário sentido da liberdade.

Fluxível marulhar do universo em sua energia
cega, nenhum esplendor como esse do silêncio
quando o homem se apercebe que há mais
no vazio que resta depois de disperso o olhar!

Todos os livros escritos, só esse livro atrai.
Lê-lo, página a página, lambendo o corpo sensual
da impossibilidade de uma doutrina,
como se o amor, de reinventado, surgisse ferida,
ou chaga onde a cicatriz seria o próprio cosmos.

Paradoxal desvelo, pensar.
Existir no homem como uma fogueira incógnita,
o paradigma de uma civilização que se despreza,
o ódio salvador, súbito, de quanto não se alcança!

Nenhuma necessidade de volver ao começo, se houve.
Nenhum desejo de perfilhar a gramática, se há.
Mas a viagem, partir e chegar, e depois partir
pelos meandros da realidade, a única,
aquela que cala bem fundo a voz intempestiva
do mundo, da matéria ou do sonho, figuras locais.

O grito selvagem, dizer: vivo!
Toda a sabedoria, por inexistente, aí contida,
aí cantada em versos telúricos como inefáveis,
num apogeu de génio onde a mediocridade
teria a sua mesa, o seu pão, o diagnóstico favorável.
Mas gritar: estou vivo!, como se a própria morte
fizesse parte da vida, do poema suspicaz e terríssono
onde o homem descobre a inocuidade do fito.

19/4/85

NO MEIO DE TUDO ISTO

Não haver, no meio de tudo isto, nenhuma personagem,
nenhuma ficção, nem sequer a da arte.

Haver simplesmente um homem, estupidamente.
Nem a paisagem conta, viajar é perder o sentido
da intimidade que liga o olhar ao sol.

Nada a fazer. Não há problema.
A vida dói ou contempla pelo canto,
os passos são dados no areal em fogo da estesia,
a plural liberdade, sentir o vazio e o pleno,
dessentir completamente o brilho do chamamento.

Basta continuar para se ser.
Nem é preciso fundar uma metafísica, seria inútil
querer distinguir os lados irreversíveis
da pose como estatuto indecente do ser.
Já não se fala da psicologia. Demasiado tarde,
convenhamos. Nem de nenhuma disciplina terrestre.
Basta ver e sentir e depois escrever
para se compreender que não basta a língua.
Foi tudo provado, tudo continua na mesma.

Só a pergunta arde, indiferente.
Vive-se nela a própria humanidade,
o cataclismo célere do pensamento,
a catástrofe cega da sensibilidade torpe.

Há um momento em que a distância é nula,
de onde a onde ninguém responde, sabe-se apenas
o que a solidão dita quando o orgulho
reflete o diapasão cósmico de uma aurora.
Presença a ausência, assim eclode e irrompe
a luz, o sibilino mergulho na consciência das coisas,
irreparáveis mecanismos da mordacidade imbecil.

É-se homem. Finge-se, por que não?,
uma história. A mitologia guerreira, exige

um acervo de eventos, as peripécias infantis
da ultrice idade. Usa-se vocábulos onde o povo
transpira o que de melhor soube comunicar.
Em vão. Homem se nasce, homem se morrerá.

19/4/85

MIL VEZES

Regressar ao mundo, considero, os olhos pestíferos.
A que mundo? Ao de onde não sou nem vivo,
ao mundo do olvido, onde cada dia deixo a sombra
de quem não me pode viver.

Terrível estagnação, estar vivo dentro do ódio
que se sente pela sociedade do homem,
uma navalha sustendo o corpo que se encolhe
até ao beijo do medo.

Como poder ser como os outros?
Assim, miserável e ridículo, vítima e algoz
de esquemas, de sistemas intelectuais onde a carne
dita o instinto, a feroz odisseia da posse.

Aborreço todo e qualquer poder
para poder pertencer ao todo de que é feito
este insofismável mundo, vivo possivelmente aquém,
respiro terebrantemente um além que me inspira.

Nenhuma lei, por ser necessária, me ilude
ou me apazigua. Sofri possuir em mim um sexo,
sofro agora viver no sentido proibido
vendo cada minuto passar pelo relógio inútil.

Oh, sim, desejei transformar o limite.
Procurei na secura dos dias diluir a luz íntima
que me procriava em desespero de causa,
recebi apenas, da instituição mítica, a pedra.

Que não funda nem a alegria nem a comunicação.
Que fere, feliz metáfora, o corpo do edifício
onde me protejo da moeda capital no tempo
propício ao descalabro.

Uma outra vida, quis. Disse mil vezes,
é preciso mudar, o corpo, a mente, o olhar,
o caminho, as margens da tresloucada agonia.
Só eu mudei. Estrangeiro, aufero um exílio.

19/4/85

DUVIDAR

Uma fraqueza ancestral instala-se na percepção
das coisas, o dia esconde a fala do universo,
a luz seduz mais do que esclarece.

Terrível hora, duvidar.

O corpo enleio de dores, o pensamento
navegando à deriva onde a jangada falha.

Manhã de água, essencial.

Detruso olhar, a cena reduz-se ao quotidiano,
nenhuma revelação, apenas a cabeça atordoada
com tanta leveza que não pode ser atribuída
ao lugar comum do ser.

Glutinoso o sentido da extrovertida emoção.

Parece um mar, o sal saltando sensual e capcioso
até ao refluxo íntimo onde a permanência
deixa de ser mistério ou enigma.

O dia desbaratado, sem se saber porquê.

Há sempre a esperança no acordar efémero,
mas hoje, sinuosa língua, a dor surgiu primeiro,
irrefragável, obscena, tumultuosa como um fim.

Aborreço contudo a inteligência. Odeio,
sarçoso, a sensibilidade. Atrai-me o mineral,
a pedra da vertical aleivosa, o mármore frio
onde nenhum sofrimento corrompe o silêncio.

Há uma civilização da estupidez,
é preciso dizê-lo, entre a fome e o engulho,
entre a política do interesse e a luz celular
onde a história se perde, balbucia o medo.
Ser irremediavelmente outro, o desejo medular.

Não há poema que filtre a ausência.
Há tantas palavras que é inútil escrever
a epopeia do segundo ou a explosão milenária
da fealdade que irrompe na consciência doente.
Viver é um mito realizável, uma utopia delinquente,
sabe a ignorância nos tantos livros que jazem,
abstrusos e obsoletos, na memória eruginosa.
Há só poemas intercisos, inditosos, cenosos.
Amálgamas e fragmentos da disparidade existencial,
gritos tentaculares declamando a profecia torva.

22/4/85

UM PALCO

Finda, paradoxalmente, a heliofilia, que me resta?
Nada surde capaz de me devolver ao real.
Envaginado, recluso, suporte do pensamento
o engenho crapuloso com que se perturba a palavra.
Um nó de horror, sentir que nada mais existe,
nem sequer o período de paz que se almeja.

A vida vai, feliz ou infeliz, vai.
Desenterrados os verbos da surdez molecular,
que significa dizer o que quer que seja?
Doxomanias dão lugar a dacriorreias,
argivos séculos culminam na deplorável secura.
Tudo bem, dizem as máquinas modernas.
Funcionam. E o homem?
Que moralidade o entristece, que sexo queimoso
ordena a sua necessidade, o seu delírio?
São perguntas sem resposta.
Mas a vida vai, traumatizada ou álaque, sempre vai.

A realidade silenciosa, diria, criminosa.
Igual à lipofrenia que acomete os povos velhos,
um rasgão onde a sombra deplora o sol.
A realidade sempre de fora, um palco, um aceno,
o tenebricoso monumento da falência
como diálogo entre as comunidades do homem.
Há um riso que destrói cada fôlego da respiração
sensível, há um mal que vocifera os algarismos
da ruína e do opróbrio. Nenhuma palavra salva.

Mas a vida vem, chega, reluz, introduz a língua
no seio seráfico da mitomania, que bem, que descanso!
Tudo continua, até o poema proceloso,
incapaz de uma estética como de uma formidolosa
poética, relatando as nonadas casuísticas
onde se perde a noção de começo e de fim,
essencial para a compreensão do sentimento
que abastece o século de conquistas tecnológicas.
Abre-se a loucura, finalmente exfoliada.
Uma luz viva, e no entanto, obtusa, irreal, devoluta.

22/4/85

A HORA

Num conturbado secesso jaz a minha alma.
Letal chama ardendo na ausência do anelo,
clama entre cantos de amor por um lugar
onde o possível seja vida, e a vida, eterna.

Matriz maculada pelo morso da anamnese,
uma poética perdida, uma cena depauperada
quando o actor homem encerra pela palavra
o desejo virulento de um além incoativo.

Mas as palavras dançam, sacodem de prazer
o ritmo, espeques telúricos onde o destino
se desfaz de encontro ao semiânime vagido
de quem ignora a hora do sédulo frémito.

Ninguém compreende o vasto clamor da terra,
a água avança entre rútilos sóis de pasmo,
o fogo queima a extensão do sonho esparso,
no ar o revérbero denuncia a subtil farsa.

Ir onde o céu seduz o olhar de quem ama,
e depois ver, se possível, o vurmo infinito
do sangue que debanda o corpo e o espírito,
conceitos do guinhol onde naufraga a hora.

Quanto ao regresso, esquecê-lo é melhor.
Nenhum caminho, mas o peso dos anos, história
sem memória, uma experiência elevada ao caos
quando a marca da passagem é puro cíbalo.

Arfam os gestos, tacitíflu o tempo engana,
procura esconder o fedor da decomposição,
um abstruso abismo madeficado em lágrimas,
remissas metamorfoses de uma humana acção.

Alamarado o corpo confunde a alma de prisão.
Nenhum sortilégio, apenas o vago volutabro
onde os pés enxameiam de sombra a ninharia.
Sobra a língua, quérulo obstáculo da vida.

22/4/85

DA PUREZA

Nada me chama, poema, tudo existe além.
Continua a vida, não é contudo inspiração.
Cinzenta a tarde, pela casa cresce a sombra,
só aqui, junto de ti, há uma certa luz.
Não é fingimento. Será solidão?
Nenhum árduo ou minúsculo pensamento,
emoção nenhuma. Não sei se estou ritualmente
triste ou contente, sei que vivo e que sou.

Mas o momento pede à possibilidade da língua
uma janela, uma gema, um formato de consciência.
A pergunta ausente, inútil dizer: quem é quem.
Tudo aparentemente bem, nenhuma dor do corpo,
nenhuma aflição hipocondríaca. O dia passa,
as horas passam, a vida passa pelo poema.

Envaginado sonho, apetece reviver a faúlha,
o mérito que subsiste no ódio e na raiva,
o desperdício que é sofrer sem feraz remissão.
Mas o passado volatilizou-se, fogueira
onde só a memória, quando existe, descobre a voz.
Que parte de mim, que parte do homem me é agora?
Serenidade, este desconchavo, esta estupidez?
Algum frio, sincero como a natureza indelével,
uma leve impressão de teatro neste desprezo.

Terrível poema, que se ignora. Forâneo,
dói e fere, como se noutra lugar a vida
estivesse protegida dos estados de alma.
É possível que seja uma subitânea tristeza.
Sem razão. É mesmo possível que não seja,
ou só seja uma contradição. A folha falha,
a linguagem dá passagem ao vazio vernacular,
uma certa felicidade nisto tudo, apesar de tudo,
como se dizer comportasse sempre a vingança
ou o sigilo do imponderável, utopia tosca.

Ei-lo, finalmente, o sentido, tantas vezes
perdido ou esquecido, da pureza.
Nada mais há a dizer, senão isto, este nada.
É preciso sobreviver, reconhece o poema.

23/4/85

A ANGÚSTIA

A angústia
vivida fedentina do férvido arremesso,

nada sentir, e no entanto sentindo o movimento da vida como um colapso, um desmaio, uma corrupção. A inconsciência putativa, fala estulta onde nenhuma estética se apercebe do perigo, do abismo, do precipício. Dizer o auge, escrever o diário real de um imaginário que deturpa a construção da realidade, e depois ler, reler quanto do expresso e dito não significa uma só imagem do que poderia ou deveria ter sido. A insuportável angústia de se ser só. Um espasmo do pensamento, a tentativa de abarcar a totalidade de tudo, esse deplorável sonho onde ninguém, nem mesmo eu, sobrevive. Não é que esteja cansado. Mas persistir, para quê? Quem, do mundo, do homem, da relação absoluta, irreal e cósmica, me ouve, me lê, me escreve? Que sensibilidade me afoga, me afaga? Nenhum livro é essencialmente possível, todos os livros se esquecem de qualquer coisa que existe, palpável ou invisível, todos os livros mentem uma naturalidade que lhes é alheia. A angústia é sabê-lo, e persistir, mesmo assim, na elaboração imbecil de um sonho, dia após dia, quase mecanicamente, como fatalidade na qual não se acredita, como natureza que nos torna ainda mais pobres. Nada a fazer, diz a canção. E no entanto..., todos os dias algo que eclode, uma cintila, um medo impávido, a necessidade visceral, existencial, em pactuar com a ilusão, sabendo da inutilidade como noção acerba da vida e do próprio verbo. Esta indefessa angústia, sentir. Sair de quem se é para fazer explodir de linguagem quem nunca, felizmente, se poderá ser. Uma sideral ficção.

23/4/85

SER TUDO E NADA

A cabeça perplexa e difusa,
tal leveza atraiçoa a verticalidade,
tanta dispersão inaugura o medo da loucura.
Vou pela rua, o sol salutar saudando sédulo
o meu desejo de primavera, um calor
nascido do céu, quando o azul empalidece
de cósmica poalha ou de nuvens derretidas.

É possível que haja Ser,
ignoro. Há um corpo teratológico, o meu,
incompreensivelmente derrelicto e anómalo,
trazendo-me linguagens furibundas
como o desejo de fogo, de lume ou de cinzas.

Eu que amo tanto a vida.
Eu que desejo viver pela primeira vez
a vez primeira, inocente e humano e simples.
Eu que, quando a noite arrefece e a luz debanda,
sinto uma espécie de oração sulcando os lábios
daquilo que poderia ser a minha intimidade.
Viver, viver, ciclo.

Amo sentir o que vejo e ver o que sinto.
Fantástico mundo, mundos fantásticos
em paulatinas transformações, o movimento
concluindo pelo infinito a mudança de tudo,
o complexo brilho de um Nada que desobedece
às leis físicas como psíquicas.

A manhã tal como a quero: tão calma,
tão silente, rubro do sol imanente pairando
em forma de cor, um delírio nesta ordem breve,
e súbito ruflar de inexistentes pássaros
no real onde medita a natureza.
Pena não ter cabeça para gozar a hora.
Vejo e ouço e sinto amorfa a expectativa,
de longe, como um corpo displacentado

do seu universo. Não sou estrangeiro.
Que sou então? Findas as mitologias, que sentido
subsumo, que língua presumo minha para poder
dizer: tudo me é estranho, só no nada sou.

29/4/85

TRAVESSIA

Nenhum dédalo, nenhum deserto,
excepto esta travessia, passar, passar.
Ínsito no tempo como uma ousadia,
respirar a história pessoal,
cada dia diferente, mais velho e impotente,
um homem perdido na indiferença do mundo.

Doente, incapaz de uma coalescente metafísica.
Para explicar. Para ceder à tentação
do exorcismo. Nada. A consciência que se julga
um avanço da natureza humana impede-me
de sonhar, de desiludir o que tanto espero
de mim, um estúpido exemplo de conquista
sobre as forças do Mal.

O desejo é grande de cair no infantilismo.
Seria uma cura? Perder o olhar adulto
do sofrimento e vaguear, indeciso e ilídimo,
pelo aquém de qualquer língua que se preza.

A dor enlouquece. Compreendo o suicídio.
Há um momento em que o tempo pára e nenhum relógio
pode captar o sentido do Ser, só a fogueira arde,
as faúlhas incandescentes saltitando leves
da mais profunda irresponsabilidade.

Olho-me com vergonha no simbólico espelho.
Um teatro, isto, estar aqui, vivendo,
respirando, sentindo que algo está a mais,
um corpo estranho, talvez o meu, uma voz dúbia

recitando as peripécias ardilosas do medo,
segundo após segundo, terebrantemente.

Paz, é quanto peço.
Um minuto de descanso, todo o mar,
longínquo e fundo, um desejo de sal e sol,
um silêncio de disponibilidade anímica
perante as forças ditas da natureza,
paraíso ou inferno.

29/4/85

MUDAR DE SOL

Que experiência me soleva para poder
escrever este sol rútilo de indiferença?
Não é a febre que impera. Antes é a acalmia,
sentir como uma dádiva a rotina das estações.

A casa transforma-se na rua e o calor vidente
espelha-se no revérbero sobre o asfalto nu.
Algumas árvores de subúrbio declinante,
a ida e vinda dos poucos e sábios afazeres.

E enquanto vou medito sem passado nem futuro,
o pensamento solto, selvagem como o brilho
de um desejo que não se pode esquecer:
delírio, a metamorfose enfim do inexistente.

Fui mais jovem. Envelheço. Todos os dias
o corpo fala a sua íntima perdição, sinais
que vão e perpassam da pele ao coração,
da cabeça envilecida aos pés terrestres.

Há nisto tudo uma certa loucura da imagem
como precursora da imaginação moderna. Há
um riso estranho, sensual e fino, eclosão
textual do silêncio perante o acre destino.

Nenhuma escrita dita o sortilégio da aparição.
Nenhuma voz verifica o esplendor do engano.
Nenhum desígnio, mas a alegria talvez espúria
de um diálogo impossível com a própria língua.

Há momentos que são eternos porque devolvem
às palavras o sigilo da ausência, há deleites
viscerais porque o êxtase comporta em si
a máxima extensão de uma distância ontológica.

Sempre procurei o inefável, estupidamente.
Sentir pela linguagem o mundo não me bastou.
Meu fito é transplantar a experiência total
na margem dos sentidos, e aí mudar de sol.

30/4/85

A LINGUAGEM DA LABAREDA

Sentir em tudo, quero, a multifária vida:
um espelho erodente onde a alma espera
resistir ao brilho do sol: essa desmedida,
esse abuso engendrando nesta perclusa era
o caos apetecido, a dúvida, o ardor homicida
com que se descreve a desolação da quimera.
Sentir o homem como um ser devoluto, breve,
espaço terrível onde o neutro tempo escreve.

Senil pensamento, perder a verticalidade
com compromissos onde o corpo doente
destrói o espírito da total liberdade.
Fazer é o verbo, e no entanto, ingente
é o estremecimento perante a desigualdade
que instala na língua o opróbrio silente.
Viver, viver, mas que sinal ou sina ou hora?
Tudo apodrecido, ninguém sobrevive à demora.

Cada livro explora uma identidade amena.
Cada mundo é um livro, se a inversão perfaz

o ciclo da inteligência. Sensibilidade plena,
o poema acha no acaso a luz, o nó pervicaz
onde a inocência se perde na voz obscena
que introduz o mito como desvelo minaz.
Saber encontrar é a perícia do leitor.
Desejar é investir no ódio todo o amor.

Sabe-o ao menos agora que é fim o começo.
Todos prevaricam, resta o caminho absoluto,
calcorreá-lo todos os dias de avesso.
Não há possível meta, que a morte minuto
a minuto se infiltra no movimento espesso.
Há apenas o sentimento da alegria, nuto
perante a vida que eclode em cada queda.
Difícil compreender a linguagem da labareda.

30/4/85

LIVROS ESCRITOS
EM MEM MARTINS, SINTRA, PORTUGAL